

**O USO VARIÁVEL DO QUANTIFICADOR UNIVERSAL NO SINTAGMA NOMINAL  
NA LÍNGUA FALADA DE FLORIANÓPOLIS**

por

**ANGELA CRISTINA DI PALMA BACK**

Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

***Orientador: Prof . Dr. Paulino Vandressen***

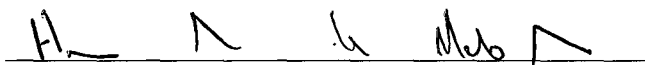
***Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Izete L. Coelho***

FLORIANÓPOLIS

2000

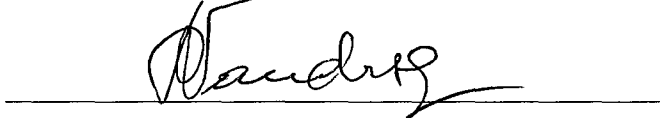
# O USO VARIÁVEL DO QUANTIFICADOR UNIVERSAL NO SINTAGMA NOMINAL NA LÍNGUA FALADA DE FLORIANÓPOLIS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua fase final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.



Coordenador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

## Banca Examinadora:



Prof. Dr. Paulino Vandresen (UFSC)

(Orientador)



Prof. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC)

(Co-orientadora)



Prof. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC)



Prof. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (UNESP)

Aos professores Izete L. Coelho e Paulino Vandresen, pela orientação e pelo auxílio em todas as etapas da realização desta pesquisa e, sobretudo, pelo carinho e confiança depositados ao longo do caminho desde a minha incursão no Projeto VARSUL.

À professora Edair M. Gõrski, pela amizade sincera e pelos momentos *abralinescos* que nos tomou ainda mais próximas.

Ao sábio professor Eurico Back, que abriu caminho para que eu chegasse até aqui.

Às companheiras de discussão da sociolinguística, mestrandas e doutorandas, Carla, Diane, Isabel, Juçá, Mariléia, Márluce, Tatiana pela amizade, compartilhando dificuldades e alegrias.

Ao grupo de bolsistas do VARSUL, Márcio, Raquel e Simone, por manter o nosso espaço físico no projeto e pela ajuda prestada em diversas ocasiões.

À Marisa, pelo tempo dispensado a mim ao auxiliar-me nas rodadas do VARBRUL e pelos cafezinhos pra lá de especiais.

À Adriana e Alice, pela paciência em posicionarem-se acerca desta pesquisa, sempre discutindo e propondo mudanças quando eram devidas, mais um dos sinais de amizade.

À Hilária e Elton, pela atenção dispensada aos meus filhos quando eu estava ausente.

A todos os familiares, pelo estímulo constante.

A todas as demais pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

A CAPES, pelo suporte financeiro.

Agradeço.

*A meu companheiro de todos os momentos,*

*Paulo;*

*a meus filhos,*

*Mateus e Paula;*

*a meus avós e a minha mãe,*

*Otília (in memorian), José Antônio e Quitéria.*

**dedico.**

## RESUMO

Nesta pesquisa, propomo-nos a tratar a ordem do quantificador universal no sintagma nominal que se realiza no português falado de Florianópolis pelas formas *todo (a)*, *todos (as)* e *tudo*. Para esta investigação, utilizamos dados extraídos do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

Analisamos a ordem variável do quantificador universal no sintagma nominal, verificando em que medida ocorre a influência de fatores lingüísticos e sociais sobre o uso de uma ou outra variante, estabelecendo algumas restrições que delimitam o contexto de variação. Para essa verificação, conciliamos a Sociolingüística Variacionista e a Gramática Gerativa com o intuito de explicar o fenômeno.

Os resultados estatísticos atestam a influência de grupos de fatores com motivações lingüísticas: forma do quantificador universal, ordem dos constituintes, tipo de verbo amalgamado com tipo de argumento; e de grupos de fatores com motivações sociais: idade e escolaridade, no condicionamento da ordem QU no SN, propiciando indícios de uma distribuição complementar entre as ordens [QU SN] e [SN QU/ SN...QU].

## ABSTRACT

The purpose of this thesis is to study the variation of the universal quantifier *todo* (a), *todos* (as), *tudo* in the nominal syntagma in Portuguese spoken in Florianópolis. In order to carry out this investigation we took samples from Data Bank of VARSUL Project ( Banco de Dados do Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

In the development of the present research we consider the canonic order; universal quantifier - nominal syntagma (QUSN) to verify which linguistics and social factors condition the use of one or another variant (QUSN/SNQU/SN...QU) in the light of Sociolinguistics Analysis and Generative Grammar.

The statistical results show the influence of groups of factors with linguistic motivations: form of the universal quantifier, order of constituents, type of verb amalgamated to type of argument, and the influence of groups of factors with social motivations: age and education, in characterization of the phenomenon.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO 10

### CAPÍTULO I - FENÔMENO SOB ESTUDO 12

1. Analisando o problema 12
2. Quantificação e o QU 13
3. O ebcio da nossa proposta de estudo 15
4. Recortando o objeto - a ordem do QU 19

### CAPÍTULO II: PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA 26

1. Conciliação teórica 26
2. Teoria da Variação 29
3. Aparato sintático: Modelo de Princípios e Parâmetros 34
  - 3.1 Principais enfoques para o estudo do fenômeno 34
  - 3.2 O fenômeno da flutuação do QU no PB 36
    - 3.2.1 O movimento do verbo (ou a falta dele) para a flexão 37
    - 3.2.2 A inversão interna do QU no SN 39
    - 3.2.3 Característica posicional semelhante aos operadores WHs 40

### CAPÍTULO III: ALGO MAIS SOBRE O FENÔMENO 44

1. Possíveis interpretações semânticas para o QU 44
  - 1.1 Da especificidade 45
  - 1.2 Da genericidade 51
  - 1.3 Estudo semântico de Vazzata-Dias 54
2. Outra interpretação para a quantificação 58

### CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 61

1. Percurso 61
2. Delimitação e contextualização da variável 64
3. Contextos de restrição 65
  - 3.1 Restrição a alguns SNs com a presença do QU 65
  - 3.2 Critério sintático 66
  - 3.3 Expressões cristalizadas 66
4. A variável dependente e as variáveis independentes 67
5. O detalhamento do *corpus* 69

### CAPÍTULO V: A ORDEM NÃO MARCADA VS A ORDEM MARCADA - A VARIÇÃO 71

1. Variável dependente 72
2. Os grupos de fatores lingüísticos 75
  - 2.1 A forma do QU no SN 75
    - 2.1.1 Caracterização e hipótese 75
    - 2.1.2 Resultados e discussão 77
  - 2.2 Ordem dos constituintes 78
    - 2.2.1 Caracterização e hipótese 78

|                                   |   |            |
|-----------------------------------|---|------------|
| 2.2.2                             | Resultados e discussão  | 80         |
| 2.3                               | Cruzamento dos grupos de fatores; tipo de verbos e tipo de argumentos | 82         |
| 2.3.1                             | Caracterização e hipótese do tipo de verbos                           | 82         |
| 2.3.2                             | Caracterização e hipótese do tipo de argumentos                       | 84         |
| 2.3.3                             | Resultados e discussão  | 85         |
| 2.4                               | O traço semântico de animacidade dos SNs quantificados                | 88         |
| 2.4.1                             | Caracterização e hipótese   | 88         |
| 2.4.2                             | Resultados e discussão  | 89         |
| 3.                                | Os grupos de fatores Sociais  | 91         |
| 3.1                               | Idade   | 92         |
| 3.1.1                             | Caracterização e hipótese   | 92         |
| 3.1.2                             | Resultados e discussão  | 92         |
| 3.2                               | Escolaridade  | 93         |
| 3.2.1                             | Caracterização e hipótese   | 93         |
| 3.2.2                             | Resultados e discussão  | 94         |
| 4.                                | Conclusões Parciais   | 96         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>       |   | <b>99</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> |   | <b>103</b> |



## LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

### QUADROS

**Quadro 1:** Classificação das sentenças quanto ao tipo de predicado: SL e IL

**Quadro 2:** Distribuição do tipo de QU quanto à interpretação específica e tipo de predicado

**Quadro 3:** Distribuição dos informantes segundo as células sociais

### TABELAS

**Tabela 1:** Distribuição da forma *tudo* no SN

**Tabela 2:** Distribuição das formas variantes da ordem do QU no SN

**Tabela 3:** Distribuição das formas variantes da ordem do QU no SN em que as ordens marcadas estão amalgamadas

**Tabela 4:** Distribuição das variantes do grupo de fatores a forma do QU no SN sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 5:** Distribuição das variantes do grupo de fatores ordem dos constituintes na frase sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 6:** Distribuição das variantes dos grupos de fatores tipo de verbo e tipo de argumento amalgamados sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 7:** Distribuição das variantes do grupo de fatores animacidade sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 8:** Reanálise da distribuição das variantes do grupo de fatores animacidade sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 9;** Cruzamento entre o grupo de fatores animacidade com o grupo amalgamado tipo de verbo e tipo de argumento sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 10:** Distribuição das variantes do grupo de fatores da idade sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 11;** Distribuição das variantes do grupo de fatores escolaridade sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 12:** Atuação da idade com escolaridade sobre o uso da ordem [QU SN]

**Tabela 13:** Frequência geral da ordem do QU no SN segundo os grupos lingüísticos selecionados

**Tabela 14:** Frequência geral da ordem do QU no SN segundo os grupos sociais selecionados

## GRÁFICOS

**Gráfico 1:** Comparação entre o uso das formas do QU em variação

**Gráfico 2:** Formas variantes da ordem do QU no SN

**Gráfico 3:** Traço de animacidade do SN com QU

---

## INTRODUÇÃO

---

O quantificador universal realizado sob as formas *todo (a)*, *todos (as)* e *tudo* posiciona-se ao longo da estrutura sentencial em diversos pontos, manifestando um fenômeno em variação quanto à ordem. Esse fenômeno já foi atestado em outras línguas como o inglês e o francês conforme Pollock (1988) e é conhecido como a flutuação do quantificador universal.

A fim de investigar tal flutuação, pretendemos verificar em que medida esse tipo de fenômeno ocorre e quais os condicionadores de tal flutuação no português falado da zona urbana de Florianópolis. Esse estudo, inclusive, pode ser parâmetro quanto ao que ocorre em nível de língua falada no Brasil, visto que não temos nenhum registro de outro estudo quantitativo dessa natureza.

Nesta dissertação, utilizamo-nos de dados referentes ao *corpus* da região urbana de Florianópolis do Bando de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Para a sua realização, utilizamos trinta e seis entrevistas de informantes nativos, estratificados de acordo com as variáveis sociais: sexo, idade e escolaridade.

A organização deste trabalho compõe-se de cinco capítulos. No primeiro, descrevemos e apresentamos o fenômeno de nossa investigação privilegiando o casamento entre a Teoria da Variação e a Teoria Gerativa. Fizemos o esboço de nosso objeto de estudo; a ordem do quantificador universal (QU) no sintagma nominal (SN). Delimitamos o fenômeno do QU e depois tratamos de apresentar suas formas de realização: *tudo* e *todo (a) (s)*. Finalmente lidamos com a particularidade da flutuação, apontando que este fenômeno também ocorre em outras línguas.

No segundo capítulo, apresentamos o quadro teórico. Nele, há a proposta de conciliação teórica mais abrangente entre a Teoria da Variação e a Teoria Gerativa. Retratamos como pode ser feito esse *casamento*, sendo que o nosso trabalho insere-se dentro dessa linha conciliatória chamada de paramétrica e que teve como principais precursores Fernando Tarallo e Maiy Kato com uma série de publicações entre os anos 80 e 90. Nosso

intuito, conciliando estas propostas teóricas, é enriquecer ainda mais as pesquisas ao explicar os diversos fenômenos que condicionam uma ou outra ordem do quantificador no SN.

O terceiro capítulo trata dos traços semânticos de especificidade e genericidade. Propomos uma descrição do QU, considerando esses dois traços quanto às suas possíveis interpretações. Para discutir esses traços, trazemos alguns teóricos como: Enç (1991) que discute conceitos acerca da especificidade; Diesing (1992) que centra sua argumentação em torno da genericidade; Larson & Segal (1995) que relacionam a quantificação com o ato de apontar, cuja relação parece aproximar-se com o que se constrói acerca das interpretações específicas e genéricas; e, finalmente, Vazzata Dias (1999-*mimeó*) que se utiliza desses autores para fazer um estudo semântico do quantificador universal no português do Brasil.

E, no quinto capítulo, caracterizamos os fatores que motivaram o uso de uma ou outra ordem do quantificador universal no sintagma nominal, apresentando as hipóteses levantadas para cada grupo de fatores e discutindo seus resultados. As variáveis controladas foram distribuídas em fatores sintáticos, semânticos e sociais.

Por último, nas considerações finais, comentamos os resultados mais relevantes da análise quantitativa.

---

## CAPÍTULO I-FENÔMENO SOB ESTUDO

---

### 1- ANALISANDO O PROBLEMA

Com este estudo, propomo-nos a mostrar a variação da ordem do quantificador universal (QU) no sintagma nominal (SN). O modelo proposto para esta investigação concilia a Teoria da Variação (LABOV, 1972; 1994) e alguns pressupostos básicos do modelo de Princípios e Parâmetros na versão da Teoria da Regência e Ligação (cf. Chomsky, 1981 ;1986).

Ô foco da análise se dará nos contextos írasais em que o fenômeno se manifesta sob as formas ‘tudo’, ‘todo(a)’ e ‘todos(as)’ com a mesma equivalência semântica, considerando-se apenas as posições argumentais, como mostram os exemplos que seguem:

- (1) a ... *todos* os meus tios ficaram muito chateados. [FLP20L94]  
b.... os meus tios *todos* ficaram muito chateados.  
c.... os meus tios ficaram *todos* muito chateados.
  
- (2) a ... porque ela conhecia as famílias *todas*. [FLP24L489]  
b.... porque ela conhecia *todas* as famílias.  
c.... porque as famílias, ela conhecia *todas*.

Buscaremos investigar e descrever os condicionamentos do uso variável da ordem QU no SN, a partir de dados coletados em entrevistas gravadas e codificadas pelo Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul).

Este capítulo norteará as linhas gerais do fenômeno sob estudo: como nasceu a proposta; o que entendemos primeiramente acerca de quantificação, em especial acerca do QU e sua flutuação no português do Brasil (doravante - PB); e o que nos levou a considerar a ordem do QU no SN como o objeto da nossa investigação.

---

‘ Os dados tomados como exemplo fazem parte das entrevistas do VARSUL. A codificação entre parênteses significa que o dado foi extraído de uma determinada linha, pertencente a um determinado informante e residente em determinada cidade. Nesse caso, temos a) FLP correspondente à cidade de Florianópolis, b) (20) correspondente ao informante e c) L94 correspondente à linha em que se encontra o dado.

## 2 - QUANTIFICAÇÃO E O QU

Consensualmente, os quantificadores parecem apresentar comportamento semelhante à classe dos determinantes, como, por exemplo, a posição ocupada no SN. Muitas vezes, por razões puramente sintáticas, são agrupados como tais.

No artigo *Quantificadores Indefinidos*, Castilho (1996) observa que as formas de realização tomadas pelo QU, *todo (a) (s) e tudo*, bem como os cardinais *um, dois, dez, cem*, etc. fariam parte da seguinte configuração:

(3) SN = *Especificador* + Núcleo + Complemento<sup>2</sup>

Uma realização sob esse formato poderia ser:

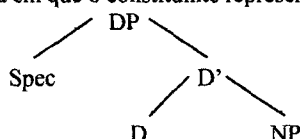
(4) SN = *Todos* os meninos pobres

A diferença relativa aos diversos tipos de determinantes, porém, parece estar na relação semântica, e não na propriedade sintática estabelecida entre os diversos tipos de determinantes e o nome a que eles se referem: o quantificador, por exemplo, estabelece uma relação de quantidade. É exatamente esse traço que faz com que não possamos falar de quantificação sem fazermos remissão à semântica destes quantificadores. Atestando a argumentação em torno da importância entre a relação semântica e o quantificador, podemos citar alguns autores que fizeram referência a ele sob essa perspectiva. Vejamos:

Os quantificadores são modificadores que se combinam com substantivos para produzir expressões cuja referência é determinada em termos de tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos de quantidade da substância que está sendo referida. (LYONS, 1977, p. 455)

A quantificação dos nomes e adjetivos é dada obrigatoriamente pelo número que opõe em Português 'um' ao plural 'mais do que um'. (MATEUS ET ALII, 1989, p. 192)

<sup>2</sup> O formato em (3), realizado em (4), apenas ilustra como Castilho (1996) toma como formato as estruturas quantificadas, reafirmando que junto à posição de especificador, além da classe dos determinantes, ela também coloca os quantificadores. Nós, por outro lado, tomaremos a natureza do SN quantificado como categoria funcional nos moldes da estrutura X' da Gramática Gerativa em que o constituinte representa-se como no esquema a seguir:



Os quantificadores são atualizadores do nome que....acrescentam ao que é designado alguma informação sobre a quantidade. (MATTOS E SELVA, 1989, p. 186)

Nas três citações acima, constatamos a relação existente do ponto de vista semântico entre o quantificador e o nome quantificado (este nome equivalendo à entidade representada). Quando falamos em quantificação, estamos pensando naqueles quantificadores que realmente quantificam no sentido explícito do termo, *apontando* para uma entidade dentre outras de um conjunto maior, como os cardinais. A seguir, temos em (5a) o QU e em (5b) um cardinal:

- (5) a. *Todos* os vendedores tinham um número. [FLP4L655]  
b. *Dois* vendedores tinham um número.

Nessa relação, os nomes próprios<sup>^</sup> estariam fora do nosso interesse; pois, semanticamente trata-se de apenas uma entidade, de modo que não podemos quantificá-los para além de um, visto que esses nomes próprios envolvem termos referentes singulares. E aí, teremos o quantificador quantificando alguma coisa em termos do tamanho do conjunto. Segundo Mateus et alii (1989, p. 55), o nome próprio designa um e um único objeto e seu referente é fixo, o que o impede de aceitar variação de número.

Partindo do fato de nomes próprios não aceitarem variação de número, segue que esperamos ter variação quantificacional apenas sobre nomes comuns. O QU atuaria sobre esses nomes tanto em posição de sujeito quanto de objeto, descrevendo a quantidade das entidades a que esses nomes se referem. O fato de que o nome comum<sup>^</sup> não possui um referente fixo faz com que passemos a investigar a questão da definitude.

A (in)definitude do SN quantificado pelo QU contará com a abordagem teórica de Enç (1991) ao discutirmos o traço de especificidade. A autora considera que o SN quantificado pelo QU é marcado por traço [- definido]. Castilho, com abordagem explanatória sintática, também classifica como indefinidas as formas de realização do QU: *todo (a) (s) e tudo*.

O QU necessariamente pressupõe quantificação e nos interessam, sobretudo, os nomes que podemos contar; nomes contáveis. Segundo Mateus et alii (1989, p. 58), os nomes

---

<sup>^</sup> Estamos assumindo que os nomes próprios do tipo *O João tinha um número* não é um operador. Montague (1972 apud Enç (1991)) é contrário a esta opção, visto que entende como quantificadores todos os SNs. Portanto, a sentença *O João tinha um número* teria um operador, o SN *O João*.

" Quando falamos em *nome comum*, pensamos em um nome não acompanhado de um especificador do tipo demonstrativo. Na sentença; Essa *mesa* está quebrada, em que há um demonstrativo, parece que o nome *mesa* possui um referente fixo. Entretanto, o nome *mesa* em outras situações seria passível de quantificação, pois admite variação de número.

contáveis são aqueles conjuntos em que é possível distinguir partes singulares de partes plurais e enumerá-las, como seguem nos exemplos retomados em (5) e reproduzidos em (6):

- (6) a. *Todos* os vendedores tinham um número. [FLP4L655]  
b. *Dois* vendedores tinham um número.  
c. *Um* vendedor tinha um número.

O fato de distinguirmos partes singulares e partes plurais para enumerá-las não basta para o estudo do QU. Para esse estudo, tomamos o QU como um quantificador partitivo, justamente aquele que é parte de um conjunto previamente dado, nos termos de Enç (1991). A idéia de o QU ser partitivo não é prerrogativa apenas de Enç; Sportiche (1988:426) também observa que a interpretação dada por ele, no inglês, aos pares do tipo *Each of the men left/ the men each left* é partitiva e que a interpretação dada aos pares *Each man left / The men each left* não o é; conseqüentemente, o autor trata exemplos como (6a) como estruturas partitivas, sem a inserção do *de*, cuja falta não marca a expressão partitiva claramente.

Vistos os aspectos gerais da quantificação e do QU, discutiremos a seguir a proposta que deu origem a este estudo do QU, sob o ponto de vista de sua ordem no SN.

### 3-0 EIXO DA NOSSA PROPOSTA DE ESTUDO

Essa proposta nasceu do trabalho variacionista (Back, 1997 - *mimeó*) que tratava das diferentes formas de realização do QU. O objetivo que se colocava naquele momento era o de investigar a variação das formas que esse tipo de quantificador tomava: ‘todo (a) (s) e ‘tudo’.

Orientando-nos por esse objetivo, quantificamos alguns dados e constatamos que a forma ‘todos’ apresentava flutuação no SN. Fenômeno já observado em outras línguas (cf. Kayne (1975), Sportiche (1988), etc.) e no PB (Simões (1974) e Kato & Nascimento (1996)). Naquela ocasião, notamos também que o SN quantificado em posição de sujeito apresentava maior variação da ordem do que em posição de objeto.

A literatura sobre esse tipo de quantificador, o QU, costuma usar o rótulo *quantificador flutuante* pelo fato de ele aparecer em estruturas como em (7) a seguir, onde podemos ilustrar inclusive as posições em que o QU pode se colocar no PB:

- (7) a. *Todos* os meninos têm assistido o programa {*t* comendo pipoca),  
b. Os meninos *todos* tem assistido o programa {*t* comendo pipoca).



- c. Os meninos tem *todos* assistido o programa {t comendo pipoca}.
  - d. Os meninos tem assistido *todos* o programa í comendo pipoca).
- (Kato e Nascimento; 1996:265)

As posições acima, com exceção da primeira (posição de tópico - topo da sentença), apresentam a possibilidade de o quantificador estar localmente<sup>^</sup> distante do SN que quantifica, nesse caso denotado pelo SN os *meninos*, sendo, em vista disso, chamado de quantificador flutuante.

A partir da constatação de que a maior flutuação ocorria no SN sujeito, a nossa atenção centrou-se nos SNs e passamos a observar que tínhamos não só a variação da forma desse quantificador, como também a variação da ordem.

O QU na posição de sujeito apresentou três ordens variáveis na fala florianopolitana com a forma *todo* (a) (s) e duas com a forma *tudo*, conforme exposto em (8) e (9), respectivamente;

- (8) a. *Todos* os meus tios ficaram muito chateados. [FLP20L94]  
b. Os meus tios *todos* ficaram muito chateados.  
c. Os meus tios ficaram *todos* muito chateados.
- (9) a. ...nós/«fito nascemos aqui mesmo. [FLP11L1086]  
b. ... nós nascemos *tudo* aqui mesmo.

Já o QU como objeto exibiu, com ambas as formas, duas ordens variáveis, como ilustrado em (10). Nos enunciados tratados em (8) e (9) como também em (10) a seguir, derivamos a partir de evidências positivas apresentadas pelos dados, as posições possíveis de serem ocupadas pelo QU:

- (10) a. ... porque ela conhecia *todas* as famílias.  
b. ... porque ela conhecia as famílias *todas*. [FLP24L489]

Podemos dizer que os exemplos (8a) e (10a) ilustram a *ordem não marcada* e os exemplos (8b), (8c), (9a), (9b), (10b) as *ordens* marcadas. Mas onde queremos chegar com a afirmação de *ordem marcada* e *ordem não-marcada*? Para nos utilizarmos da regra variável, é fundamental ter em mente o que tomaremos em oposição a quê.

---

<sup>^</sup> Considerando a terminologia gerativa, poderíamos dizer que o QU aparece não-adjacente e à direita do SN a que mantém uma relação referencial.

Trataremos como ordem não-marcada aquela em que o QU no PB posiciona-se à esquerda do SN o qual quantifica. Essa opção baseia-se em Kato & Nascimento (1996) e Back (1997-mimeo).

Kato & Nascimento (1996:265) sugerem que a posição à esquerda do SN “é a que contém a construção partitiva canônica Q (de) NP” e esta interpretação dos autores atesta também uma das hipóteses semânticas de que o QU é um partitivo cf. tratado em Sportiche (1988) e Enç (1991).

Já em Back (1997 - *mimeo*) tal opção é atestada por meio de dados controlados quantitativamente pelo aparato teórico da Sociolinguística Variacionista, em que a posição do QU à esquerda do SN foi a mais recorrente.

Assumindo a ordem não-marcada como QU de SN, temos como representantes os exemplos (8a) e (10a). Já as outras posições constantes em (8b), (8c) e (9) e (10b), e aquela posição, presumidamente, possível em (2c) - ... porque as famílias, ela conhecia *todas* - assumiremos como *marcadas*, isto é, inovadoras por estarem entrando na língua e acarretando a variação.

Além de assumirmos a hipótese de Kato & Nascimento acerca da flutuação do QU no PB, traremos à baila a interpretação desse assunto pela Gramática Gerativa: *ordem do QU*, abordado no capítulo do quadro teórico (cf. Miotto et alii (1999), Haegeman (1994) e Raposo (1992)), e no capítulo da discussão dos resultados sobre os grupos de fatores selecionados.

Partindo do pressuposto de que o QU no PB flutua, como revelou o estudo prévio, tomemos os exemplos abaixo:

- (11) a .... [todos] os meus tios ficaram muito chateados,  
b. .t.'fOs meus tios ficaramj[/<?íto5], 'muito chateados.

Em (11a), observamos que o SN quantificado está anteposto ao verbo e, em (11b), que o SN quantificado está anteposto, mas o QU *todos* está deslocado para a posição pós-verbal da estrutura sentencial, ilustrando duas posições aceitas em PB. Contudo, esses exemplos apenas mostram dois extremos em termos das possibilidades quanto à colocação do quantificador flutuante, sendo que em (11a) tem-se a ordem não-marcada do QU no SN. É importante colocar que, além dessas duas posições, há outras posições possíveis, como verificamos em (8b) e (8c), reproduzidas agora em (12), sendo tomadas por nós como as ordens marcadas:

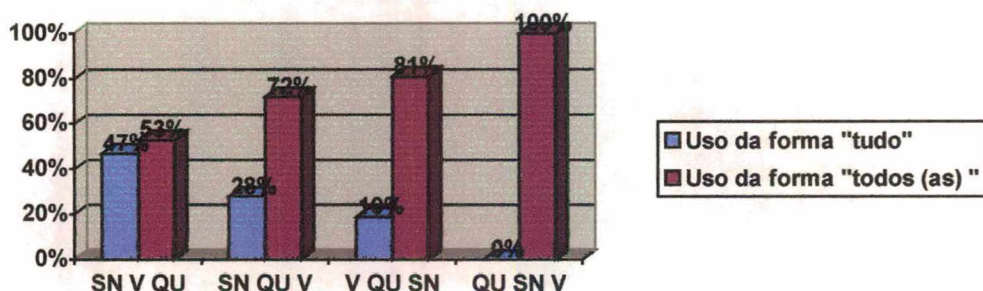
- (12) a. ... [os meus tios] ficaram **todos** muito chateados.  
 b. ... [os meus tios **todos**] ficaram muito chateados.

O uso de uma das formas tomadas pelo QU parece ocorrer mais em uma determinada ordem do que em outra, conforme observamos no trabalho realizado com a variação das formas do QU: **tudo vs todo (a) (s)**. Os resultados que obtivemos a partir deste trabalho constam na tabela 1, na qual se expõe a posição da forma 'tudo' no SN em oposição a forma 'todo (a) (s)'. <sup>que trabalho</sup>

| POSIÇÃO                | PERCENTAGEM |
|------------------------|-------------|
| Os meninos saíram tudo | 47 %        |
| Os meninos tudo saíram | 28 %        |
| Saíram tudo os meninos | 19 %        |
| Tudo os meninos saíram | 00 %        |

Tabela 1: Distribuição da forma **tudo** no SN - Estudo realizado por Back (1997) para a disciplina de Sociolingüística.

Gráfico 1 - Comparação do uso das formas do QU em variação



A tabela e o gráfico acima focalizam o aumento gradual de variação das formas 'tudo' na medida em que o QU flutua quanto à ordem no SN. A primeira posição do SN favorece a forma 'todos', mas à medida que o quantificador se encontra em posições cada vez mais à direita na sentença, a variação entre as formas cresce.

Os resultados em relação à forma ‘tudo’, porém, parecem apontar para a variação na primeira posição do SN apenas quando este quantificador está no SN posposto ao verbo, tanto em posição de sujeito como em posição de objeto.

Tomando como base todas essas reflexões acerca da variação da *ordem* constatadas nos SNs com QU, propomos um estudo mais aprofundado da ordem do QU no SN, mostrando os condicionamentos favoráveis à sua mobilidade. Tal mobilidade apresenta, independente da posição, estruturas que não parecem ser estigmatizadas pelos falantes, uma vez que a língua disponibiliza essas estruturas. Vejamos o enunciado (1) retomado aqui em (13):

- (13) a. ...*todos* os meus tios ficaram muito chateados,  
b. ...os meus tios ficaram *todos* muito chateados.

Parece que um falante de português<sup>8</sup>, dificilmente, diria que (13a) é gramaticalmente melhor do que (13b) ou vice-versa. Essa percepção do QU em relação à sua ordem no SN é bastante discreta e pode facilitar a variação.

A seguir, delinearemos o comportamento sintático peculiar que o QU possui e que o distingue da grande maioria dos quantificadores: sua possibilidade de flutuação. Sobre essa particularidade do nosso objeto em relação à ordem, seguem esclarecimentos mais detalhados.

#### 4 - RECORTANDO O OBJETO - A ORDEM DO QU

O estudo sobre a flutuação do QU no SN em PB segue a hipótese defendida por Kato & Nascimento (1996), seguindo a qual um dos fenômenos a afetar a colocação do QU no português é a *inversão interna ao SN*, tanto no SN em posição de sujeito, como no SN em posição de objeto, como podemos observar nos exemplos em (14), (15) e (16).

- (14) a. [sN *Todos* nós] temos ido à missa, [adaptado de FLP12L0353]  
b. [sN Nós *todos*] temos ido à missa.

---

<sup>8</sup> Essa hipótese sugere que temos estruturas como (13) disponíveis em PB, na medida em que temos dados dessa natureza que atestam sua ocorrência, além de trabalhos como o de Kato & Nascimento (1996). Os falantes não tomam como agramaticais tais estruturas. Fizemos com alguns alunos (não de letras) um simulado; nele, organizamos perguntas e solicitamos para que sinalizem com ‘\*’ toda vez que encontrassem orações que por algum motivo julgassem estranhas. Entre essas orações tínhamos (9) sentenças quantificadas e (13) não-quantificadas, sendo que aquelas quantificadas apresentavam-se com o QU nas posições reconhecidas em PB. Nenhuma das estruturas quantificadas obtiveram a sinalização ‘\*’.

- (15) a. Sempre recortava [sn os livros *todos*]. [FLP01L56]  
 b. Sempre recortava [sn *todos* os livros].
- (16) a. O pessoal ali do setor, me dou com [SN *toí/os* eles]. [FLP09L723]  
 b. O pessoal ali do setor, me dou com [sn eles *todos*]

O quantificador aqui em análise possui a idiossincrasia, já constatada em algumas línguas (catalão, inglês, francês, etc), de flutuação na estrutura frasal.

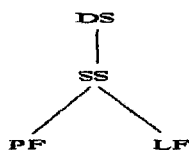
A característica flutuante do QU no PB já foi observada em outras discussões no âmbito acadêmico brasileiro. Simões (1974), por exemplo, baseada no estudo de Kayne (1969) sobre o francês, observa que os mesmos parâmetros de movimento do QU ocorridos nessa língua parecem ser análogos ao português, acrescentando em sua análise que, em PB, outras posições são possíveis; fato este também salientado por Kato & Nascimento (1996), que partem do estudo comparativo entre o francês, o inglês e o português para postular especificidades paramétricas inerentes ao PB e outras que parecem abranger maior universalidade por apresentarem ao longo do percurso de flutuação posições também atestadas nas línguas acima citadas.

Partindo, primeiramente, da universalidade atestada nas três línguas discutidas por Kato & Nascimento, esperamos encontrar um número maior de dados com a configuração [QU SN] como a ordem representativa mais recorrente, uma vez que essa é a única posição tida como gramatical que os três idiomas têm em comum.

Em ambos os estudos acima mencionados, observamos que no francês as posições disponíveis para o QU no SN, quando este posiciona-se como sujeito, são a) aquela em que o quantificador está à esquerda da variável a que se liga, caracterizando a posição mais alta da sentença e coincidindo com a interpretação da Forma Lógica (LF)', [QU SN]; e b) a posição

---

<sup>7</sup> Forma Lógica (LF) é uma representação abstrata independente das estruturas profunda e de superfície e é o nível a partir do qual as interpretações semânticas são atribuídas. Diesing (1992:4) traça um paralelo, observando que do mesmo modo como a estrutura de superfície é derivada da estrutura profunda, a LF é a derivada da estrutura de superfície pela aplicação de regras sintáticas para ser interpretada por regras semânticas. Do mesmo modo que a estrutura-S é o nível pelo qual a interpretação fonológica pode ser atribuída, a LF é o nível a partir do qual as interpretações semânticas são atribuídas, O formato do modelo poderia ser representado como segue:



situada posposta ao verbo, [SN...QU]. Teríamos, portanto, duas construções com o QU no SN gramaticais, segundo os exemplos trazidos por Simões (1974:25):

- (17) a. **Tous** mēs amis partiront.  
‘Todos os meus amigos partirão.’
- b. Mēs amis partiront *tous*.  
‘Meus amigos partirão todos.’

Quanto às posições gramaticais no inglês, segundo Kato & Nascimento, temos também duas possibilidades para o QU no SN em se tratando de sujeito; contudo, não se identificam inteiramente com as posições observáveis do francês. A primeira posição ocupada pelo QU no SN na língua inglesa compatibiliza-se com o francesa, [QU SN]; já a segunda não, [SN QU], como os exemplos extraídos desses autores mostram:

- (18) a. *zi*//the children will leave.  
‘Todas as crianças sairão.’
- b. The children *ali* will leave.  
‘As crianças todas sairão.’

Essa segunda posição, observada no exemplo (18b), aceita no inglês, não é aceita no francês e a segunda posição destacada acima no francês (17b) não é aceita no inglês. E no PB como é que fica?

Os nossos resultados parciais apontam que as três posições no PB são possíveis, atestadas também em Simões (1974). Então, diante dessa perspectiva translingüística, esperamos que no PB seja mais recorrente a posição do QU no SN à esquerda da variável, a exemplo do que ocorre em (17a) no francês e (18a) no inglês, já que nos três idiomas essa posição é possível.

Ao pensarmos nas possibilidades da ordem do QU no SN, quanto este posiciona-se como objeto, o raciocínio parece ser o mesmo: a primeira posição do QU no SN é possível nas três línguas, daí a nossa hipótese da recorrência dos dados apresentarem o QU nesse lugar. Vejamos o exemplo a seguir:

- (19) a. Je voudrais lire ~~les~~ *tous* livres.  
b. I would like to read *all* the books.  
c. Eu queria ler *todos* os livros.

Ainda em relação ao SN objeto quantificado, a segunda posição do QU no SN não é possível no francês e no inglês só é possível diante de um pronome como Kato e Nascimento exemplificam:

- (20) a. I saw them *all*  
b. \* I saw the children *all*.

Diante das comparações quanto às possibilidades de ordem do QU no SN nas três línguas, presumimos que em ambas as posições, sujeito ou objeto, a posição esperada seria aquela à esquerda da variável, uma vez que são gramaticais nos três idiomas abordados por meio dos exemplos acima. Sobre esse paralelismo, constatado nos SNs quantificados, podemos supor que independente da posição que ocupam, a primeira parece ser a mais recorrente. Daí chamarmos esta estrutura de ordem *não-marcada*, porque é a esperada, em oposição às outras que serão tomadas como ordens *marcadas* ou *inovadoras*.

Segundo o modelo de Princípios e Parâmetros, o QU é comumente interpretado como quantificando uma estrutura paradigmática, por apresentar escopo amplo sobre toda a estrutura sentencial\*, desde que não haja outro operador<sup>10</sup> possível de tomar a estrutura ambígua. O escopo amplo, isto é, a sentença quantificada, ocorre independente de o QU ocupar posição mais baixa<sup>11</sup> ou mais alta<sup>12</sup> na estrutura-S'. Nesse sentido, os dados a serem coletados nas entrevistas do VARSUL serão todos aqueles que apresentarem estruturas quantificadas com as formas sob estudo tão somente na estrutura-S, para que possamos verificar os condicionamentos da flutuação.

Nesta introdução, expomos o que entendemos sobre o fenômeno do QU, como é visto dentro do aparato teórico que adotamos. Pontuamos que o nosso interesse em relação a esse fenômeno diz respeito à sua flutuação no SN, principalmente, no que se refere aos condicionamentos que motivam a sua flutuação.

---

\* Dizemos sentença quantificada porque partimos do pressuposto de que não apenas o SN é quantificado, mas toda a sentença num nível de representação sintática intermediária, o que explicitaremos no quadro teórico.

® O termo operador é emprestado da lógica e sua atuação ocorre sobre toda a sentença. Tal atuação interfere diretamente na interpretação semântica do enunciado. Podemos exemplificar com operadores de negação como *não*, modais como *dever* ou verbos de atitude como *precisar*.

<sup>10</sup> Segundo o aparato sintático que estamos adotando, a posição mais baixa seria aquela mais à direita da sentença, por exemplo: *Os homens saíram todos*. Maiores esclarecimentos no quadro teórico.

<sup>11</sup> A posição mais alta seria aquela posição mais à esquerda que coincide com a interpretação semântica de escopo sobre a sentença, por exemplo: *Todos os homens saíram*. Detalharemos também no quadro teórico.

<sup>12</sup> Estrutura-S (ingl. "surface structure") é a estrutura sintática da frase que se apresenta como o produto final de operações transformacionais, cujo *output* é fonético.

o estudo da flutuação do QU no SN buscará respaldo no aparato teórico sintático; entretanto, é importante ressaltar que o nosso enfoque é também variacionista e, portanto, temos de pressupor a existência de fatores externos como possíveis condicionantes da variação da ordem do QU no SN que serão abordados nos capítulos de procedimentos metodológicos e de caracterização e discussão dos resultados.

Tomando, portanto, o estudo anterior como parâmetro para prosseguirmos rumo à investigação da ordem, seguiremos os passos metodológicos da Teoria da Variação aliada ao aparato sintático da Gramática Gerativa, guiando-nos pela hipótese de Kato & Nascimento, que discutiremos com maior profundidade a seguir; por meio desses teóricos, buscaremos explicar o fenômeno da flutuação do QU no SN. A nossa análise se dará nos SNs selecionados pelo verbo, apesar de estarmos conscientes de que a interpretação semântica quanto à quantificação ocorre em toda a sentença e não só no SN. Daí, considerarmos a sentença quantificada e não apenas o SN. Vejamos o exemplo a seguir:

- (21) a. [sN **Todos** nós] temos ido à missa, (adaptado da FLP12L0353)  
b. [sN Nós *todos*] temos ido à missa.  
c. NÓS/ temos *todosi* ido à missa.  
d. NÓsf temos ido *todosi* à missa.

As posições apresentadas em (21) refletem todas as ocorrências que sustentaremos como dados de análise, sempre observando que o *nome* sob o escopo\*<sup>13</sup> do QU é o SN *nós* que com ele se constitui em um SN quantificado como sujeito, independente da posição. Já como objeto, podemos pressupor as ordens abaixo:

- (22) a. ... ela conhecia *todas* as famílias.  
b. ... ela conhecia as famílias *todas*.  
c. ...as famílias, ela conhecia *todas*.

Como abordado anteriormente, a posição expressa em (21a) e (22a) retrata o que entendemos como a ordem não-marcada e as outras posições desses mesmos exemplos retratam a ordem marcada. Para tanto, buscamos mais discussões que pudessem dar indícios de como é, comumente, abordada a questão sobre a posição do QU no SN a fim de podermos,

---

<sup>13</sup> o escopo representa a extensão da operação. Quando lidamos com quantificação, estamos falando de operação e pensamos numa relação em que haja um operador que fixa a variável, como no exemplo (21). Nesse caso, temos o quantificador, que fixa a quantidade da variável: *todos*, e a variável, que representa a possibilidade de diversos valores, como: *nós*.



mais apropriadamente, seguir com este tratamento: ordem marcada e ordem não-marcada. Os autores abordados são Mateus et alii (1989), Castilho (1996) e Celso Cunha (1992).

Mateus et alii (1989) estabelecem que o formato do SN inclui obrigatoriamente um núcleo, e opcionalmente outros dois tipos de constituintes: complementos e especificadores. Os autores situam os especificadores (determinantes, quantificadores e expressões qualitativas) na margem esquerda do SN. Vejamos:

- (23) a. *Algumas* das maçãs estão verdes,  
b. D«as das maçãs estão verdes.

Em (23), temos o formato sugerido por Mateus et alii (*op. cit.*), atestado como a ordem esperada em que o quantificador apresenta-se na primeira posição do SN, coincidindo com o que colocamos anteriormente sobre o posicionamento de Kato & Nascimento.

Castilho (1996) assume a ordem defendida pelos autores antes mencionados e propõe um alargamento da margem esquerda do SN, colocando nessa posição, além dos especificadores (dentre os quais estão os quantificadores), os não-especificadores, que, segundo ela, são as locuções prepositivas delimitadoras (como uma espécie de, um tipo de), naquela posição.

A *Gramática da Língua Portuguesa* de Celso Cunha (1992), nos capítulos destinados aos numerais e aos pronomes indefinidos, apresenta sentenças com quantificadores do tipo *algum, todos, muitos, certos, qualquer, etc.*, posicionados à margem esquerda do SN sob quantificação, como mostram os exemplos (extraídos do autor) a seguir; primeiro com *numerais* e depois com *pronomes indefinidos*:

- (24) “Era Domingo; *dous* amigos vieram almoçar com ele, *um* rapaz de vinte e quatro anos, que roía as *primeiras* aparas dos bens da mãe, e *um* homem de quarenta e quatro ou quarenta e seis, que já não tinha que roer.”

- (25) “Recordo: *um* largo verde e *uma* igreja  
*Um* sino, *um* rio, um pontilhão, e *um* carro  
De frês juntas bovinas que ia e vinha  
Rinchando alegre, cantando barro.” (B. Lopes H, 65)

- (26) “A saudade do paraíso perdido ainda plange em *alguns* corações.” (Amado, DP, 1)

(27) “*Certos* motivos cansam à força de repetição”. (M. Assis, OC, 1,737)

{21} “*Todos os mares, iodos os estreitos, todas as baías, todos os gòlfos.*  
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!”(F. Pessoa, op, 274)

Trouxemos para a discussão vários posicionamentos que coincidentemente apontam para a ordem a que chamamos de *não-marcada* do QU no SN: a primeira posição (à esquerda do SN), aquela que tomaremos como a ordem canônica dos quantificadores no PB.

Por sabermos que os quantificadores, de um modo geral, não integram uma classe homogênea, a hipótese é de que a particularidade que envolve o QU (o quantificador em questão), nas suas formas de realização, possibilite um aîrouxamento da ordem, o que culminará na sua variação, justamente o fenômeno sob análise. Essas possíveis ocorrências em posições diferentes da primeira se apresentarão de modo *marcado*, caracterizando o afastamento do padrão esperado, como mostramos acima nos exemplos trazidos pelos vários autores, dando lugar às formas *marcadas* e, por que não dizer, *inovadoras*.

---

## CAPÍTULO II - PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

---

### 1- CONCILIAÇÃO TEÓRICA

A proposta de conciliação teórica entre a Teoria da Variação e a Teoria Gerativa tem como principais precursores Fernando Tarallo e Maiy Kato. O nosso estudo insere-se dentro dessa proposta, resgatando a preocupação manifestada por esses autores. Seguindo Kato (1999:95), naquela oportunidade tal conciliação foi vista com desconfiança por parte dos lingüistas de ambas as correntes teóricas.

A desconfiança a que se refere Kato (*op. cit.*), facilmente, pode ser compreendida. Oliveira (1987) observa que:

*05 partidários de uma ou de outra escola se portam, muitas vezes, como peças de um jogo de xadrez, uma espécie de batalha onde o objetivo é derrotar o inimigo. E este não é um comportamento exclusivo dos peões; é também um comportamento dos bispos, das torres... e dos reis. (Oliveira, 1987:19-20)*

O ponto alto da discussão trazida por Tarallo (1991) diz respeito à possibilidade de compatibilizar modelos aparentemente dissociados. Tal vislumbre abriu espaço para um novo modelo: o paramétrico. Defendendo essa idéia, o autor apresenta um ponto de convergência entre o modelo racionalista e o modelo empirista, citando Lightfoot (1988) como fiel representante do primeiro e Labov (1975, 1987), do segundo.

A divergência entre as duas posturas teóricas está no modo pelo qual cada uma centra seu foco de estudo. Para Lightfoot, a mudança lingüística se explica pela própria teoria da gramática, que está ligada a propriedades inatas, cujas possibilidades permitem às crianças dominar sua língua. Com essa preocupação, toma-se claro que a atenção desse racionalista sobre a mudança lingüística está na origem; entretanto, há uma passagem do autor que abre possibilidades para outros fatores explicarem a mudança lingüística fora das trincheiras do inatismo, como podemos constatar abaixo:

*Uma boa teoria gramatical ilumina a natureza da troca histórica, mas tal teoria deve ser cautelosa e não exigir demais. Uma boa teoria gramatical não buscará explicar todas as mudanças pelas quais uma língua pode passar, porque a história de uma língua não é plenamente determinada por propriedades do genótipo mental. Muitas mudanças são devidas a outras coisas, algumas das quais podem ser consideradas como acidentais ou pelo menos como fatores não-gramaticais (Lightfoot apud Tarallo, 1991) [Tradução nossa].*

Segundo Tarallo, a possibilidade expressa neste trecho de Lightfoot é uma inovação dentro do quadro teórico de reflexão sobre a gramática, deixando uma brecha para um possível casamento entre as teorias, uma vez que os fatores não-gramaticais são ponto de honra nas definições empiristas da mudança lingüística. Labov é um fiel representante dessa postura empirista e, seguindo ele, o processo da mudança lingüística tem nos aspectos sociais o meio em que se propaga, como expresso no trecho a seguir:

*Uma mudança lingüística começa com um padrão característico local de um grupo social particular (...) torna-se generalizada em todo o grupo (...) associada com os valores sociais atribuídos ao grupo. Estende-se às populações vizinhas, que tomam o primeiro grupo como referências de um modo ou outro. A oposição das duas formas lingüísticas continua e frequentemente vem simbolizar uma oposição dos valores sociais. Finalmente, uma ou outra das duas formas vence. Segue um longo período onde a forma em desaparecimento é ouvida como arcaica (...) até sua completa extinção. (Labov, 1975, p. 829) [Tradução nossa]*

A trajetória da mudança lingüística que vimos em Labov mostra a preocupação do autor, sobretudo, com a implementação e com a propagação das mudanças. Porém, Labov, a exemplo de Lightfoot, também admite as mudanças a partir do próprio sistema, ou seja: de dentro para fora. Esse fato pode ser constatado no artigo de sua autoria revisado em 1983, *As restrições sobre a passiva sem agente*, em que a variação foi motivada por fatores sintáticos.

Não resta dúvida de que ocorre incompatibilidade teórica entre as duas vertentes quanto à concepção do que seja descrição gramatical. Entretanto, a parceria entre esses modelos apresenta um caminho novo de averiguação dos trabalhos científicos, de modo que tal incompatibilidade nos quadros teóricos é atenuada, minimizando a distância entre as suas

premissas e “ênfatizando a complementaridade entre os modelos naquilo que eles permitem compatibilizar” (Tarallo, 1987, p. 55).

Considerando, por um lado, a abertura dada por Lightfoot quanto à aceitação em explicar a mudança lingüística via fatores não-gramaticais e, por outro lado, a possibilidade apresentada por Labov no que tange a explicar o mesmo fenômeno considerando fatores estruturais, constrói-se uma perspectiva teórica de junção entre as duas vertentes. Contudo, uma pergunta surge: como lidar metodologicamente com a análise dos dados, tendo como alicerce fundamental essa conciliação?

Ao longo dos últimos anos, outras junções têm sido feitas junto à Sociolingüística Variacionista. Abordagens sintáticas e semânticas não só integram as investigações para explicar e interpretar resultados estatísticos sobre o fenômeno em questão, neste estudo, como também orientam a própria análise estatística. Tais aparatos teóricos, por vezes, estão filosoficamente distantes, como é o nosso caso e o de muitos outros trabalhos que se inserem dentro da paramétrica. Entretanto, a proposta conciliatória tem dado *bons frutos*.

E dentro dessa perspectiva de *bons frutos* e colocando o problema das concepções teóricas à parte por um momento até aqui desenvolvidas, embora tentamos aproximá-las em alguns pontos, o objetivo quanto à conciliação visa traçar a trajetória da variação intra-lingüística (na língua), com base na sistematicidade quantitativa, a partir de hipóteses estruturais fortes que permitam prever em que circunstâncias o fenômeno vai-se manifestar, propiciando resultados que contribuam para explicar qualitativamente a variação inter-lingüística (entre as línguas). Essa proposta tem sua preocupação e origem nos relatos de Kato e Tarallo e encontra-se firmemente defendida em Ramos (1999) como a alternativa para o salto teórico e conseqüente contribuição para a teoria de parâmetro que, segundo a autora, ainda não se encontra disponível\*\*.

Para falarmos da proposta paramétrica é necessário retomarmos, rapidamente, em alguns pontos, a teoria racionalista proposta aqui para conciliação: a Teoria de Princípios & Parâmetros (Chomsky, 1981). Esse modelo pressupõe a existência da faculdade da linguagem inata que se compõe de princípios universais (para todas as línguas) e de parâmetros cujas propriedades as línguas podem ou não exibir, respondendo pela diferença entre elas (cf Miotto et alii, 1999:27).

---

<sup>14</sup> Era relação à teoria de parâmetros, Tarallo (1987) avalia que a teoria está em estágio embrionário e, como observa Ramos (1999, p. 87), Lightfoot (1997) “faz uma avaliação semelhante, ao afirmar que ainda não dispomos de uma teoria substantiva de parâmetro”.

Um exemplo de parâmetro bem estabelecido na literatura é o *pro-drop* ou *parâmetro do sujeito nulo*. Se a língua apresentar construções com sujeito nulo (como é o caso do PB), teremos o *input*<sup>15</sup> com valor [+] para o parâmetro; se, por outro lado, a língua apresentar construções com sujeito obrigatório, teremos o valor [-] para o parâmetro (como é o caso do inglês), conforme exemplo de Miotto et alii (1999:36):

- (29) a. It rains.  
b. Chove.  
c. \* Rains.

Conforme Tarallo (1987), “os parâmetros poderiam ser definidos como conjuntos de propriedades delimitadoras e diferenciadoras de sistemas lingüísticos diversos”. Seguindo essa orientação de parâmetro, parece então que a variação lingüística teria lugar dentro dessa noção, onde o *input* seria acionado por meio de pistas (evidências positivas) proporcionadas pelo ambiente lingüístico no momento do *output* (realização fonética do dado), atribuindo valores a esses parâmetros<sup>16</sup>.

A proposta de conciliação abordada e defendida aqui já desencadeou uma série de trabalhos frutíferos dentro desse novo modelo: o paramétrico. Dentre os trabalhos decorrentes dessa nova maneira de fazer lingüística, podemos citar: Duarte (1986), Tarallo (1987) e Coelho (2000).

## 2 - TEORIA DA VARIAÇÃO

A Sociolingüística Variacionista, uma das teorias propostas para a conciliação, é a área de conhecimento que, fundamentalmente, proporciona, por meio de sua abordagem metodológica, a análise da variação e da mudança, instrumentalizando o pesquisador em seu estudo. Um dos precursores dessa prática é o lingüista William Labov. Dentre as suas célebres pesquisas, podemos citar a estratificação social do “r” na cidade de Nova Iorque<sup>17</sup> e as restrições sobre a passiva sem agente (1983).

<sup>15</sup> o *input* são os dados da língua que servirão para atribuir valores no período de aquisição da língua pela criança..

<sup>16</sup> Miotto et alii (1999:36) atestando a crescente discussão em tomo do parâmetro observa que “há uma discussão acerca da noção de parâmetro e de quais ou mesmo quantos parâmetros existem na UG”. Somando-se então a esses autores, encontramos em Ramos (1999: 89) evidências para a frequência como critérios para a identificação de parâmetro, que, segundo ela, são atestados em Dresher (1995) que assume que a UG “especificaria não somente um conjunto de parâmetros, mas também pistas para cada parâmetro” e, ainda, “uma pista seria um elemento da língua-I, derivado do ‘input’”.

<sup>17</sup> O estudo de Labov investiga a presença/ausência de [r] em posição pós-vocálica (can *card, four, fourth*, etc). Para maiores detalhes, ver “The social stratification of (r) in New York city department stores”. 1972. In: *Sociolinguistic Patterns*, cap.2.

A Sociolingüística Variacionista é uma das sub-áreas da Sociolingüística e tem como objeto de estudo a variação lingüística, propriedade que se apresenta como inerente a todas as línguas. Sua proposta teórica constrói o objeto (a variação lingüística) como um todo heterogêneo, entendendo ser esse todo heterogêneo passível de descrição e análise. O fenômeno da variação parece ser contínuo, isto é, não demonstra limites claramente demarcados, apenas aponta para tendências de formas que são condicionadas por fatores diversos. Tais fatores são de natureza interna (lingüísticas) e de natureza externa (social).

Com o objetivo de investigar que tipos de condicionamentos podem estar atuando na variação lingüística, temos como concepção pressuposta da Sociolingüística Variacionista o estudo da língua vinculada à comunidade de fala, “correlacionando aspectos do sistema lingüístico a aspectos dos sistemas sociais” (Mollica, 1991, p13). Labov (1975) considera irrelevante distinguir a Sociolingüística da própria Lingüística; pois, segundo o autor, a língua é por natureza social. Entretanto, reconhecemos em Labov (1987) a preocupação formalista ao atestar que “a sintaxe é autônoma e pode ser estudada separada da semântica”. Ramos (1999) reconhecendo também no autor a preocupação afirma que o fato de Labov tratar dos fatores internos e externos em volumes separados no livro *Principies of Linguistic Change* confirma a preocupação formalista do autor.

Os fatores condicionantes representam um conjunto de regras que por vezes podem ser categóricas e, outras, podem ser variáveis. O uso das regras categóricas faz com que os falantes usem exclusivamente determinadas formas e não outras, sendo nesses casos considerados contextos restritivos. Para ilustrar tal definição, podemos colocar aqui uma hipótese de categoricidade resultante de um prévio estudo que realizamos com as formas tomadas pelo QU (Back, 1997 - *mimeó*). Esse estudo, na oportunidade, pareceu apontar para uma restrição categórica no que diz respeito ao uso de uma das formas, quando se situava na primeira posição do SN, como sujeito, mais especificamente quando o SN estava anteposto ao verbo, como podemos ver em (30):

- (30) a... *Todos* os homens saíram  
b \* *Tudo* os homens saíram.

A primeira ocorrência do exemplo anterior (30a) foi categórica com o QU *todos* naquela posição (primeira, da esquerda para a direita), enquanto a segunda ocorrência em

(30b) não se fez presente nos dados analisados, evidenciando que naquela posição não houve variação entre as formas *tudo* e *todo* (s).

Contrariamente à atuação das regras categóricas acima descritas, temos as regras variáveis que “funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas variáveis em cada contexto.” (Naro, 1991)

Ilustrando a atuação das regras variáveis, temos em Tarallo (1997) a passagem que traduz as condições que as pressupõem no *caos* lingüístico, apresentando a competição das variantes em jogo:

(...) o caos basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa (doravante chamadas ‘variantes lingüísticas’) se enfrentam em um duelo de temporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte. ( Tarallo, 1997:5)

A regra variável, portanto, abarca as diferentes maneiras de *dizer a mesma coisa* como as *variantes lingüísticas*, e o conjunto delas constitui a *variável lingüística*. Aqui, na verdade, faremos um recorte. O que é *dizer a mesma coisa* quando lidamos com a ordem do QU? Nesse caso, o valor significativo que buscamos são os contextos em que o QU exerça a função de quantificar, independente da ordem em que está situado na sentença quantificada. Aí consideraremos que o fenômeno está em variação.

A definição de regra variável veio de Labov, tratando a variação lingüística como as diferentes maneiras de se dizer a *mesma coisa*, num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Trata-se de um assunto controverso - O que Labov quis dizer com o mesmo valor de verdade? E com o mesmo contexto? Ambos os conceitos são polêmicos e devem, no decorrer da delimitação da variável, ser claramente explicitados. Parece que Labov, ao pensar a questão, não tinha a pretensão de abordar teorias semânticas, uma vez que os campos de atuação de sua pesquisa giravam em torno de contextos fonológicos. Contudo, para além desses contextos, houve a necessidade de elaborar critérios de abordagens sintáticas e discursivas para a condução das investigações. A célebre discussão entre Labov (1978) e Lavandera\*\* (1977) questionou a definição laboviana, o que, por sua vez, impulsionou os

---

<sup>18</sup> A discussão Labov vs Lavandera será tratada quando abordarmos a delimitação da variável no capítulo que traz os procedimentos metodológicos.



pesquisadores a buscar alternativas junto a outros aparatos teóricos para a solução de problemas em tomo de contextos que estão fora do âmbito fonológico.

Uma colocação importante na argumentação de Weiner/Labov (1981:31) é a observação de que não devemos nos limitar a estudar a variação como uma alternativa de *dizer a mesma coisa*, embora este tipo de variável tenha sido o foco principal no desenvolvimento inicial da regra variável. Essa asserção dos autores, na verdade, é a *deixa* que nos insere no estudo da variação focalizando a ordem do QU como variável, sendo suas variantes quanto à ordem aquelas que exercem a mesma função quantificacional. Mollica (1991), por exemplo, propõe que os parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis condicionam positiva ou negativamente o emprego das formas variantes, entendidas como semanticamente equivalentes que coocorrem num dado estado de tempo na língua.

Reconheceremos, portanto, como formas equivalentes sintaticamente, relacionadas à ordem em que o QU pode figurar no SN, aquelas que se enquadram nas considerações acerca da fimção quantificacional acima mencionada. Sportiche (1988:426) observa que qualquer análise sintática de construções como em (31) não deve abster-se quanto ao reconhecimento das propriedades semânticas em cada uma das sentenças; entretanto, tais sentenças estão relacionadas, de modo semelhante, no nível da representação sintática, vnia vez que o QU quantifica sobre o conjunto denotado pelo SN nas três sentenças, sendo o quantificador do mesmo tipo lógico em todas elas, afirmando ser esta a visão mais comum entre os gramáticos gerativistas.

- (31) a. [Jorfos os homens] saíram.  
b. [Os homens *iodos*] saíram.  
c. [Os homens]/ saíram [*todos*]/i.

O exemplo acima (31) assinala as opções de escolha do falante entre vnia ou outra ordem, uma vez que estão disponíveis em PB. E, para isso, é que nos utilizaremos da Teoria da Variação a fim de investigar quais os condicionamentos dessa possível variação, identificando os fatores em competição que condicionam o uso de xima variante em detrimento de outras, descrevendo-as. A partir daí, a nossa análise deve permitir propiciar as explanações que refletem as descrições dos contextos favoráveis.

As variáveis internas são representantes de contextos estruturais que englobam fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos, podendo se estender até os contextos discursivos.

Poderá haver muitos fatores a serem controlados, dependendo exclusivamente do fenômeno sob análise. No nosso caso, trabalhamos com variáveis sintáticas e semânticas, a fim de averiguar um fenômeno sintático: a ordem.

No que diz respeito às variáveis externas, podemos dizer que os tipos de contextos envolvem, nas palavras de Lightfoot - fatores não-gramaticais, fora do sistema linguístico. Tais fatores podem ser enumerados como sexo, idade, etnia, escolarização, nível de renda, profissão, classe social.

Outra questão discutida pela Teoria da Variação é relativa à sua dimensão quantitativa categorizada a partir da fala real, e esta fala, na verdade, se constitui como o dado do lingüista, ou para usar imi termo chomskiano, a língua-E, dado este que o lingüista irá analisar para proceder a sua investigação. Os grupos de fatores envolvidos nesse processo que, na prática, representam os contextos que podem influenciar o uso de uma das *ordens*, são categorias que se apresentam sempre conjugadas; isto é, “a operação de uma regra variável é, seínpre, o efeito da atuação simultânea de vários fatores”<sup>19</sup>. (Naro, 1991)

Naro também observa que o *modelo logístico*, o VARBRUL, usado para fazer as rodadas estatísticas dos dados, *parece funcionar bem na descrição da variação sincrônica, porque a variação é o recorte instantâneo de um processo de mudança*. O presente trabalho se propõe à análise da variação nesse momento. Se ela apontará uma mudança, será outra discussão.

A Teoria da Variação proporciona instrumentos metodológicos com amplas possibilidades de investigação do nosso fenômeno. A limitação, portanto, da análise dos números não está na análise estatística, mas sim na nossa interpretação. Talvez aí esteja a maior complexidade.

---

<sup>19</sup> Na verdade, o que Naro coloca é que um problema central da Teoria da Variação diz respeito ao quanto cada categoria que compõe os grupos de fatores influi no uso de uma das variantes, uma vez que não é possível verificar o efeito das categorias isoladas. Os estudos iniciais de Braga (1977) e Scherre (1978) sobre a concordância nominal podem ilustrar esse problema. Dentre as categorias trabalhadas, as autoras controlaram os fatores ‘oposição simples’ do tipo casa/casas e ‘oposição complexa’ do tipo hotel/hotéis. A hipótese pressupunha que haveria maior concordância em construções com oposição complexa devido à saliência fônica. Entretanto, a presença de outro grupo de fatores que tratou da posição linear de cada elemento flexionai do SN acabou enviesando os resultados, visto que a primeira posição do SN obteve 98% da categoria de ‘oposição simples’. Esta questão foi facilmente compreensível, já que na primeira posição do SN, as unidades presentes são do tipo *artigos, demonstrativos*, conseqüentemente caracterizados dentro da categoria acima favorecida. Daí, o efeito conjugado. “Em cada contexto, teremos presente um fator de cada categoria. Por exemplo, em *as casa*, se tormarmos *as* em

### 3 - APARATO SINTÁTICO: MODELO DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

#### 3.1. - Principais enfoques para o estudo do fenômeno

O padrão teórico de gramática do Modelo de Princípios & Parâmetros presume um sistema de conhecimento que é intemp ou seja, inerente ao código genético humano (inato) e a que nos referimos anteriormente como a faculdade da linguagem. Tal faculdade compreende, como o estágio inicial do processo, uma Gramática Universal (GU), onde os parâmetros estão com os valores por fixar; e o estágio final como língua-I, onde os parâmetros estão com os valores fixados. Nesse percurso, delinea-se um processo que privilegia a investigação da língua-I. Entretanto, a investigação do nosso estudo, em especial, ocorre a partir de dados da língua-E. Para tanto, valemo-nos da nossa gramática internalizada, a língua-I, para tentar compreender a natureza da língua-E.

As propostas sintáticas na investigação da ordem do QU no SN fundamentam-se em algumas premissas da Gramática Gerativa (cf. Miotto et alii (1989)), as quais assentam seu domínio em Chomsky (1981, 1986), Koopman e Sportiche (1988, 1991), Pollock (1989, 1993) entre outros. A abordagem de Kato & Nascimento (1996) de caráter gerativista acerca da flutuação do QU embasará nossa hipótese central sobre a ordem do QU. A proposta desses autores contribui para explicar o porquê da escolha de alguns dos grupos de fatores, tidos como contextos hipotéticos, no condicionamento do fenômeno sob estudo.

A teoria desenvolvida pela Gramática Gerativa, especialmente a partir do modelo de Princípios e Parâmetros, mostrou-se promissora nos estudos da sintaxe. Como o nosso enfoque se dá sobre a ordem no SN, é fato que estamos lidando com movimentos, e movimentos pressupõem sintaxe, precisamos entender como a Gramática Gerativa constrói o conceito do QU e como compreende o movimento pelo qual ele passa no SN.

O SN quantificado universalmente classifica-se sintaticamente como uma categoria fiincionaP®, uma vez que sua relação com o SN é gramatical e é tido como a composição de

---

consideração, temos a co-atuação dos dois fatores seguintes: 'oposição simples' (= f<sub>1</sub>) e 'posição 1' (= f<sub>2</sub>). O efeito total deste contexto será denotado por f<sub>t</sub> = (frequência geral de marca de plural neste contexto global)".

<sup>20</sup> Os núcleos podem ser de natureza lexical ou funcional. Os núcleos lexicais apresentam a combinação de dois traços fundamentais: nominal [N] e verbal [V], associado a dois valores como o esquema abaixo (A):

(A)

|      | [+N]     | [-N]       |
|------|----------|------------|
| [-V] | nome     | Preposição |
| [+V] | adjetivo | verbo      |

um operador (o quantificador) com uma variável (aquilo que é quantificado). O movimento desse operador envolve a trajetória para uma posição periférica à esquerda, que por vezes, pode ser vista na sintaxe visível e sempre na LF. Assim, nossa atenção se dá na sintaxe visível, é lá que podemos identificar a variação do QU; nela (a sintaxe visível), o operador é coindexado a uma variável. Caso essa variável esteja deslocada por ter se movido, deixa em sua posição um vestígio: o traço referencial (t= do inglês *trace*), como mostra o exemplo (32).

- (32) a. Ficaram [ *SN todos os meus tios*] muito chateados.  
 b. [ *SN Os meus tios*] *i* ficaram [ *sNh todosti*] muito chateados.  
 c. [ *SN Todos os meus tios*] ficaram muito chateados.

O processo descrito em (32) apresenta a operação de movimento *mover*<sup>21</sup> envolvida nos SNs quantificados universalmente. Tal operação será por nós entendida como uma operação de *adjunção* que consiste na possibilidade de o quantificador em LF, o qual está na posição inicial na sentença, realizar-se adjungido a várias posições intra-sentenciais na estrutura-S.

Os locais de pouso do operador são garantidos pela regra *mover a*, que permite movimentos cíclicos sucessivos, formando uma cadeia operador-variável<sup>22</sup> entre o elemento movido e seus vestígios (i).

Se estamos pressupondo movimento, nesse caso, o vestígio não só é uma categoria vazia (cv)<sup>^^</sup>, como também tal cv funciona como uma variável que é criada no curso da derivação. O elemento movido é ligado ao vestígio, como apresentado em (32), e serve como seu antecedente, apresentando propriedades anafóricas. A cadeia envolvida nesse processo de

---

Uma propriedade característica da categoria lexical e que a diferencia da categoria funcional é a capacidade de seus núcleos selecionarem semanticamente seus argumentos. As categorias lexicais são representadas por NP, AP, VP e PP que se identificam respectivamente com os núcleos lexicais N (nome), A (adjetivo), V (verbo) e P (preposição).

Os núcleos funcionais encabeçam constituintes cuja estruturação é ditada pela Teoria X-barras. Podem ter um complemento, e dispor de uma posição de Spec. Nesse sentido, eles selecionam a categoria à qual eles devem pertencer. Tais categorias são de natureza lexical. Os núcleos funcionais têm função eminentemente gramatical. Por exemplo, a flexão I encabeça o sintagma nominal IP (do inglês Inflectional Phrase), codificando as propriedades gramaticais que definem uma sentença finita ou infinitamente. A flexão verbal seria, então, o núcleo da sentença finita.

<sup>21</sup> Trata-se “de um mecanismo que desloca sintagmas de sua posição de base (aquela posição em que ele foi gerado em estrutura-D) para colocá-los em outras posições da sentença.” (Miotto et alii, 1999, p. 177)

<sup>^</sup> Os termos variável, operador, bem como quantificador são emprestados da Lógica e “a relação que se estabelece entre o operador e a variável é a de quantificação de modo que o operador fixa o valor da variável” (Miotto et alii, 1999).

<sup>23</sup> Sportiche (1988) preocupa-se em provar a existência das categorias vazias à direita do QU, característica esta que propicia o efeito de flutuação, uma vez que uma categoria vazia pressupõe a existência de um antecedente, e procura defender tal hipótese, levantando em quais os contextos podem-se constatar-las e quais poderiam ser os tipos de categorias vazias. No francês, aparentemente, o autor descreve a possibilidade de realização do QU com o NP-trace, pro (prozinho), PRO e variável. Para maiores detalhes ver página 436 do referido autor.

*mover a* obedece às condições de localidade impostas<sup>24</sup>. Todo esse processo descrito pelo *mover a* pressupõe uma derivação que deve acontecer a partir da estrutura profunda (estrutura-D) até a estrutura-S e que é possível ser visualizada por meio da sintaxe visível.

A gramática gerativa entende que o movimento do quantificador em si envolve o seu alçamento no processo de derivação, tanto na estrutura-S como na LF. O alçamento do QU é conhecido como QR (do inglês *quantifier raising*) pelo qual o QU é adjungido a outras posições. Na estrutura-S, o QR é visível e essa visibilidade é atestada pela variação do QU nas posições intra-sentenciais. Já na LF, o QR é tido como uma interpretação na qual o QU possui escopo sobre toda a sentença, daí a posição periférica mais alta em que é adjungida  
exe.v'AVüo?

Embora a gramática gerativa em seu modelo construa o QU flutuante como o processo de seu alçamento por meio do QR, assumiremos como Kato & Nascimento (1996) que em determinadas instâncias temos o que Sportiche (1988) pensou como flutuação à direita, mas que na verdade entendemos como dois processos diferentes de movimentos que privilegiam situações distintas. Um desses movimentos distintos diz respeito àquele que se dá do QU para a esquerda e que tem como escopo um predicado, já o outro movimento é do SN para a esquerda em construções partitivas. De modo que não temos nenhum movimento para a direita.

### 3.2. O fenômeno da flutuação do QU no PB

Uma proposta interessante quanto ao movimento do QU vem da discussão de Kato & Nascimento (1996) sobre a aparente permissividade da gramática do português falado na colocação dos advérbios aspectuais e quantificadores. Nosso interesse recai sobre os últimos, cujas possibilidades quanto à ordem são explicitadas mediante proposta sobre a flutuação desse tipo de constituinte.

Fazendo uma análise das posições do QU no PB, os autores ressaltam que as adjunções são permitidas em praticamente qualquer fronteira, segundo o esquema em (33). As fronteiras entre os constituintes a que Kato & Nascimento (1996:245) se referem podem ser visualizadas pela indicação das letras f, a, e, 4 o e x, entre os constituintes funcionais;

---

<sup>24</sup> A categoria vazia deve ser c-comandada por um elemento de mesmo índice, seu antecedente, em um certo domínio de localidade, que para as anáforas se define em termos de “domínio de vinculação”, que parece depender da presença de um sujeito e de mais alguma coisa para ser corretamente definido. (Miotto et alii, 1999: 160-161)

(33) (Tópico) .....(Sujeito) .....Verbo .....(Complemento 1) .....(Complemento 2)....  
 ↓                    ↓                    ↓                    ↓                    ↓                    ↓  
 f                    a                    e                    d                    o                    X

O argumento em tomo da possibilidade de adjunção do QU nas fronteiras visualizadas em (33), segundo os autores observam, pode derivar da atuação de diferentes fatores que estariam envolvidos no processo como condicionantes das adjunções do QU no PB. Dentre os condicionantes desse processo, destacamos o movimento do verbo (ou a falta dele) para a flexão, a inversão interna do QU no SN e a característica posicional semelhante aos operadores WHs.

### 3.2.1 O movimento; do verbo (ou a falta dele) para a flexão

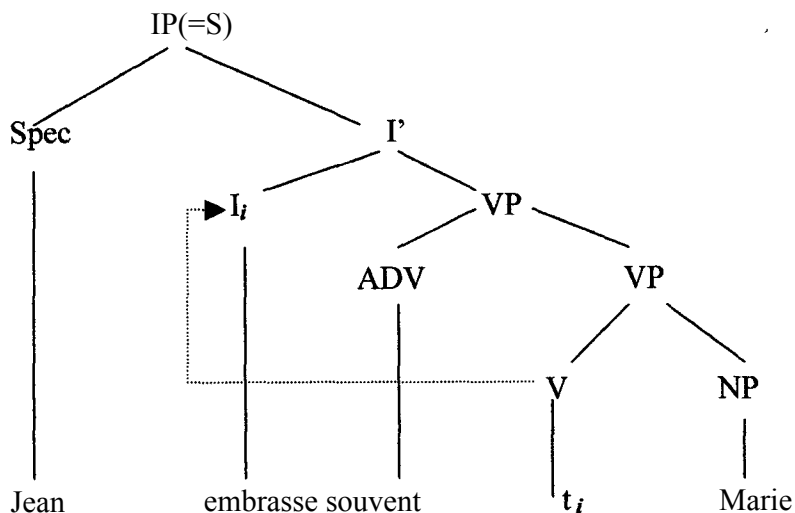
A partir de análises translingüísticas, Kato e Nascimento (*op.cit.*) observam que o movimento do verbo (ou da falta dele) influencia diretamente na ordem dos constituintes. Para respaldar essa proposição, os autores citam o trabalho de Pollock (1989) em relação aos advérbios, a fim de comprová-la. Com isso, pode-se justificar a multiplicidade de posições do QU ao longo da estrutura frasal, a exemplo do próprio advérbio.

Sportiche (1988) propõe que línguas como o fi-ancês, o inglês e o alemão pressupõem o constituinte na posição de sujeito como gerado na posição de base [SPEC,VP], podendo movimentar-se para a posição [SPEC, IP<sup>^^</sup>] na estrutura-S. A diferença entre essas línguas em relação a esse tipo de fenômeno, segundo o autor, está no fato de tal movimento ser ou não obrigatório.

Das línguas que possuem o movimento sintático do verbo para o núcleo Flexionai I, temos o francês. Ela possui flexão (concordância verbal), de modo que podemos atribuir a ela, em relação à concordância, o traço de [+ obrigatório] por propiciar o movimento, como podemos observar na árvore que se segue e que corresponde ao exemplo (34a).

- (34) a. Jean embrasse *souvent* Marie.  
 b. \* Jean *souvent* embrasse Marie.  
 ‘Jean beija freqüentemente Maria.’

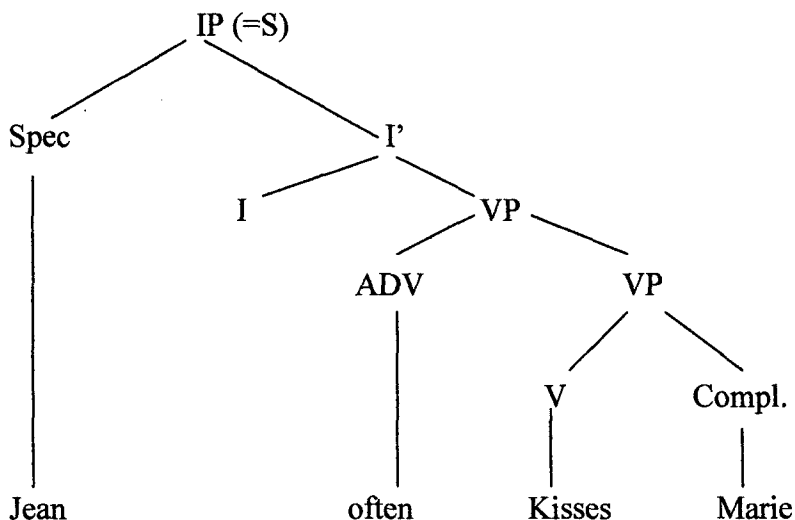
<sup>25</sup> Conforme a teoria X-barra, a categoria funcional IP é uma categoria frásica proposta para representar a sentença e projetar as posições de especificador [Spec] e complemento [Compl.] como as categorias lexicais. A hipótese é a de que o I é o núcleo de IP, ou seja, a flexão é o núcleo da sentença. Para maiores detalhes ver Chomsky (1981).



A árvore em (34) mostra-nos o movimento sintático do verbo *embrasse* da posição [V, VP] para a posição [I, IP], adjungindo-se à flexão.

Como língua representante daquelas que não apresentam o tipo de movimento visto na árvore correspondente ao exemplo (34a) e que poderíamos atribuir o traço de [- obrigatório], justamente pela falta de movimento e, portanto, evidenciando apenas uma regra de afixação ao verbo, em que não se move de seu lugar de base (cf. Kato e Nascimento, 1996:248), temos como hipótese o inglês. Observemos a seguir o exemplo do inglês com um advérbio na árvore correspondente.

- (35) a. John often kisses Mary.  
 b. \*John kisses often Mary.  
 'John frequentemente beija Maria.'



A árvore correspondente ao exemplo (35) não apresenta o movimento do verbo, que está na posição [I, IP].

As árvores em (34) e (35) apresentam restrições a certas posições, tais restrições em ambas as línguas diferem. Em (34), no francês, a presença do movimento do verbo para a flexão apresenta posições de restrição diferentes do inglês em (35). Ao passo que, em inglês as restrições apresentadas podem estar relacionadas à falta do movimento do verbo.

O PB, a exemplo do francês, parece ser uma língua caracterizada pela presença do movimento do verbo se assumirmos a proposta de Pollock (1989); entretanto, o posicionamento dos advérbios não apresenta as mesmas restrições do francês. Para ilustrar tal argumentação, segue o exemplo exposto anteriormente do francês ao lado do exemplo em PB correspondente.

- (36) a. Jean embrasse *souvent* Marie.  
b. \* Jean *souvent* embrasse Marie.  
‘Jean beija *freqüentemente* Maria.’

- (37) a. João beija *freqüentemente* Maria,  
b. João *frequentemente* beija Maria.

No PB, teríamos ainda outras posições possíveis para o advérbio:

- c. *Freqüentemente*, João beija Maria.  
d. João beija Maria *freqüentemente*.

Em (37), podemos visualizar posições que o advérbio pode ocupar no PB. O que parece querer dizer que a ordem em PB envolve outros fatores além do movimento do verbo.

O QU, a exemplo dos advérbios, parece figurar livremente entre os constituintes frasais como vemos em (38):

- (38) a. *Todos* os homens beijam Maria.  
b. Os homens *todos* beijam Maria.  
c. Os homens beijam *todos* Maria.

### 3.2.2 Inversão interna do QU no SN

A ordem apresentada em (33) foi suposta pelos autores como padrão canônico no PB. Com o intuito de levar adiante a hipótese de que outros parâmetros podem responder pela



diversidade de posições num único sistema gramatical em PB, os autores observam um fenômeno muito particular a afetar a colocação do QU no PB: trata-se da inversão do QU como interna ao SN.

A inversão interna, na verdade, é a flutuação do QU dentro dos limites do constituinte em que se posiciona o SN quantificado, não excedendo outros constituintes, como mostramos a partir dos exemplos em (39), extraídos dos nossos dados. Vale ressaltar que a posição do SN nessas estruturas é a de sujeito.

- (39) a [... *todos* os meus tios] ficaram muito chateados.[FLP20L94]  
b. [... os meus tios *todos*] ficaram muito chateados.

Essa proposta de um dos fenômenos envolvidos na flutuação do quantificador ser interna ao SN se justifica na medida em que essa inversão também ocorre no SN em posição do objeto, tanto direto (como em (40)) quanto indireto (este reproduzido em (41) a partir dos autores);

- (40) a ... porque ela conhecia [as famílias *todas*]. [FLP24L489]  
b. ...porque ela conhecia [*todas* as famílias].
- (41) a. A editora pagou [a *torfos* os autores],  
b. A editora pagou [aos autores *todos* ].

Nos três casos, percebemos que o fenômeno descrito pelos autores como interno ao SN está atuando, justificando a gramaticalidade em PB. Comparando esses exemplos à ordem colocada em (33), os autores argumentam que esses quantificadores não estariam propriamente nas fi<sup>^</sup>onteiras desses constituintes. Em (39), teríamos a inversão interna ao constituinte sujeito; em (40) e em (41), a inversão se daria interna aos complementos respectivos.

### 3.2.3 *Característica posicional semelhante aos operadores WHs*

Além das propriedades do movimento (ou a falta ) do verbo para a fixação e da inversão interna ao SN, um terceiro fenômeno envolvido está associado a outra hipótese: trata-se da variação posicional do QU estar ligada às mesmas propriedades dos operadores *WHs*.

A característica posicional dos operadores *WHs* tem sido descrita ao longo da literatura gerativista, principalmente, no que diz respeito aos movimentos que envolvem esse tipo de constituinte. A operação envolvida acarreta na extração do operador da posição onde se origina, podendo ele nascer adjungido a um predicado em posição baixa na estrutura e ir se movimentando e se adjungindo a predicados mais altos, ligando variáveis em posições mais baixas. Os autores (Kato & Nascimento, 1986:263) traçam a mesma relação com o QU e exemplificam por meio da estrutura a seguir, expressa por (42).

- (42) a' ... (ip *todos* (n- os homens (vp ti estão (t; bebendo (ti no bar))))))  
 b' ... (aspp *todos* (aspp estar (ti bebendo (ti no bar))))  
 c' ... (vp *todos* (vp bebendo (ti no bar)))  
 d' ... (pp *todos* (pp no bar)).

Considerando esse parâmetro de movimento representado pelo exemplo (42), a interpretação proposta em (42a) concebe o QU como adjungido ao predicado funcional IP, e, nesse sentido, compactuando da mesma interpretação da LF e, embora pareça estar em adjunção a um SN, na verdade tem sob seu escopo na estrutura-S toda a sentença quantificada.

A proposta acima supõe que o quantificador flutuante nasça em adjunção ao predicado mais baixo com um movimento muito semelhante ao dos operadores *WH*. Alguns trabalhos, como o de Lopes Rossi (1993), por exemplo, observam que a permanência dos operadores *WH in situ* pode ser vista como um rearranjo sintático provocado pelo enfraquecimento da concordância, que é responsável pelo movimento do verbo para a flexão. Quando tal movimento é realizado, ocorre a concordância do núcleo flexional com esses operadores de natureza pronominal.

Essa observação de Lopes Rossi pode ser presumida também para o QU, visto que o sujeito pode deslocar-se para a esquerda, deixando o QU na posição de base (*in situ*). Muitos dos nossos dados atestam essa ocorrência, em que o QU não necessita subir para o núcleo flexional a fim de realizar a concordância. Em Back (1997 - *mimeo*), a variação das formas deu-se mais efetivamente, quando estas estavam postostas ao verbo em que houve uma maior recorrência da forma invariável *tudo*, indicando ser mais um argumento a contribuir para entendermos a multiplicidade de posições tidas como gramaticais do QU na estrutura sentencial.

A diferença entre o quantificador e o operador interrogativo *WH* parece estar no local de pouso. O QU parece poder adjungir-se a posições que apresentam restrições ao elemento *WH*. Acreditamos que isso se deva justamente à possibilidade de interação entre a hipótese que envolve a característica de *WH*, em que o movimento é do QU; além da hipótese de a língua apresentar a possibilidade do movimento do verbo e de inversão ao próprio SN, o que parece ser uma propriedade paramétrica do PB. Esse conjunto de parâmetros que podem responder pela flutuação do QU no PB torna possível as posições indicadas a seguir por ^, por meio de um exemplo extraído dos próprios autores (Kato & Nascimento, 1996: 265)

(43) ^ Os meninos têm ^ assistido o programa (t comendo pipoca)  
 1                    2 3                    4

A estrutura sentencial em (43) apresenta quatro posições possíveis. A primeira posição é a que contém a construção partitiva canônica (como é chamada pelos autores), QU de SN. A segunda posição é resultante da inversão partitiva restrita ao SN. A terceira posição apresenta uma adjunção junto ao aspectual. Quanto à quarta posição, parece estar relacionada diretamente ao movimento do verbo para a flexão, uma vez que no francês, também uma língua de movimento do verbo, essa posição é possível, aparentemente ao contrário do que ocorre no inglês, língua sem movimento do verbo.

A partir dessa proposta sintática, podemos iniciar a categorização dos dados, assumindo que a variação da ordem do QU no SN se deve à interação de todos os fatores acima discutidos.

A zona central da estrutura sentencial no PB, junto ao núcleo flexional, apresenta mudanças em relação ao português de Portugal. Trabalhos atuais constatarem, por exemplo, não só o desuso do sistema dos clíticos<sup>26</sup>, como também um uso mais acentuado da próclise no PB e da ênclise no português de Portugal, como observam Kato & Nascimento. O próprio movimento ou não do verbo opera mudanças na ordem, como por exemplo, o aparecimento do *WH in situ* decorrente do enfraquecimento do sistema flexional.

Diante de todas essas constatações de mudanças no PB, podemos presumir que as várias posições possíveis do QU podem ser entendidas como mais uma das mudanças nessa

<sup>26</sup> Duarte (1989) apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a variação entre clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia na fala de São Paulo.

zona central; contudo, optamos por fazer um recorte atual do estado da língua para investigar a variação posicional do quantificador, deixando para um trabalho futuro a investigação diacrônica.

---

## CAPÍTULO III - ALGO MAIS SOBRE O FENÔMENO

---

### 1- Possíveis interpretações semânticas para o QU

Esta seção parte do pressuposto que os quantificadores *todos (as)*, *todo (a)* e *tudo* estão divididos em dois grupos quanto às possibilidades interpretativas: um grupo possibilita a interpretação [+ específica] e o outro a interpretação [+ genérica]. Delinearemos a seguir alguns matizes dos traços semânticos de especificidade e genericidade. Após a investigação dos dados, não pudemos fazer um trabalho quantitativo pelo número limitado que obtivemos com o traço de genericidade. O exemplo em (44) apresenta o traço [+ específico], e o exemplo em (45) mostra o genérico

- (44) a. *Todos* os vendedores tinham um número. [FLP4L.785] [+ específico]  
b. Os vendedores *todos* tinham um número.  
c. Os vendedores tinham *todos* um número.
- (45) a. *Todos* os homens são mortais. [+ genérico]  
b. Os homens *todos* são mortais.  
c. Os homens são *todos* mortais.

Para respaldar a análise dos dados que serão investigados, destacamos Enç (1991) que propõe analisar SNs quanto ao seu traço de especificidade; Diesing (1992), cuja contribuição vem da abordagem que faz para os SNs indefinidos *bare plurals*<sup>27</sup> e quantificados quanto ao traço de genericidade; e, por fim, esboçamos o estudo de Vazzata-Dias (no prelo) que faz a análise qualitativa diretamente sobre esses quantificadores, utilizando-se de Enç e Diesing. Vazzata-Dias atesta a existência das duas interpretações acima mencionadas, propondo, como um trabalho futuro, a investigação desses quantificadores dentro da abordagem variacionista. A seguir examinaremos as abordagens teóricas propostas em cada um dos trabalhos.

---

<sup>27</sup> *Bare plurals* são SNs sem determinantes expressos.

A espinha dorsal sobre o traço semântico de especificidade segue a análise de Enç (1991). A autora sustenta a hipótese de ser a relação de inclusão definidora da especificidade dos SNs.

A sugestão dada a respeito da especificidade seria a de que o SN carrega naturalmente um par de índices, sendo que o segundo índice seria definido sob dois aspectos, a relação de identidade e a relação de inclusão.

O primeiro índice delimitaria a definitude de maneira usual, como é comumente tratado pela literatura, ou seja, se na apresentação do SN estiverem as marcas formais como *nome, pronome*<sup>28</sup> e *descrições definidas*, então, entenderemos ser este SN portador do traço [+ definido], do contrário, será portador de traço [- definido].

Em relação ao traço de definitude do QU, a autora o considera [- definido]. Segundo sua argumentação - *há outros NPs indefinidos no Turco que requerem Caso acusativo, entre eles os NPs que envolvem quantificação universal*. (Tradução nossa - p. 10). A autora fundamenta sua argumentação usando exemplos a partir dessa língua.

Os SNs com QU, no turco, que não forem marcados morfologicamente com o Caso acusativo na posição de objeto resultam em agramaticalidade, como sugere o exemplo seguinte da autora:

- (46) a. Ali *her* Kitab-i okudu.  
\* Ali *her* Kitap okudu.  
'Ali leu *todos* os livros

Então, onde quer que esteja o QU na sentença quantificada no turco, estando ou não adjacente à variável que quantifica, o primeiro índice a ser atribuído ao SN com o QU possuirá o traço [- definido]. Seguiremos a proposição da autora nas análises do QU em PB, para podermos caracterizar características universais. A partir de (47), podemos *brincar*, colocando o QU nas possíveis posições em que ele parece poder se colocar no PB.

- (47) a. [*sN Todos os vendedores*] tinha um número. [FLP4L954]  
b. [*áw Lw Os vendedores*]; *todosg*] tinha um número.  
c. [*sAf Os vendedores*]/ tinha *ISN todosa*] um número.

---

<sup>28</sup> Os pronomes a que nos referimos são aqueles que a GT chama de "pronomes pessoais". Segundo a Gramática Gerativa, os pronomes parecem possuir propriedades distintas, uma vez que divide a classe em dois grupos: pronome e anáforas. Para mais esclarecimentos ver Miotto et alii (1999:155)

d. Tinha [sa? Lw Os vendedores]; *todosu*]wi\ número.

Outra questão acerca dos SNs [- definidos] diz respeito à variável sob escopo do QU, que na verdade é o SN sob quantificação. Será que se pode atribuir o traço de [- definido] a esse SN?

Embora não nos preocupamos em tratar o SN quantificado como QP, NP ou DP ao longo deste estudo, Galves (1990) (apud Figueiredo Silva (1996:47)) sugere que em PB *um sintagma contendo um quantificador pode ser representado por duas estruturas diferentes:*

- (48) a. [*QP todos XP*]  
b. [//p *XP todos*]

Identificamos a possibilidade quanto à representação dessas estruturas, sendo que a opção por nos referir a ambas por SN não exclui o reconhecimento de estarmos diante de uma estrutura funcional complexa, em que o XP em (48a.) representa outro SN dentro do SN expresso pelo *quantifier phrase (QP)*. Nessas estruturas, o XP como no esquema em (48), segundo a delimitação de definitude, pode ser classificado como [+ definido] ou [- definido]. Em (47b), o SN *os vendedores*, pode ser considerado como [+ definido]. Entretanto a definitude que nos interessa se restringe ao SN que se compõe com o QU. A discussão sobre a natureza do SN, expressa por XP em (48), que é a variável sob quantificação, pode fazer parte de futuras investigações.

Diante do exposto de que, independentemente de o QU adjungir-se a variáveis que apresentam marcas formais [ + definidas] ou [ - definidas], e de o SN que se compõe com o QU dever ser sempre [- definido], não poderíamos analisar o traço de definitude quantitativamente, pois ele se mostraria categórico, tomando este estudo sem efeito para a variação. Daí, nossa análise deter-se sobre o segundo índice proposto por Enç, visto que ele pode ser analisado sob dois aspectos, a relação de identidade e de inclusão

Os SNs que se compõem de *nomes* e de *descrições definidas* garantem por si só a identidade, visto que esses elementos possuem autonomia referencial, servindo de antecedente para um pronome. Já um pronome garante sua identidade fora dos domínios da sentença em que ele se coloca, completando sua referencialidade noutra domínio, de modo que o índice correferencial será idêntico.

Examinemos o seguinte exemplo:

(49) [*Os vendedores*]<sub>i</sub> tinham um número. [*Eles*]<sub>i</sub> o perderam, [adaptado de FLP4L785]

A natureza da *ligação*<sup>29</sup> expressa em (49) pelos índices correferenciais demonstra o que a autora chama de relação de identidade, visto que o pronome *Eles* resgata o SN já enunciado *Os vendedores*.

O segundo índice ocupa-se das propriedades que estruturam o domínio do discurso, de modo que o valor dado semanticamente ao SN que portará o segundo índice dependerá do fato de o antecedente referencial estar ou não expresso no discurso e não, necessariamente, expresso num domínio muito próximo, como podemos visualizar a seguir:

(50) [*Os vendedores*]<sub>ij</sub> tinham um número. Eles permaneceram na loja por algumas horas além do expediente previsto para saber o resultado do sorteio, mas beberam muito e não se deram conta de que o sorteio havia começado. [*Alguns*]<sub>ij</sub> o perderam.

Considerando o segundo índice no exemplo (50), podemos assegurar que o SN *alguns* possui o mesmo índice referencial expresso pelo SN *os vendedores*, não em termos do todo idêntico, mas em parte desse todo.

A especificidade vista sob o prisma que acabou de ser esboçado, em tomo do segundo índice, é estruturada e definida a partir da presença ou da ausência de xim antecedente no discurso. Esta relação, cuja natureza da *ligação* é a que a autora chama de relação de inclusão, garante ao SN sua especificidade.

Suponha que sem contexto algum seja dada a seguinte enunciação.

(51) Os alunos se atrasaram para a minha aula.

A sentença acima poderia ser seguida pela sentença (52), com interpretação [+ específica] ou [- específica].

(52) Eu conheço dois alunos.

---

29 A autora designa como *ligação* a relação existente entre o SN em estudo e um referente que esteja estabelecido no contexto dado ou o que ela chama contextualmente relevante. Não há indícios, no arcabouço teórico da autora, do que ela chama de contextualmente relevante. Nós tomaremos, para o momento, como o domínio discursivo lingüístico, uma vez que nossa fonte se constitui de entrevistas.



Tomando a interpretação [+ específica] para o SN “dois alunos”, entendemos que o mesmo está incluído no SN ‘os alunos’, inserido previamente na sentença (51), o que sugere uma leitura partitiva implícita: foram introduzidos no domínio discursivo indivíduos (dois alunos) de um conjunto previamente dado (os alunos). Entretanto, se tomarmos a interpretação [- específica], entenderemos que *os alunos* em questão não mantêm uma relação de inclusão com o SN *os alunos* em (51). Neste caso, a sentença (52) em seqüência à (51) poderia parecer incoerente nesse contexto.

A interpretação sugerida para a especificidade, segundo a propriedade de inclusão no contexto dado, perpassa a noção chamada por Enç de partitividade. A noção de partitividade desobscureceu a análise dos dados investigados, uma vez que a interpretação da leitura partitiva desses SNs apresenta uma relação de inclusão no domínio discursivo<sup>®</sup> inserido previamente, com realizações partitivas implícitas ou explícitas no nível sentencial.

Na verdade, o percurso da especificidade se constrói da seguinte maneira: toda vez que um SN apresentar uma leitura partitiva será [+ específico], por apresentar a relação de inclusão no contexto prévio, na medida em que o segundo índice estabelece uma relação de identidade parcial e não idêntica, porque a correferencialidade se dá em termos de parte do referente, nesse caso, em termos de parte da quantidade desse referente.

Assumirmos que um SN, quantificado universalmente, proporciona a leitura partitiva pode parecer heresia. Ao pensarmos em leitura partitiva, imediatamente temos em mente os partitivos prototípicos como *um dos*. Todavia, a interpretação partitiva está implícita no QU e explícita nos quantificadores prototípicos, de modo que, na realidade, ambos quantificam sobre conjuntos no discurso dado, ou como propõe Enç, quantificam sobre conjuntos contextualmente relevantes. A diferença entre eles é que os partitivos prototípicos apresentam a leitura partitiva de modo visível, explícito. Tomemos a construção a seguir:

(54) [**SN** Um dos dados], analisados por mim, *faz* parte da entrevista FLP20.

A especificidade de (54) é assegurada por ser o SN sob análise *um dos dados* um subgrupo do referente *os dados* que está contido nesse SN com o partitivo prototípico, portanto, o segundo índice do SN partitivo corresponde em parte quantificacional ao primeiro índice do SN contido nele - *os dados*. De modo que um partitivo proporcionará a relação de

inclusão de forma visível (local). Já a especificidade do QU só poderá ser desambiguizada no contexto, e sua interpretação partitiva se dá de modo não-visível, implícita; mostrando que os específicos podem ser partitivos velados.

Exemplificando essa característica velada do QU, podemos imaginar uma situação em que, durante um discurso do Presidente da República, ele faça referências aleatórias a todos os ministros de sua equipe. Por exemplo, quando o Presidente fala sobre a situação da saúde, ele faz referência ao Ministro José Serra, em outro momento de sua fala, comenta sobre a educação e faz referência ao Ministro Paulo Renato, e assim por diante. Já no final de sua explanação, o presidente diz; *...sabemos que há muito por fazer, e todos os ministros da nossa equipe estão se empenhando para....* O que temos, a partir dessa simulação ao analisar o SN *todos os ministros* é uma relação de inclusão no discurso prévio, esse SN liga-se ao *Ministro José Serra*, ao *Ministro Paulo Renato*, referentes dados contextualmente. A interpretação partitiva licenciada pela relação de inclusão une os referentes expressos no discurso e garante o traço [+ específico] ao SN.

O que podemos considerar contextualmente relevante não é preciso e pode talvez apresentar-se como problema no momento em que nos deparamos com as evidências positivas por não dispormos de contexto lingüístico discursivo suficientemente claro para podermos seguir com a análise. Em virtude desses eventuais problemas, podemos, ainda, obter outro parâmetro como instrumento de análise, objetivando seguir o pressuposto da autora (Enç, 1991:11), de que o QU quantifica sobre conjuntos dados contextualmente, o que assegura a especificidade do SN quantificado universalmente.

Considerando, então, a possibilidade de verificação da especificidade a partir do contexto lingüístico, a autora mostra que no turco a marca de especificidade nos SNs se estabelece por meio da presença do Caso acusativo, atestando que tal SN está quantificando sobre conjuntos dados contextualmente. O exemplo a seguir (sem a quantificação universal, mas com outro tipo de quantificação) ilustra a argumentação:

**(55) Odam-a birkaç çocuk girdi.**  
**‘Várias crianças entraram na minha sala.’**

---

30 A autora não se deteve em explicitar o que chama de domínio discursivo, a nossa interpretação toma como uma unidade discursiva para além da sentença, em que os elementos sob análise devam ser interpretados. Essa discussão ficará mais clara quando abordarmos a discussão de Vazzata-Dias sobre o contexto situacional mais adiante.

Tomamos (55) como um contexto lingüístico a partir do qual temos duas possibilidades de sentenças que poderiam segui-lo. A primeira em (56) apresenta o Caso acusativo no SN e a segunda em (57) não apresenta.

(56) Iki kız-ı taniyordum.  
'Eu vi duas garotas.'

(57) Iki kız taniyordum.  
'Eu vi duas garotas.'

Em (56), Iki kız-/ com Caso acusativo estabelece que as duas garotas fazem parte do conjunto de crianças que entraram na sala, expresso no contexto da sentença (55). Já em (57), as duas garotas não têm relação com (55), trata-se de meninas excluídas desse conjunto.

Esses exemplos tomados da autora demonstram que podemos seguir a mesma linha de raciocínio esboçado em (51) e (52) para delinear a noção de partitividade que garante a especificidade do SN no PB. Entretanto, no turco tal especificidade é marcada morfológicamente, ao passo que no PB assim como no inglês a interpretação só é possível a partir do contexto lingüístico.

Retomamos, agora, o exemplo da autora com o SN quantificado universalmente a fim de mostrar a marca morfológica atribuidora de Caso acusativo e sua respectiva especificidade.

(58) a. Ali Aer Kitab-i okudu.  
\* Ali *her* Kitap okudu.  
'Ali leu *todos* os livros

No turco, como pudemos ver em (56) e (57), a marca morfológica de Caso acusativo revela a especificidade do SN quantificado que está em jogo. Em (58), *Kitab-i* reporta-se aos *livros* lidos por Ali, sendo que essa marcação de Caso acusativo pressupõe que no domínio discursivo, os elementos do conjunto já estavam estabelecidos. (Enç, 1991:6)

Um outro exemplo trazido pela autora diz respeito ao inglês, do mesmo modo que o PB busca no contexto sua especificidade, essa língua também o faz, vejamos:

(59) Sally danced with **every**.  
'Sally dançou com *todos* os homens'.

o raciocínio a ser seguido em relação ao exemplo acima não implica que Sally dançou com todos os homens do mundo, somente que ela dançou com todos os homens contextualmente considerados relevantes.

Em relação ao SN quantificado em (59), Vazzata-Dias (no prelo) destaca a importância do contexto situacional para analisá-lo. Sempre que for possível estabelecer uma relação de inclusão do SN quantificado ao contexto situacional, será assegurada a sua especificidade. A autora ainda argumenta que *o conhecimento compartilhado atualizaria esse todo homem como um partitivo cada um dos homens, pois seria de consenso entre os interlocutores que, pragmaticamente, Sally não poderia ter dançado com todo homem existente no mundo, mas, sim, com aqueles num contexto de uma festa (p. 8)*. A autora pontua sua linha de raciocínio citando outros exemplos com a mesma interpretação apresentada em (59):

(60) *Toda mulher estava maquiada.*  
(contexto situacional de um salão de beleza)

(61) *Todo menino está doente.*  
(contexto situacional de uma escola)

(62) *Todo homem está ocupado.*  
(contexto situacional de um escritório)

Toda essa construção em torno da especificidade que toma como propriedade fundamental a relação de inclusão discursiva contextual ou situacional assegura que os SNs quantificados pelo QU pressuponham existência nos domínios discursivos. E, sob esse aspecto, vale colocar que a pressuposição de existência (inclusão), tanto quanto a asserção de existência (identidade) estão para o traço [+ específico], de modo que o traço [-específico] proposto dentro de uma *leitura existencial* parece não ocorrer junto aos itens com força quantificacional, no nosso caso, junto ao QU. O que temos é um novo direcionamento, em que o enfoque se desloca do eixo da *leitura existencial* para a *leitura não-existencial*, o que não é previsto por Enç. Buscamos, por isso, respaldo em Diesing (1992).

## 1.2. Da genericidade

Diesing (1992) investiga as interpretações semânticas dos SNs *bare plurais* e dos SNs

quantificados. Para ela, a análise se dá sobre ser ou não ser existencial<sup>31</sup> de forma que sua interpretação explica os genéricos, fato que em Enç não se explica. Seguindo Diesing, a interpretação genérica assegura propriedades gerais que são atribuídas pelos predicados aos seus sujeitos, diferente do que ocorre com a interpretação existencial. Envolvendo apenas a leitura existencial, Enç focaliza seu estudo na dicotomia ser ou não ser específico.

Diesing constata em seu estudo que os *bare plurais* do inglês podem receber interpretação genérica. O exemplo usado por ela segue em (63).

(63) Lions have manes.  
'Leões têm jubas.'

O exemplo (63) ilustra a leitura genérica. (63) não é uma afirmação sobre um leão em particular. Pelo contrário, coloca que, em geral, *todos os leões* têm a propriedade de possuir *jubas*. Um exemplo no PB que podemos usar para explicitar a proposta de Diesing, utilizando-nos de SN com QU, segue em (64).

(64) *Tbífo* homem é mortal.

Em (64) a descrição segue da mesma análise de (63). Não se trata da afirmação a um homem em particular, mas sim a de que os homens têm a propriedade de serem mortais. Por outro lado, o exemplo seguinte apresenta a leitura existencial com o QU.

(65) *Todos* os vendedores tinham um número. [FLP4L785]

Em (65), o que temos não é uma declaração sobre uma propriedade de *todos os vendedores* em geral; é simplesmente uma pressuposição de existência. Essa existência se constitui de presença no discurso em que o falante expõe a sua vida profissional e engloba a ela pessoas específicas de seu trabalho.

Considerando o exposto acerca das propriedades quanto à interpretação existencial e não-existencial, como categorizar os dados a partir dessas leituras? A fim de obter respostas satisfatórias, temos de considerar as propriedades que sustentam cada uma das interpretações.

---

31 Em relação a ser ou não existencial, Larson & Segal (1995:296) citam a abordagem de Keenan (1987) em que o autor trabalha na estrutura paradigmática, sugerindo uma caracterização semântica para determinantes. Embora tal caracterização seja esboçada formalmente sobre os determinantes, o autor chega à questão existencial vs não-existencial dos quantificadores. Keenan estabelece um paradigma existencial e submete a este paradigma alguns quantificadores, dentre os quais encontramos o *every* (genérico), que não se enquadra a esse paradigma, sendo classificado pelo autor como um determinante não-existencial.

Os sujeitos *bare-plurals*, segundo a autora, possuem dois tipos de predicados, *individual-level* e *stage-level*. O predicado *individual-level* favorece a interpretação genérica do SN sujeito sob análise, enquanto que o *stage-level* admite tanto a interpretação genérica quanto a interpretação existencial. Essas relações foram usadas, primeiramente por Carlson (1977) (apud Diesing, 1992), em quem a autora fundamenta-se para traçar e propor suas próprias correlações acerca dos predicados e suas possíveis interpretações sobre os sujeitos *bare-plurals*.

A autora parte do pressuposto que os sujeitos *bare plurais* possuem duas leituras, a existencial e a genérica. Ambas possuem representações lógicas diferentes que visam distinguirem-se por meio de tais possibilidades de interpretações, conduzindo a uma discussão do problema quanto às representações da estrutura superficial (estruturas-S) na LF.

Começando pela análise do SN em posição de sujeito, teríamos dois tipos de predicados associados a sujeitos característicos que propiciam as duas leituras distintas. A posição de sujeito associada à leitura existencial que teria como propriedade os predicados *stage-level* (SL) e a posição de sujeito associada à leitura genérica que teria como propriedade os predicados *individual-level* (SL). Os predicados SL correspondem a estados temporários (por exemplo, *doente*) ou atividades transitórias (*tem um número*), como mostra o exemplo (65) reproduzido a seguir em (66).

- (66) a. *Todos os vendedores tinham um número.*  
b.  $\forall x$  X é *um dos vendedores*  $\wedge$  x tem um número .

A leitura existencial do sujeito *todos os vendedores* é propiciada por uma leitura episódica do predicado *tenham um número*. Na derivação da representação lógica dessa leitura, temos um operador de pressuposição existencial, que aqui assumimos tratar-se do QU, como colocado em (66b).

Os predicados IL correspondem a estados mais ou menos permanentes (como: *ser mortal*). Vejamos o exemplo (64), reproduzido a seguir em (67).

- (67) a. *Todo homem é mortal.*  
b.  $\forall x$  [ x é um homem ] x é mortal.

A leitura genérica de *todo homem* expressa um atributo dos *homens*; é uma propriedade dos homens serem mortais. Ao contrário de (66a), essa leitura não é episódica. Na derivação da representação lógica, temos um operador abstrato genérico {Geri} que está por trás da leitura genérica como colocada em (67b).

As considerações acerca da leitura existencial e da leitura genérica fizeram emergir a questão de onde poderia ocorrer maior variação da ordem do quantificador *todo(as)* e *tudo* no SN. O nosso fenômeno estaria mais nos SNs genéricos ou nos SNs de pressuposição existencial?

Buscando a resposta para essa pergunta, analisamos o traço de especificidade segundo a abordagem ençiana, e o traço de genericidade segundo a abordagem diesiana. Acreditamos que, por trás dessas interpretações, há dois operadores distintos que, na representação da Forma Lógica estariam ligados a quantificações distintas: uma interpretação estaria ligada à quantificação existencial (o quantificador universal) “V” e a outra ligada à quantificação genérica “Gen”. Como ambas as interpretações de quantificação se realizam sob as mesmas formas (*todo (as)* e *tudo*) e por acreditarmos haver flutuação nos dois contextos, englobamos as duas interpretações em uma única sigla - QU.

A fim de verificar esta hipótese sobre qual é’ contexto poderia favorecer a flutuação, investigamos, e, por falta de dados com SNs genéricos, não pudemos controlar esses traços, o que apontou para a variação no contexto da especificidade. A falta de dados genéricos também nos impossibilitou de averiguar a possível restrição sintática que esses SNs genéricos apresentam. Para isso, vejamos novamente o exemplo (67):

- (67) a. *Todo* homem é mortal,
- b. \* *Homem todo* é mortal.

Nesse exemplo, podemos perceber a presença de uma possível restrição sintática nos contextos genéricos, uma vez que a alternância da ordem no SN tomou a estrutura agramatical.

### J.3. Estudo semântico de Vazzata-Dias

O estudo semântico do QU no PB por Vazzata-Dias (no prelo) segue também a hipótese de que em PB existem duas interpretações para o QU. De sua discussão, o que mais nos interessou para a categorização dos dados, foi a síntese acerca da existência no PB de dois

grupos distintos quanto à interpretação dos quantificadores *todos (as)*, *todo (a)* e *tudo*, o grupo cuja interpretação é genérica e o grupo cuja interpretação é específica.

A abordagem da autora analisa sentenças no PB e toma como parâmetro a fundamentação teórica de duas das autoras por nós já discutidas: Diesing (1992) e Enç (1991). No quadro a seguir constam as sentenças analisadas por Vazzata-Dias à luz da discussão de Diesing.

| TIPO DE SENTENÇA |      |                      |        |                     |
|------------------|------|----------------------|--------|---------------------|
| IL               | (68) | Todos os empregados  | são    | esforçados.         |
| IL               | (69) | Tudo os meus filhos  | são    | inteligentes.       |
| IL               | (70) | Toda mulher          | é      | vaidosa.            |
| IL               | (71) | Todo trabalho        | é      | gostoso e bom.      |
| IL               | (72) | Toda mulher          | tem    | ventre.             |
| SL               | (73) | Todas crianças       | estão  | molhadas.           |
| SL               | (74) | Todas as roupas      | estão  | limpas.             |
| IL/SL            | (75) | Todos os salva vidas | estão  | disponíveis.        |
| SL               | (76) | Tudo o pessoal       | está   | doente.             |
| IL/SL            | (77) | Todo professor       | está   | disposto a ensinar. |
| SL               | (78) | Toda mulher          | estava | maquiada.           |

Quadro 1 - Classificação das sentenças quanto ao tipo de predicado: SL e IL

Em relação às sentenças acima analisadas pela autora, temos a dizer que sua classificação deve ser revista. Podemos ver diferenças entre os exemplos (68) e (72), ambos classificados como IL. A fim de compararmos esses dois, voltemos ao exemplo dado em (64):

(64) *Todo* homem é mortal.

nesse exemplo não podemos excluir um homem sequer que não seja mortal; do mesmo modo, temos em (79), retomado do exemplo (72):

(79) *Toda* mulher tem ventre.



a impossibilidade de *pinçar* iima mulher que não possua ventre. Parece-nos que em ambos os exemplos, (64) e (79), estamos diante de propriedades inerentes aos sujeitos de cada um deles, podendo seus predicados serem classificados como IL, caracterizando uma interpretação genérica por assegurar propriedades gerais atribuídas ao sujeito, o que parece não ser o caso do exemplo (68).

Nós também nos deparamos com dados de difícil classificação quanto ao tipo de predicado e, conseqüentemente, quanto ao traço de genericidade. O exemplo (80) parece genérico no primeiro momento ao pensarmos no domínio discursivo lingüístico em que há o pressuposto de que *brincadeira de criança é legal*:

(80) *Toda brincadeira de criança é legal.* [FLP1L251]

Entretanto, ao pressupormos um domínio discursivo em que é possível termos *uma brincadeira de criança* que possa *ser legal* e *uma outra que possa ser chata*, vimos que a sentença quantificada não possui a mesma interpretação genérica acerca de propriedades gerais que possam ser atribuídas ao sujeito a exemplo do que ocorre em (64).

Diante dessas evidências acerca da análise do tipo de predicado, parece que o critério para a análise do que é ser genérico deve ser revisto no sentido de verificarmos o que de fato devemos tomar como um SN genérico.

Se tormarmos a genericidade dentro de um domínio discursivo lingüístico do tipo das entrevistas do VARSUL, o exemplo em (80) poderia vir a ser considerado genérico; contudo se considerarmos tal traço como propriedades permanentes atribuídas pelo predicado ao SN sob análise, como sugere Diesing, apenas o exemplo em (79) seria portador do traço de genericidade.

A partir da análise de Vazzata-Dias vista no quadro anterior, parece haver uma oposição entre verbos *ser* e *ter* de um lado e o verbo *estar* de outro. Poderíamos dizer que, semanticamente, os verbos *ser* e *ter* apresentam características mais permanentes, o que ocasionaria a interpretação genérica correspondente ao tipo de predicado IL, como está demonstrado no quadro. Ao passo que o verbo *estar* parece apresentar uma característica mais temporária ou transitória, favorecendo a interpretação existencial correspondente ao tipo de predicado SL.

Parece que a caracterização IL e SL está mais para o aspecto do verbo e não para o fato de ser ou não existencial. O IL, cuja interpretação é não-episódica, e o SL, cuja

interpretação é episódica, poderiam ser discutidos dentro do aspecto acabado *vs* o inacabado, por exemplo. Tal estudo merece uma atenção futura.

Embora a análise de Vazzata-Dias identifica em algumas sentenças SNs quantificados com a interpretação genérica e que julgamos necessitarem ser revistas, assumimos haver no PB os dois tipos de operadores quantificacionais, proporcionando a leitura genérica e específica.

Quanto à proposta de Enç, Vazzata-Dias, também, submete à análise algumas sentenças. Seu exame de algumas sentenças com QU percebe a existência de um quantificador que se realiza sob as formas em estudo com interpretação não-específica, que não se sustenta referencialmente no contexto lingüístico, nem no contexto situacional, impossibilitando o resgate da especificidade do SN. A seguir duas das sentenças analisadas pela autora:

- (81) *Todo* homem teórico não vale nada. [POA18L.374] (Vazzata-Dias, no prelo 1999:10)  
 (82) *Todo* trabalho é gostoso e bom. [POA18L.374] (Vazzata-Dias, no prelo 1999:10)

A partir daí, Vazzata-Dias tenta relacionar tal percepção à análise diseana quanto à interpretação dos sujeitos quantificados com predicados IL, cuja interpretação é genérica, e seguindo Enç, não-específica, pois não se resgata o referente existencial. E, nesse sentido, o [+genérico] de Diesing estaria numa relação de sinonímia com o [- específico] de Enç.

Em conseqüência desse possível casamento entre as duas teorias, a autora propõe uma tipologia semântica para a interpretação do QU como consta a seguir:

- *Todo 1* como realizado na sentença *Toda mulher tem ventre*, cuja interpretação é [- específica].
- *Todo 2* como na sentença *todo o pessoal é brizolista*, na qual a interpretação é [+ específica].
- *Todo 3* envolve a terceira classificação, cuja realização quanto à forma é semelhante ao *Todo 1*, diferenciando-se quanto à interpretação que seria [- específica] e realizando-se em sentenças do tipo *Toda mulher estava maquiada*.

Considerando a classificação proposta, podemos derivar o quadro a seguir:

| Tipo   | Descrição do QU                         | interpretação  | Tipo de predicado |
|--------|---|----------------|-------------------|
| Todo1  | [[QUANTIFICADOR] + [SN]]                | [- específico] | IL(Gen)           |
| Todo 2 | [[QUANTIFICADOR] + [SN]]                | [+específico]  | SL(“)             |
| Todo 3 | [[QUANTIFICADOR] + [SN]] [- específico] |                | SL(“)             |

Quadro 2 - Distribuição do tipo de QU quanto à interpretação específica e tipo de predicado

A autora observa, ainda, que a classificação proposta acima apresenta dois grupos distintos: o primeiro seria representado pelo *Todo 1* em que se tem o operador genérico *{Geri}* e o segundo grupo representado pelo *Todo 2* e *Todo 3* em que se tem o operador de pressuposição existencial.

Segue, a partir dessa síntese, um impasse, que deriva da proposição ençiana na qual anuncia *que em línguas naturais, alguns SNs introduzem elementos no domínio discursivo e outros quantificam sobre eles*, de modo que *nenhum SN introduz novos referentes e quantifica sobre eles ao mesmo tempo* (p. 11). O que dizer, então, do *Todo 11* Segundo Vazzata-Dias parece-nos que a hipótese que mais se viabiliza é a de que é o item em discussão que não apresenta realmente um comportamento de quantificador universal, mas apenas de operador. Nesse caso, de operador genérico - *Gen*.

Podemos constatar em Vazzata-Dias que estamos diante de dois grupos distintos de quantificadores, sendo um deles sem potencial para a quantificação universal - o quantificador genérico *{Gen}*. Para Enç, todo quantificador é específico, daí tiramos a conclusão de que para ela os genéricos não seriam quantificadores. Diesing (1992:354) argumenta que o *Gen* não é estritamente um quantificador universal (tradução nossa).

Todos esses autores acabam por admitir que, nesse *saco de gatos* do QU, encontramos dois grupos semânticos distintos de quantificadores e que um deles não apresenta o *status* de quantificador universal e que, portanto, não podemos *comer gato por lebre*. Isso é ponto pacífico. Essa discussão em relação às suas possíveis interpretações quanto a ser ou não ser de natureza genérica foi trazida aqui apenas com o objetivo de explicitar em quais desses contextos o fenômeno em estudo estaria em variação, o que não foi possível discutir devido a falta de dados em nosso *corpus*, como já dissemos anteriormente. A genericidade foi deixada, portanto, como proposta de um novo trabalho.

## **2 - OUTRA INTERPRETAÇÃO PARA A QUANTIFICAÇÃO**

Larson & Segai (1995) defendem ser a quantificação um processo que se realiza sobre atos de apontar. As reflexões dos autores propõem uma noção informal acerca dos SNs quantificados. Trata-se da idéia de que a quantificação pode ser possível se entendermos ser ela realizada por meio de um gesto de apontar. Essa idéia oferece um meio para atenuar os problemas decorrentes da composicionalidade que surgem com as análises que empregam substantivos próprios.

Segundo esses autores a quantificação sobre sentenças quantificadas pode ocorrer de diversas maneiras. Uma proposta seria a de que sentenças quantificadas quantificam sobre nomes, daí poderia aplicar-se o processo da composicionalidade em que a verdade da sentença quantificada estaria condicionada à verdade de sentenças com referentes singulares. Observe a sentença a seguir e seu processo de composicionalidade envolvendo referências singulares, por meio de substantivos próprios:

- (83) a. *Todos* os outros três filhos são revoltados. [FLP3L309]  
b. O Mateus é revoltado.  
c. O Wagner é revoltado.  
d. A Paula é revoltada.

No exemplo acima (83), a quantidade relevante analisada é a quantidade de substantivos próprios e a verdade da sentença depende da verdade das sentenças elementares nas quais os substantivos próprios aparecem.

Uma alternativa seria tomar as sentenças quantificadas como quantificando sobre indivíduos designados por algum nome próprio. O processo de composicionalidade é semelhante, contudo, apresenta uma sutil diferença: a quantidade relevante avaliada é uma quantidade de pessoas e a verdade das sentenças quantificadas depende da verdade das sentenças elementares, nas quais os nomes próprios que se referem às pessoas aparecem,

Um problema que surge de imediato com esse tipo de quantificação é o de que nem todas as coisas no mundo a que os SNs se referem possuem nomes, e outras, ainda, possuem mais de um nome, sugerindo que a relação não seja exatamente essa.

Pelo fato de a relação proposta para a quantificação não espelhar a realidade, os autores sugerem um recurso lingüístico baseado em uma referência variável tal como pronomes e demonstrativos.

Esse recurso lingüístico consistiria numa combinação entre o uso de um pronome referindo-se sucessivamente a todo elemento quantificado, e o gesto de apontar para cada elemento a que esse termo (o pronome) se refere. O mesmo termo simplesmente seria usado novamente, esticando sua referência entre os elementos em questão.

Larson & Segal observam, ainda, que pronomes e demonstrativos, frequentemente, têm suas referências fixadas explicitamente por meio de um gesto de apontar, como quando alguém diz: *Ele é louco*, apontando para um homem sobre o telhado, de forma que o gesto fixa a referência do pronome em cima do telhado.

Podemos fazer uso desta reflexão em que se considera *os apontamentos*, estendendo-a ao exemplo abordado anteriormente - *Todos os outros três filhos são revoltados*. Percebemos que esta sentença será verdadeira se (e somente se) todo apontamento que toma a sentença *Ele é revoltado* for verdadeira. Daí a facilidade de se lidar com a composicionalidade, como dissemos anteriormente.

A proposta desses autores envolve três pontos:

- a) Quantos apontamentos estão envolvidos: *todos, alguns, dois, etc.*
- b) Quem ou o quê está sendo apontado: *os filhos, etc.*
- c) Qual é a verdade dos indivíduos apontados: *Ele é louco.*

Se, sob a ótica de Larson & Segal, a quantificação envolve os três pontos acima enumerados, segue que a falta de um deles coloca em xeque a quantificação em si. Por exemplo, a falta do que está sendo apontado pode querer dizer que estamos diante de algo que não pode ser quantificado. Se não conhecemos o valor do pronome *ele*, não podemos quantificar, do mesmo modo que se não temos o que apontar, também, não podemos quantificar,  $\exists x \forall y$  *meu irmão é louco* -ovjoo

O ponto de não termos o que apontar para podermos quantificar tem relação com o fato daquilo que é quantificado possuir existência ou não. Novamente estamos diante do fato de que talvez o que chamamos de quantificador universal seja algo que possamos apontar em um determinado contexto e o que chamamos de quantificador genérico seja algo que não possamos apontar e que apenas atribuí propriedades ao SN a que está coindexado. Se essa relação está correta, podemos dizer, então, que nem todo SN com QU possui quantificação. Tais considerações, com certeza, merecem maiores investigações. Deixamo-las para uma outra oportunidade.

---

## CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

### I- PERCURSO

O processo metodológico que envolve uma pesquisa variacionista segue algumas etapas percorridas ao longo da delimitação da variável e que precisam ser explicitadas. Esse percurso não é trivial. A cada situação de fala, notamos a heterogeneidade da língua; a problemática *do que varia com o quê* merece criteriosa análise.

Neste capítulo, além de detalharmos as etapas percorridas, iniciaremos problematizando a polêmica discussão entre Labov (1981) e Lavandera (1978), especificamente em relação ao estudo desenvolvido por Weiner & Labov (1983) sobre *as restrições da passiva sem agente*.

Weiner & Labov<sup>b</sup> trabalham com a regra variável em que a construção passiva é a variável e como variante tem-se a construção ativa. Para isso, há o detalhamento em tomo da variável a fim de fazer os devidos refinamentos, pois não se trata de qualquer passiva e, como consequência, sua alternativa não é qualquer ativa.

No texto *As restrições da passiva sem agente*, os autores abordam alguns pares da passiva vs ativa, mostrando contextos extremamente restritivos, o que, para muitos<sup>^^</sup>, fazem-se suficiente para não tratá-los como alternativas de se *dizer a mesma coisa*. Um desses contextos diz respeito às sentenças com quantificação, em que há claramente restrição á equivalência semântica, o mesmo valendo para o contexto com advérbios. O exemplo com quantificação a seguir de Weiner & Labov (1983:29) expressa o argumento da não equivalência semântica:

(84) a. Everyone likes someone.  
'Todo mundo gosta de alguém.'

b. Someone is liked by everyone.  
'Alguém é gostado por todo mundo.'

---

<sup>32</sup> Chomsky (1957:100-101 apud Weiner & Labov, 1983:29) observa diferenças entre as construções passivas e ativas quando quantificadas. Para ele, essas construções não apresentam a mesma equivalência semântica.

Apesar de reconhecerem a existência de contextos como em (84), os autores afirmam que a escolha no falar cotidiano pelos falantes entre as construções passiva e ativa é fundamentalmente uma escolha sintática, em que as construções preservam o mesmo significado referencial. Nesses casos, sugerem, como estratégia, observar que os pares apresentam uma equivalência semântica aproximada.

A argumentação dos autores para quem afirma terem as construções em questão significados diferentes é a de que seria muito difícil inferir todos os possíveis significados para as construções. Um exemplo disso é o próprio léxico. O que leva um escritor ou um falante a escolher entre uma ou outra palavra? Sabemos que uma palavra fora do contexto da frase pode assumir um leque de significação muito amplo, portanto, não há sinonímia perfeita, visto que seu significado se completa no âmbito da frase. A palavra *copa* sem contextualização fí<sup>^</sup>asal pode remeter à *copa de futebol*, à *copa de árvore* ou, ainda, à *copa de cozinha*.

Weiner & Labov estão preocupados com a informação que é transmitida na vida diária. Eles estão convictos de que as duas formas passiva V5 ativa são usadas intercambiadamente como alternativas *de dizer a mesma coisa*. Diante do que foi proposto por esses autores acerca do fenômeno sob a investigação deles, podemos dizer que o interesse da Sociolinguística Variacionista recai sobre os contextos gerais que apresentam variação e o movimento que ela procura fazer é restringir mais do que expandir o termo *significado*.

Para Weiner & Labov, as restrições para se chegar ao *mesmo significado* junto aos pares alternantes ativa V5 passiva poderiam ser descritas assim: a passiva sem agente é a variável e a ativa com pronome genérico em posição de sujeito é a variante. Temos aí uma delimitação *do que varia com o quê* em que a acepção do que é o *mesmo significado* pode ser entendido como as construções que se referem *ao mesmo estado de coisas*.

O que deve ser entendido em termos de *significado*, referindo-se ao *mesmo estado de coisas*, permeia a própria delimitação do que tomamos por variável e suas variantes, importando em afinar adequadamente os critérios que envolvem o processo em torno da variável. Esse percurso começa no momento em que diante dos dados passamos a sistematizá-los para serem investigados sempre tomando como ponto de referência aquilo que se construiu em termos do que é o *mesmo estado de coisas*.

O controle a ser feito no sentido de buscar *esse mesmo estado de coisas* junto à delimitação da variável passa pela seleção criteriosa dos fatores que determinam cada escolha.

Esses fatores pressupostos como condicionantes (lingüísticos e não-lingüísticos) podem estar atestando a variação a partir da sistematização dos dados.

O recorte da variável proposto por Labov & Weiner toma como variáveis internas da fala cuidada vs. fala casual os grupos de fatores: sexo, classe social, idade e como variáveis internas, os grupos de fatores: a informatividade e o paralelismo estrutural. Na verdade, todas essas seleções de ambientes internos e externos apenas revelam o cuidado que um pesquisador deve possuir ao lidar com uma variável.

Lavandera critica esse trabalho, em particular, por acreditar que as unidades variáveis, além da fonologia, necessitam de uma teoria de significado que dê suporte adequado às análises. Entretanto, a autora faz questão de observar que ela não se coloca contra a pesquisa quantitativa, apenas pondera que a maneira como ela tem sido construída pode dar conta apenas dos níveis fonológicos. Sua proposta é a de que o ideal seria o abandono do conceito de equivalência semântica para a realização do estudo de variação junto às unidades sintáticas e morfológicas, utilizando-se como conceito a variabilidade funcional, sem entrar no mérito *de dizer a mesma coisa*. E aqui cabe novamente a observação de Weiner & Labov, já citada anteriormente, em que deixam claro que não é preciso limitar-nos a estudar a variação como uma alternativa *de dizer a mesma coisa*, embora tenha sido esta a tônica dos trabalhos variacionistas até então, de modo que o que a autora propõe não parece constituir-se em <sup>o</sup>Impecilho para Weiner & Labov.

Além da proposta quanto à restrição de não nos limitarmos à variação como uma alternativa *de dizer a mesma coisa*, os trabalhos variacionistas podem explicar diversos fenômenos, inclusive conciliando posturas teóricas com análises que vão de teorias funcionalistas a teorias gerativistas, enriquecendo ainda mais as pesquisas ao explicar os diversos fenômenos.

A delimitação do envelope da variação pressupõe que os contextos selecionados sejam frutos de longas reflexões metodológicas, reafirmando sempre que a especificação *do que varia com o quê* não necessariamente deriva do conceito *de dizer a mesma coisa*. E, nesse sentido, insere-se o nosso estudo, que analisa a variação do QU na sentença em relação à função quantificacional desse operador, privilegiando os contextos em que há variação e restringindo aqueles em que ela não ocorre. Com isso, queremos dizer que a variação posicional do QU é o que nos importa, desde que quantifique, sem entrar no mérito de dizer



ou não a mesma coisa, considerando como acepção de *mesmo significado* a função de quantificar.

Este capítulo detalha, então, os passos metodológicos, iniciando com a delimitação da variável, seguindo com os contextos restritivos, especificando os grupos de fatores que contextualizam os possíveis condicionamentos, e finalizando com a caracterização do *corpus*.

## 2 - DELIMITAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA VARIÁVEL

O percurso rumo à delimitação da variável passou por árduas etapas. A principal delas envolveu a questão de delimitar *o que varia com o quê*, segundo a principal premissa da Sociolinguística Variacionista. A proposta para trabalharmos com a variação do QU não se submete ao significado referencial propriamente dito e sim ao significado *funcional* de quantificar. Será que, em virtude dessa nuance significativa, estamos fugindo da premissa da regra variável?

Pensamos que não. Já citamos anteriormente que Weiner & Labov (*op. cit.*) observam que, embora os estudos da variação trilhem o caminho das várias alternativas de *dizer a mesma coisa*, não devemos nos limitar a esse viés. A nossa proposta, então, pretende investigar a forma do QU como unidade funcional de quantificação. Ou seja, onde ele estiver funcionando como quantificador, constituir-se-á em dado de análise. Portanto, o significado em questão é um *significado-função*.

A tarefa para investigar o que é QU envolveu exaustivas observações. O contato com os dados foi o melhor estímulo para saber que o que buscávamos em termos de significação era a função quantificacional exercida pelo operador que ora se apresentava sob a forma *todo(a) (s)* e ora sob a forma *tudo*. Sobretudo, buscávamos a variação da ordem desse operador no SN ao longo da sentença.

A partir daí, iniciamos um novo processo. À medida que íamos nos deparando com os dados e procedendo às análises, passaram-se a delinear os contextos restritivos impossíveis de codificação, segundo nossos critérios metodológicos. A seleção do que seria exatamente *variável* e suas *variantes* envolveu a restrição desses contextos, que, de algum modo, poderiam desviar os resultados da pesquisa. A seguir, abordaremos esses contextos restritivos.

### 3 - CONTEXTOS DE RESTRIÇÃO

Durante o contato com os dados, observamos os contextos que claramente não apresentam variação por alguns motivos. A fim de apresentá-los, iniciaremos com os tipos de SNs com a presença do QU que foram excluídos da análise; depois, abordaremos a restrição segundo critérios sintáticos; e, finalmente, o último contexto de restrição que apresentaremos são as expressões cristalizadas.

#### 3.1. Restrição a alguns SNs com a presença do QU

No primeiro momento da análise em relação à coleta de dados, surgiu a pergunta que exigia uma opção: a análise se dará sobre todos os SNs com QU?

A opção foi pela restrição de alguns SNs, Os SNs com QU se constituirão em dados sempre que representarem argumento selecionado pelo verbo, uma vez que uma das hipóteses levantadas sugere ser a zona central da sentença a preferida para as mudanças que atualmente ocorrem no PB. A zona central é aquela em torno do núcleo flexional conforme sugerem Kato & Nascimento (1996:248). As mudanças as quais nos referimos tomam diferentes em alguns aspectos o PB do português de Portugal, a exemplo da colocação pronominal clítica e da permanência do *WH in situ* devido à perda de concordância. Essa hipótese será abordada em maiores detalhes na discussão dos resultados.

Os complementos ao longo da sentença que são adjuntos, como em (85) a seguir, serão contextos de restrição por não serem argumentos selecionados pelo verbo.

- (85) a. *Todo dia* eu leio e releio minha dissertação.  
b. Meus filhos vão à catequese *todos os sábados*.  
c. A avaliação dos alunos, *todos os bimestres*, é revista.

Em (85), percebemos que esses complementos que se constituem em contextos de restrição aparecem posicionados em vários pontos da sentença.

#### 3.2. Critério sintático

O QU é um dos quantificadores classificados como *facultativamente nuclear*<sup>^^</sup>, pela

---

<sup>^^</sup> Castilho (1996:217) usa o termo *facultativamente nuclear* aos indefinidos que podem ser encontrados ou nas margens do SN ou no seu núcleo, como segue nos exemplos:

característica que possui de ora poder figurar no SN ao lado de outro constituinte e ora poder figurar sozinho no SN, como por exemplo:

- (87) a. ...aqui em casa *todos* têm faculdade. [FLP19L0071]  
b. ...hoje *todos* eles estão bem. [FLP20L0369]

Naturalmente, o exemplo (87) não pode ser tratado aqui. Se o QU não combina com outro constituinte no SN, como analisar sua ordem? Quando o sintagma quantificado estiver representado apenas por um QU, com SN nulo, não pode ser analisado do ponto de vista da ordem, pois nesse caso se realiza como pronome e o elemento recuperado (dado no contexto prévio) poderiam situar-se preposto ou posposto a ele, sem que nos fosse permitida a escolha por não se saber em que ordem estaria. Se incluíssemos esses dados, iríamos enviar os resultados quantitativos.

### 3.3. Expressões cristalizadas

As expressões cristalizadas são entendidas no nosso estudo como mais um dos contextos restritivos. Excluiremos as expressões do tipo ‘pra tudo quanto é lado’, ‘toda vida’, ‘tudo isso’, ‘todo mundo’, etc., justamente porque essas expressões, já cristalizadas na fala, apresentam ordem fixa. O exemplo abaixo ilustra a nossa argumentação:

- (88) a. E hoje, não né? hoje *todo mundo* sai à hora que quer; entra à hora que quer, né?  
[FLP15L1021]  
b. \* E hoje, não né? hoje *mundo todo* sai à hora que quer; entra à hora que quer, né?

A forma *todo mundo* é fixa quanto à ordem. Fato que por si só toma restritivo esse tipo de ocorrência para a nossa investigação. As expressões cristalizadas citadas anteriormente seguem essa mesma constatação, o que as exclui do nosso corpo analítico. Vejamos uma ocorrência com a expressão *toda vida*:

---

(86) a. *Todos* os meninos foram jogar futebol,  
b. *Todos* foram jogar futebol.

Em (86a.), temos o QU *todos* posicionado às margens do SN e em (86b), no seu núcleo.

(89) a. Eles têm o esquema de dar um prêmio pra quem não falta, né?[...] *toda vida* ele ganhou porque ele nunca faltou. [FLP20L1298]

b. \* Eles têm o esquema de dar um prêmio pra quem não falta, né?[...] *vida toda* ele ganhou porque ele nunca faltou.

*Brincando* com o dado em (89), podemos verificar que o fato de mudarmos a ordem QU *toda*, acabamos por tomar a sentença, no mínimo, estranha quanto à produção, o que faz deste tipo de ocorrência um contexto restritivo para a análise. Já a expressão *tudo isso* ou *tudo aquilo* apresenta um contexto problemático, pois o QU admite variação, como podemos ver no exemplo a seguir:

(90) a. *Tudo isso* existia na época. [FLP2L961]

b. *Isso tudo* existia na época.

c. *Isso* existia *tudo* na época.

d. Existia *tudo isso* na época.

Na verdade, o contexto visto no exemplo acima (90), em especial no exemplo (90a.), mostrou-se restritivo já nas rodadas finais, enviando os resultados. Verificamos que a forma *tudo* quando anteposta ao verbo e na primeira posição do SN, como vemos acima, ocorre somente quando temos esse tipo de construção com *tudo isso* e *tudo aquilo*. Não tivemos dados como em (91), com o QU *tudo* à esquerda de um SN pleno:

(91) a. \**Tudo favela* existia na época.

Dada a inexistência de dados, excluimos da rodada final esse tipo de contexto que se apresenta em (91).

#### 4-A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Delimitada a esfera da variável dependente, a ordem do QU no SN envolve basicamente três formas variantes, como esquematizado a partir dos exemplos seguintes:

(92) a. *Todos* os homens saíram.

b. Os homens *todos* saíram.

c. Os homens saíram *todos*.

Tomando as ordens apresentadas acima como aceitas em PB, examinaremos os possíveis contextos que podem estar influenciando o uso de uma delas na fala urbana de Florianópolis. Esses contextos serão descritos a partir da categorização de cinco grupos de fatores lingüísticos e três grupos de fatores sociais, relacionados a seguir;

- > a forma de realização do QU: *todo (a) (s)* e *tudo-*,
  - (93) a. Os homens */odos* saíram.
  - b. Os homens *tudo* saíram.
  
- > tipos de verbos na sentença quantificada: intransitivo, inacusativo, transitivo e cópula;
  - (94) a. *Todos* os homens *almoçaram*, (intransitivo)
  - b. *Todos* os bebês *nasceram*, (inacusativo)
  - c. *Todos* os meninos *amam* uma menina, (transitivo)
  - d. *Todos* os homens *são* mortais, (cópula)
  
- > ordem do constituinte: direta, indireta e tópico;
  - (95) a. *Todos* os homens saíram. (direta - SV)
  - b. Saíram *todos* os homens, (indireta - VS)
  - c. Os homens *todos*, nós encontramos no jogo. (tópico - OSV)
  
- > tipo de argumento: interno, externo ou *small clause*;
  - (96) a. *Todos* os bebês nasceram, (interno)
  - b. *Todos* os meninos amam uma menina, (externo)
  - c. *Todos* os homens são mortais, (*small clause*)
  
- > traços de animacidade do SN: animado, conjunto inanimado com elementos humanos e inanimado;
  - (97) a. *Todos os bebês* nasceram, (animado)
  - b. *Todo governo* possui seus ministros, (conjunto inanimado com elementos humanos)
  - c. *Todos os filmes* são bons. (inanimado)
  
- > escolaridade: primário, ginásio e colegial;
- > faixa etária: 15 a 24 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos;
- > sexo: feminino e masculino.

As hipóteses, que motivaram a escolha dos grupos de fatores acima mencionados, serão detalhadas e discutidas juntamente com os resultados.

## 5 ~ O DETALHAMENTO DO CORPUS

O Projeto VARSUL abrange quatro Universidades do Sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e FUC-RS) e tem por finalidade o registro do português falado da região Sul do Brasil, propiciando aos pesquisadores futuras averiguações da realidade de fala relacionando-as ao fenômeno de variação e mudança lingüística. Dele, utilizamos os dados do *corpus* da região urbana de Florianópolis, cujos informantes descendem de açorianos.

O *corpus* trabalhado compõe-se de dados de trinta e seis informantes florianopolitanos, estratificados segundo as variáveis sociais: sexo, idade e escolaridade.

As trinta e seis entrevistas têm duração de aproximadamente 60 minutos cada uma e distribuem-se, segundo as variáveis sociais, da seguinte forma:

|           | FEMININO |         |         | MASCULINO |         |              |
|-----------|----------|---------|---------|-----------|---------|--------------|
|           | 15 a 24  | 25 a 49 | + de 50 | 15 a 24   | 25 a 49 | + de 50 anos |
|           | anos     | anos    | anos    | anos      | anos    |              |
| Primário  | 2        | 2       | 2       | 2         | 2       | 2            |
| Ginásio I | 2        | 2       | 2 *     | 2         | 2       | 2            |
| Colegial  | 2        | 2       | 2       | 2         | 2       | 2            |

Quadro 3 -1 - Distribuição dos informantes segundo as células sociais

Os fatores condicionantes escolhidos, tanto lingüísticos quanto sociais, buscarão os contextos mais favoráveis para cada variante, a fim de sistematizar estatisticamente tais contextos. Empregamos o programa VARBRUL (PINTZUK, 1988), que fornece o peso relativo de cada variável independente em relação á dependente, hierarquizando a seleção dos grupos de fatores por ordem de relevância.

Nosso trabalho de pesquisa envolveu a utilização de entrevistas já inseridas ao banco de dados do Projeto VARSUL, ou seja, as entrevistas concedidas pelos informantes encontravam-se devidamente transcritas e revisadas. A investigação consistiu então da seleção dos registros que nos foram relevantes.

Apesar da interferência normal da presença do entrevistador de posse de seu gravador, que pode afetar a fala espontânea (paradoxo do observador), alguns pré-requisitos para se proceder à entrevista foram garantidos pelos membros do grupo VARSUL com o intuito de assegurar a naturalidade do informante (fala espontânea).

A entrevista realizou-se em locais ligados à afeição e confiança do informante, marcados antecipadamente por meio de contato prévio, normalmente em sua residência. A prática ainda privilegiou assuntos que permitissem ao entrevistado ficar à vontade para falar a maior parte do tempo, produzindo um discurso variado. Esses cuidados, mencionados aqui, apenas indicam parte de todos os encaminhamentos metodológicos, tomados pelo grupo VARSUL, para se garantir a fala espontânea do entrevistado.

---

## CAPÍTULO V - A ORDEM NÃO-MARCADA *VERSUS* ORDEM MARCADA: A VARIACÃO

---

Ao descrevermos o nosso objeto no capítulo I, procuramos abordar os aspectos acerca da investigação do QU com o objetivo de mostrar sua flutuação no SN e apresentar, para tanto, sua variação nos limites da estrutura frasal. Tal flutuação ilustra a presença das ordens possíveis do QU no SN, atestando o estado de variação na língua falada florianopolitana. Por isso, resgatamos rapidamente os pressupostos teóricos que nos permitiram observar o uso da ordem do QU no SN e seus possíveis condicionamentos.

A idéia principal que permeia este trabalho é a de que motivações várias interagem para pressionar o uso variável do QU no SN, as quais podemos enumerar, sem no entanto delimitar quando começa ou termina a atuação de cada uma delas. A primeira a ser enumerada é o fenômeno da flutuação a exemplo do que ocorre em línguas como o francês (Simões, 1974) e inglês (Sportiche, 1988); a segunda é a inversão interna<sup>1</sup> ao SN - particularidade do PB, segundo Kato & Nascimento (1996) - e, a terceira são as possíveis mudanças ocorridas no PB devido à perda de concordância que vem sofrendo.

As motivações acima enumeradas orientam-se teoricamente a partir de pressupostos básicos do modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) inseridos no quadro da Gramática Gerativa. Diante desse quadro teórico, as variáveis lingüísticas controladas estão agrupadas em domínios sintáticos e semânticos, objetivando captar quais são os diferentes contextos que favorecem uma ou outra forma variante. As variáveis sociais também são controladas, permitindo-nos abranger aspectos de natureza extralingüística, que podem estar atuando no uso variável do QU no SN.

Feito o resgate dos aspectos teóricos acerca do QU, passamos à organização deste capítulo. Nele, a partir de tratamento estatístico, analisamos a variação da ordem do QU no SN. O primeiro passo para discutirmos os resultados é tratar de questões gerais em tomo da variável dependente: como ela foi controlada e quais as conclusões preliminares que se pode tirar da categorização inicial dos dados, conforme a hipótese levantada.



Após a discussão da variável dependente, passamos a lidar com os grupos de fatores, dando ênfase, primeiramente, à hipótese central deste estudo; a de que a ordem [QU SN] é a forma mais recorrente; entretanto, as ordens inovadoras [SN QU] e [SN...QU] estão conquistando o seu espaço. E, nesse sentido, buscamos averiguar em que medida elas vêm ganhando espaço na codificação da língua falada florianopolitana.

Para falarmos dos grupos de fatores selecionados, nos utilizamos de duas seções, sendo uma destinada às variáveis lingüísticas e outra reservada às variáveis sociais.

A primeira seção trata dos grupos de fatores lingüísticos e envolve as propriedades sintáticas e semânticas que pressupomos estar atuando sobre o fenômeno em investigação, influenciando o uso de uma forma em detrimento da outra.

Na outra seção, abordamos os fatores sociais, selecionados por ordem de relevância, delineando a caracterização e as hipóteses pertinentes a cada grupo e suas influências junto à ordem do QU no SN. A última seção é destinada às considerações parciais resultantes deste capítulo.

## 1 - VARIÁVEL DEPENDENTE

Dos trinta e seis informantes florianopolitanos que nos proporcionaram a amostra e que citamos no quarto capítulo ao caracterizarmos o *corpus*, obtivemos 295 dados, distribuídos igualmente entre a faixa etária, o sexo e a escolaridade.

A variável dependente, a princípio, apresentava três variantes: a) a ordem [QU SN]; b) a ordem [SN QU] e c) a ordem [SN...QU]. A ordem [QU SN], que tomamos como não-marcada, segundo Kato e Nascimento (1996), representa a ordem partitiva canônica. A ordem [SN QU] é o resultado, provavelmente, da variação interna ao SN, e a ordem [SN...QU] mostra o SN mais distanciado do QU, adjungido a predicados mais baixos do que o núcleo verbal. A partir dos exemplos abaixo com o QU, podemos ilustrar as variantes propostas.

a) a ordem [QU SN]

- (98) a ... *todos* os meus tios ficaram muito chateados. [FLP20L94]  
b.... porque ela conhecia *todas* as famílias.

---

<sup>29</sup> Por inversão interna ao SN, entendemos a flutuação que ocorre nos limites do SN sem excedê-lo para além de outro constituinte. Para maiores detalhes, ver segundo capítulo.

b) a ordem [SN QU]

- (99) a. ... os meus tios *todos* ficaram muito chateados.  
b ... porque ela conhecia as famílias *todas*. [FLP24L489]

c) a ordem [SN...QU]

- (100) a. ... os meus tios ficaram *todos* muito chateados.  
b. ... porque as famílias, ela conhecia *todas*.

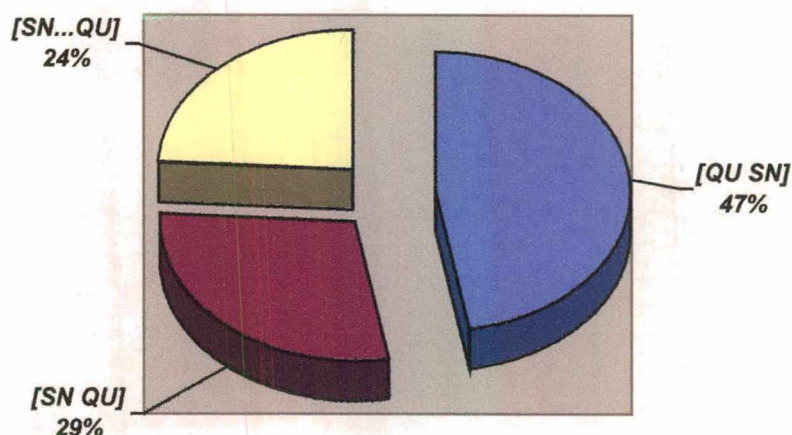
A codificação dessas variantes, como acima exemplificadas, submeteu-se aos contextos restritivos abordados no capítulo IV, de forma que, a hipótese central relacionada à esta variável dependente diz respeito à variação existente na ordem do QU no SN na língua falada florianopolitana. No contexto dessa variação, entretanto, esperamos encontrar uma maior ocorrência da ordem não-marcada [QU SN] em oposição às ordens marcadas [SN QU] e [SN...QU].

Apresentamos, então, a tabela (2) – ilustrada no gráfico subsequente - que mostra os resultados obtidos para cada variante isolada de acordo com o programa VARBRUL.

| VARIANTES | NO. DE DADOS | PERCENTAGEM |
|-----------|--------------|-------------|
| [QU SN]   | 139          | 47 %        |
| [SN QU]   | 85           | 29 %        |
| [SN...QU] | 71           | 24 %        |
| TOTAL     | 295          | 100 %       |

Tabela 2: Distribuição das formas variantes da ordem do QU no SN.

Gráfico 2 = FORMAS VARIANTES DA ORDEM DO QU NO SN



Os números mostram a existência da variação dentro do contexto de Florianópolis, distribuída entre a forma canônica (47%) e as demais formas - 29% da forma [SN QU] e 24% da forma [SN...QU] - que representam um total de 53%. Por esse motivo, optamos por amalgamar as variantes marcadas [SN QU] e [SN...QU], uma vez que seus percentuais se aproximam e se contrapõem à variante não-marcada [QU SN]. Assim, temos a tabela (3) que mostra o resultado dessa reanálise.

| VARIANTE <sup>^</sup> | NO. DE DADOS | PERCENTAGEM       |
|-----------------------|--------------|-------------------|
| [QU SN]               | 139          | 47%               |
| [SN QU] + [SN...QU]   | 156          | <sup>^</sup> 53 % |
| <i>TOTAL</i>          | 295          | 100 %             |

Tabela 3: Distribuição das formas variantes da ordem do QU no SN em que as ordens marcadas estão amalgamadas.

A partir de agora, as tabelas e as análises decorrentes passam a refletir a análise binária como expressa na tabela (3), acima, em que temos a forma não-marcada em oposição à forma marcada.

Depois de começarmos a trabalhar com a variável binária, realizamos várias rodadas, das quais a que obteve maior significância foi aquela em que excluímos os grupos de fatores *tipo de verbos* (transitivos, intransitivos, inacusativos e cópulas) e *tipo de argumento* (intemo, *small clause* e extemo)<sup>^^</sup>, criando outro grupo de fatores que resultou do amálgama desses dois grupos excluídos. Esse procedimento se deu devido ao fato de um grupo sobrepor-se ao outro, fato constatado após a análise de nível a nível do *stepdown* do programa estatístico responsável pela seleção dos grupos de fatores relevantes significativamente. Ao procedermos tais mudanças em relação a esses grupos de fatores, obtivemos maior uniformidade entre os grupos de fatores restantes, visto que todos os grupos foram mencionados de uma forma ou de outra.

Na rodada binária final, seis grupos de fatores dos oito propostos foram considerados significativos na seguinte ordem de relevância estatística:

- 1- forma do QU no SN;
- 2- ordem dos constituintes;

<sup>^^</sup> Trataremos com mais detalhes esse assunto ao abordarmos o grupo de fatores *tipo de argumento*, ainda neste capítulo.

- 3-idade;
- 4- escolaridade;
- 5- grupos amalgamados (tipo de verbos e tipo de argumento);
- 6- animacidade.

E não foram relevantes os seguintes:

- 1- sexo;
- 2- papel temático.

Como mencionado anteriormente, comentaremos os grupos de fatores relevantes, utilizando-nos de duas grandes seções. Primeiramente trataremos da seção dos fatores lingüísticos e depois, dos sociais.

## **2 - OS GRUPOS DE FATORES LINGÜÍSTICOS**

A caracterização dos fatores lingüísticos aqui controlados corresponde àqueles fatores de natureza estrutural, agrupados em domínios sintáticos e semânticos, que podem ser observados e analisados a partir do modelo teórico da Gramática Gerativa. Mesmo os domínios semânticos abordados neste estudo estão diretamente relacionados à explicação da estruturação sintática, limitando-se apenas a isso. Por exemplo, espera-se que apenas um núcleo verbal inacusativo<sup>^^</sup> selecione como complemento algo de natureza [- animada]. De modo que a cada caracterização de fatores lingüísticos, destacaremos a(s) hipótese(s) que motivaram a escolha do grupo sob discussão.

### *2.1 A forma do QU no SN*

#### *2.1.1. Caracterização e hipótese*

O grupo de fatores *forma do QU no SN* foi o primeiro grupo, por ordem de significância, selecionado pelo VARBRUL e caracterizou-se inicialmente por três fatores, que correspondem a três formas de realização do QU, *todos (as)*, *todo (a)* e *tudo*, discutidas e exemplificadas a seguir:

a) Todos (as)

Nossa hipótese é a de que esta forma abarque a maioria das ocorrências quando o QU estiver na primeira posição do SN, independente da posição que esse SN como constituinte *i-<sup>^^</sup>enha* a exercer na frase. Essa pressuposição está embasada em Scherre (1988) ao defender que a primeira posição do SN naturalmente carrega a concordância.

“Qualquer classe gramatical que esteja na primeira posição tende a ser muito marcada<sup>^</sup>, independente de ser determinante.” (Scherre; 1988:167)

Em (101), tem-se a apresentação dos dados codificados sob esta forma:

- (101) a. *Todas* nós se damos... [FLP12L600]  
b. ...morreram *todas* as duas....[FLP03L1291]

b) todo (a)

Acreditamos que esta forma seja a forma representativa da interpretação genérica do tipo *todo homem é mortal*, cuja marca de concordância nesses casos não é relevante. Não encontramos dados dessa natureza, conforme discutido no terceiro capítulo<sup>38</sup>.

c) tudo

O *tudo* apresenta-se sempre invariável, de modo que acreditamos estar presente em construções em que não seja relevante a concordância. A primeira hipótese deriva da mesma levantada em (a). Já que a primeira posição parece ser a ideal para a forma todos (as) por carregar a concordância, as outras posições seriam as propícias ao *tudo* por não possuir concordância. Isso tudo aliado ao fato de que as ordens marcadas sejam favorecidas principalmente pela forma de realização *tudo* em construções mono-argumentais. A partir disso, entra em jogo outra hipótese. Defende-se que o fato de os verbos bi-argumentais selecionarem em sua grade temática duas posições (sujeito e objeto) a serem preenchidas, impossibilita a flutuação do QU, visto que em construções

---

<sup>36</sup> Por núcleo verbal inacusativo, entendemos o verbo que não possui a propriedade de atribuição de Caso acusativo ao seu objeto, mas que o argumento selecionado por ele apresenta características compatíveis ao de um objeto. Entraremos em maiores detalhes ao caracterizarmos o grupo de fatores *tipo de verbo*.

<sup>37</sup> A codificação “marcada” para Scherre identifica os vocábulos que apresentam o morfema “i” representativo da marca visível de número (+ de um = plural) e a sua falta, dependendo do contexto, pode levar a interpretação *plural* apesar de sua não-realização no SN, daí interpretarmos como não-marcada.

<sup>38</sup> Remeter aos textos de Enç e Diesing.

de posposição, como é o caso da variante [SN...QU], o SN contendo o QU colidiria com o papel temático do objeto, impedindo inclusive vestígios do SN (um QU por exemplo) naquele lugar.

A terceira hipótese que deve ocorrer em conjunto com as outras refere-se justamente ao parâmetro de mudança que o PB vem sofrendo em relação à perda de concordância que impossibilita a subida do verbo para a flexão, acarretando, dentre outras mudanças, o *WH in situ* (cf. Lopes Rossi, 1996). Devido essa nova ordem, pressupomos que, a exemplo do *WH in situ*, possamos ter o QU *in situ* (em posição de base), favorecido pela forma *tudo* invariável, como nos exemplos a seguir:

- (102) a. Nós vamos *tudo* pro Corinthians. [FLP20L222]  
 b. Era *tudo* essas histórias assim. [FLP8L445]

### 2.1.2 Resultados e discussão

Como dissemos, primeiramente, controlamos os três fatores em separado, porque esperávamos encontrar genéricos. Uma vez constatada a inexistência de tais dados, fizemos o amálgama dos fatores a) *todos (as)* e b) *todo (a)*. Os resultados encontram-se na tabela (4).

|                     | Frequência Percentagem Peso Relativo |             |             |
|---------------------|--------------------------------------|-------------|-------------|
|                     | Aplic./ Total                        |             |             |
| <b>Todo (a) (s)</b> | <b>128/209</b>                       | <b>61 %</b> | <b>0,69</b> |
| <b>Tudo</b>         | <b>11/86</b>                         | <b>13%</b>  | <b>0,12</b> |
| <b>Total</b>        | <b>139</b>                           | <b>47%</b>  |             |

Tabela 4: Distribuição do grupo de fatores a forma do QU no SN sobre o uso da ordem [QU SN]

A tabela (4) mostra evidências favoráveis à hipótese formulada com base em Scherre(1988), já que o peso relativo 0,69 aponta a forma *todo (a) (s)*, ocorrendo na ordem [QU SN], justamente pelo fato de o QU estar na primeira posição do SN. A forma *tudo* em relação à aplicação da regra representa apenas 0,12. Entretanto, para essa forma, colocamos outra hipótese; a de que ela deve favorecer a ordem [SN...QU]. A forma *tudo*, de fato, mostrou-se favorável, uma vez que os resultados foram em tomo de 53 % nessa ordem marcada. O esquema a seguir mostra o crescimento da forma *tudo*, como em Back (1999), na medida em que não mais ocupa a primeira posição no SN.

^ ^ 2 posição 34% [SN QU]  
tudo  
< ^ 3 posição 53% [SN...QU]

Portanto, a discussão elaborada em função da posição do QU em relação ao constituinte verbal também parece ser favorável. A posição pós-verbal, independente do QU estar ligado ao SN na posição de sujeito ou estar adjacente a ele em situação pós-verbal, ou, ainda, em posição de objeto, favorece a forma *tudo*. Nossa hipótese de o QU estar em sua posição de base e não ter a necessidade de movimentar-se até a flexão está confirmada, mostrando que o QU mantém um comportamento parecido com os operadores *WHs in situ*, como argumenta Lopes Rossi (1993), consequência da perda de concordância que vem sofrendo o PB.

E, finalmente, para encerrar esta seção, devemos tratar aqui da forma *tudo* como uma possível forma inovadora de realização do QU conforme Figueiredo Silva (1996:81) expõe em uma nota de fim:

Provavelmente uma das razões para tanto é o fato de que esses elementos parecem estar sofrendo atualmente uma mudança que substitui as formas flexionadas em gênero e número *todo* (masc., sing.), *toda* (fem., sing.), *todos* (masc., pl.) e *todas* (fem. pl.) por uma forma não-flexionada, *tudo*, que originalmente não aceitava complementos nominais.

Considerando, então, tal forma inovadora como realização do QU, devemos observar que ela parece favorecer também a ordem marcada que postulamos como inovadora no processo da variação.

## 2.2 *Ordem dos constituintes*

### 2.2.1. *Caracterização e hipótese*

A ordem dos constituintes foi um dos contextos significativos para se observar a realização do dado sob investigação. Não poderíamos analisar a ordem do QU no SN sem considerar a ordem do SN quantificado no âmbito da frase. Portanto, os fatores controlados para este grupo foram:

- a) ordem direta;
- b) ordem indireta;
- c) tópico (deslocamento à esquerda).

O padrão de ordem dos constituintes sentenciais pressuposto no PB é o SVO (sujeito, verbo e objeto), caracterizado como a ordem direta dos constituintes, e que se codifica como a construção a seguir;

(103) Eu recebi *todas* as professoras. [FLP13L669]

Diante de construções que não correspondem ao exemplo dado acima, tomaremos como ordem indireta o exemplo que se segue:

(104) Sentavam *todos* os cinco juntos. [FLP13L706]

A codificação indireta exclui as construções de tópico, embora em algumas situações de ordem indireta o objeto, ou mesmo o sujeito, pode apresentar-se topicalizado. As construções de tópico são aquelas em que os constituintes quantificados sob análise localizam-se na posição mais alta da sentença, localizada à esquerda do sujeito como sugere o esquema proposto por Kato e Nascimento (1996:245), citado anteriormente nos pressupostos teóricos e que retomamos em (105):

(105) (*tópico*) (*sujeito*) verbo (*complemento 1*) (*complemento 2*)

A codificação dos SNs quantificados universalmente que estão topicalizados pode ser expressa a partir de dados como em (106), (107) e (108):

(106) *Todos* os documentos que um bancário usa. [FLP12L5 81 ]

(107) *Toda* oportunidade que tu tiveres de me mostrar, tu me mostras. [FLP20L153]

(108) As amigas a gente encontrava *todm* no clube. [FLP24L254]

A partir da caracterização acima do grupo de fatores que trata da ordem dos constituintes, esperamos que a ordem [QU SN] apareça em todos os contextos discutidos - direto, indireto ou tópico - com frequência significativa. A segunda hipótese é a de que a ordem direta será o contexto de maior variação.

Nossa argumentação em tomo da primeira hipótese; a de que a ordem [QU SN] apareça em todos os contextos com frequência significativa, deriva de trabalhos como os de



Simões (1974), Kato & Nascimento (1996) e Back (1997). Em todos esses trabalhos, tal ordem caracterizou-se por ser a mais frêquente, tida como a prototípica no PB.

A segunda hipótese, a de que a ordem direta seja o contexto de maior variação, segue de que no PB esse tipo de disposição caracteriza a formação sintática mais comum, ou seja, a ordem mais recorrente, como proposto em Kato & Nascimento (op. cit.) em (105) ao caracterizarmos os fatores que serão discutidos a seguir.

### 2.2.2 Resultados e discussão

Esse grupo de fatores foi considerado estatisticamente significativo, tendo sido o segundo a ser selecionado em todas as rodadas, inclusive na rodada final. A tabela (5) mostra, em termos de freqüência e de peso relativo, resultados positivos em favor das hipóteses levantadas, conforme podemos observar:

|              | <b>Freqüência</b>    | <b>Percentagem</b> | <b>Peso Relativo</b> |
|--------------|----------------------|--------------------|----------------------|
|              | <b>Aplic./ Total</b> |                    |                      |
| Indireta     | 24/31                | 77%                | 0,84                 |
| Tópico       | 12/16                | 75%                | 0,75                 |
| Direta       | 103/248              | 42%                | <b>0,43</b>          |
| <b>Total</b> | 139/295              | 47 %               |                      |

Tabela 5: Distribuição do grupo de fatores ordem dos constituintes na frase sobre o uso da ordem [QU SN].

Na tabela (5), observamos que os resultados apontam para a confirmação das hipóteses. O percentual de 47% da aplicação da regra quanto ao uso da ordem [QU SN] confirma-se, e indica ser esta a forma mais recorrente nos três contextos. Em relação à segunda hipótese, temos a indicação de seu favorecimento, visto que a ordem direta, pressuposta como padrão canônico do PB (cf. Kato & Nascimento, 1996), apresenta peso relativo 0,43; fato que aponta como o contexto de maior variação entre as ordens variantes da nossa variável dependente.

Tomando, então, a ordem direta como o contexto de maior variação, podemos ilustrar que, considerando as três variantes da ordem do QU no SN, temos os seguintes percentuais no esquema que se segue;

[SN QU] = 31% (109) a. As famílias todas eram conhecidas da gente [FLP22L874]  
Direta [SN...QU] = 28% b. E hoje, assim, que os/i/Aos estão torfos formados, ela

começou a estudar. [FLP4L499]

[QU SN] = 42% c. *Todos os amigos* são legais, né? [FLP8L274]

[SN QU] = 23% (110) a. ...vão *aquelas crianças tudo*. [FLP12L1246]

Indireta [SN...QU]^ = 0%

[QU SN] = 77%

b. ...dentro daquele quintal se encontrava *todas verduras*.

[FLP12L915]

[SN QU] = 13% (111) a. ...açwefeórf/o/Kífo eutinha...[FLP3L163]

Tópico [SN...QU] = 13% b. ...*as amizades* a gente encontrava *todas* no clube.

[FLP24L254]

[QU SN] = 75%

c. De *todas as moças* que eu namorei, todas mais novas  
que eu. [FLP12L842]

Olhando para os percentuais acima, a aplicação da regra - [QU SN] - é favorecida pela ordem direta e pelas construções de tópico. Já a ordem que corresponde à variante [SN QU] tem como contexto favorável a ordem indireta dos constituintes.

Focalizando, primeiramente, a ordem direta em relação à variável dependente, constata-se o percentual de 42% para a ordem que esperávamos ser o contexto de maior variação, salientando que nas outras variantes também temos variação, embora percentualmente menor.

O fator ordem indireta mantém relação estreita com a ordem indireta do QU no SN - [SN QU], sugerindo um maior uso nesse ambiente, atestada pela baixa aplicação da regra 23%.

As construções de tópico propiciaram-nos observar pequena variação e, como o número total de dados foi bastante reduzido, apenas 16 dados, resolvemos olhar para eles individualmente, com o objetivo de observar diferenças e semelhanças que pudessem vir a ser evidências positivas para o uso de uma ou de outra variante. Dos 16 dados que abarcam as

---

<sup>39</sup> As reticências pressupõem um constituinte verbal, de forma que o resultado, quanto à ordem do QU no SN, foi o esperado.

construções de tópico, 75% perfazem a aplicação da regra e o restante, cerca de 25%, dividem-se igualmente entre as ordens marcadas.

A análise dado a dado revelou que os SNs quantificados em construções de tópico, em sua grande maioria, concentram-se jinto aos bi-argumentais (transitivos) na posição de objeto.

O QU na posição de objeto não flutua tanto quanto na posição de sujeito, inexistindo, na posição de objeto, a variante [SN...QU]. Entretanto, diante de construções de tópico em que o SN objeto quantificado está topicalizado, o QU pode ficar sozinho, projetando assim a variante que em outra situação seria improvável. Vejamos os exemplos (112) e (113):

(112) As amizadas a gente encontrava *todas* no clube. [FLP24L294]

(113) ...mas essas nossas daqui eu conheço *todas*. [FLPJ411270]

De qualquer forma, a realização da ordem variante expressa em (112) e (113) - [SN...QU] - com SNs em posição de objeto foram as únicas ocorrências entre os (16) dados com construções de tópico. O restante apresenta-se como em (114).

(114) *Toda* oportunidade que tu tiveres de me mostrar, tu me mostra. [FLP20L153]

### 2.3 - Cruzamento das grupos de fatores: tipo de verbos e tipo de argumentos

Em função dos resultados obtidos, resolvemos dar um tratamento em conjunto aos grupos de fatores *tipo de verbos* e *tipo de argumentos*, uma vez que, separadamente, eles não foram nem selecionados e nem eliminados pelo programa estatístico VARBRUL. Essa união resultou na sua seleção como o quinto grupo mais significativo pelo programa. Com isso, caracterizaremos os grupos individualmente com suas respectivas hipóteses.

#### *Tipo de verbo*

##### 2.3.1. Caracterização e hipótese

O contexto sintático de tipo de verbos é um grupo de fatores que controlamos neste estudo. Comumente, os verbos são conhecidos, segundo os rótulos da Gramática Tradicional

(GT)<sup>40</sup> como: transitivos, intransitivos e de ligação. De modo geral, sem entrar no mérito de sua concepção teórica e não detalhando o perfil que ela delinea para os tipos de verbos que rotula, a GT diz que verbos transitivos exigem um ou mais complementos, em posição de OBJ(s). E verbos intransitivos são aqueles que não exigem complemento nessa posição.

A nossa abordagem, em relação aos verbos transitivos seguirá, basicamente, o mesmo direcionamento dos contornos dados acima pela GT, com a diferença do tratamento dado a eles: bi-argumentais.

Já os verbos intransitivos serão tratados como mono-argumentais, uma vez que seu único argumento ocupa a posição de SUJ, sendo caracterizado como um tipo de argumento externo. A nossa perspectiva teórica segue a Gramática Gerativa<sup>41</sup> sobretudo, no que se refere à mono-argumentabilidade. Em decorrência disso, de que modo, então, vamos investigar esse contexto? Dentro da nossa proposta, a hipótese do contexto de variação vislumbra os verbos mono-argumentais como preferenciais, mais especificamente parte deles em relação às ordens marcadas: [SN QU] e [SN...QU].

Dentre os mono-argumentais que controlamos, temos os cópulas, rotulados pela GT como verbos de ligação. Cunha (1992:145) já observa que *os verbos de ligação (ou copulativos) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal*. Em termos de postulados correspondentes à Teoria Gerativa, os cópulas também não possuem significação própria, funcionando, gramaticalmente, apenas como um núcleo atribuidor de Caso nominativo e ligando os termos nominais que formam uma *míni-orção* (*small clause* em inglês), sendo, portanto, essa *míni-orção* o complemento selecionado por esse tipo de núcleo.

Tradicionalmente, a classe dos verbos mono-argumentais é conhecida como intransitiva. A partir da Hipótese Inacusativa de Perlmutter (1978), Burzio (1986) submete a essa classe alguns testes com o intuito de bifurcar os mono-argumentais em dois grupos com propriedades distintas, os intransitivos (como tratados até então) e os inacusativos (e aqui inserem-se os cópulas).

O rótulo inacusativo vem de uma propriedade comum pertencente à classe de verbos que não possui a propriedade de atribuição de Caso acusativo ao seu objeto, daí a Hipótese Inacusativa. Por outro lado, o argumento selecionado pelo verbo inacusativo apresenta

---

\* Foram consultadas as seguintes gramáticas: Said Ali (1964;1971), Cegalla (1979), Luft (1985) e Cunha (1992).

<sup>41</sup> Os manuais de sintaxe sobre a Teoria da Gramática Gerativa consultados foram: Raposo (1992), Haegeman (1994) e Mioto et alii (1999).

características compatíveis às de um objeto. A articulação, então, desses dois fatores gramaticais, que aparentemente podem parecer contraditórios, se dá na estrutura-S. O argumento selecionado por esse tipo de verbo diante da impossibilidade de receber Caso acusativo, acaba por receber o Caso nominativo por ser o único disponível para ele.

Portanto, para este grupo, controlamos a categoria verbal da sentença quantificada com os seguintes fatores: transitivo, intransitivo, inacusativo e cópula.

As construções seguintes, extraídas de nossos dados, ilustram os fatores controlados:

(115) Eu cortava as figurinhas *todas*. (FLP1L184)

Ø16) Nós estudamos *tudo* ali...(FLPI ILI 140)

(117) ...morreram *todas* as duas...(FLP3L1291)

Ø18) *Todos* eles estão bem. (FLP6L973)

Para discutir este grupo de fatores, codificado conforme os exemplos acima, temos como objetivo investigar o comportamento das variantes no contexto de tipo de verbos, especialmente, no contexto da mono-argumentalidade, como nas construções (116), (117) e (118), nas quais pressupõe-se a tendência quanto ao favorecimento das ordens marcadas. A hipótese segue de caracterizações acerca das especificidades dos inacusativos, intransitivos e cópulas por um lado; como representantes do grupo de verbos mono-argumentais; e dos transitivos por outro, como representantes dos verbos bi-argumentais, esperando encontrar maior variação nos primeiros. Nossa expectativa é a de que verbos mono-argumentais vão permitir uma maior variação do QU no SN pelo fato de não existir um papel temático disponível para o objeto.

### *Tipo de argumento*

#### *2.3.2. Caracterização e hipótese*

Búrzio *{op. cit}* procura dar suporte formalista à idéia de que o sujeito da estrutura-S de verbos inacusativos, os quais se enquadram no arcabouço da Hipótese Inacusativa, é o objeto direito em estrutura-D, propondo que esta hipótese se estenda a outras línguas. Essa idéia formulada pelo autor acerca do argumento que ocupa a posição de sujeito na estrutura-S dos verbos inacusativos ser tematicamente um objeto na estrutura-D foi preponderante para o controle desse grupo de fatores. De modo que a hipótese nesse caso está diretamente relacionada ao grupo de fatores tipo de verbos.

Trabalhos como o de Coelho (2000) em relação à ordem dos constituintes apontam que a inversão do sujeito ocorre preferencialmente no contexto da inacusatividade. Essa condição pode explicar a variação livre desse constituinte, que ora está anteposto ao verbo e ora está posposto. Daí olharmos para tal constituinte, tentando perceber se este contexto poderia vir a favorecer também a variação do QU no SN como constatado na posposição do sujeito em Coelho *{op. cit.}*.

O argumento do verbo inacusativo, geralmente, apresenta um perfil de *tema* (paciente)\*<sup>42</sup>, fato que o relaciona ao perfil do SN em posição de objeto direto de verbos transitivos, sendo que do mesmo modo que codificamos os objetos dos verbos bi-argumentais como argumento interno, usamos o mesmo critério de codificação para o sujeito dos inacusativos, codificando-os como argumentos de natureza interna. Já o sujeito dos verbos bi-argumentais são tratados como argumentos externos e os argumentos que acompanham os cópulas são tratados como *small-clause*. Assim os fatores controlados para esse grupo foram:

a) argumento interno;

(119) ...adorava esses filmes *tudo*. [FLP1L156]

b) argumento externo;

(120) *Todo* navio dava prejuízo. [FLP6L698]

c) *small clause*.

(121) ..ali eram *tudo* casas. [FLP12L293]

### 2.3.3 Resultados e discussão

Como vimos na caracterização dos grupos de fatores *tipo de verbos* e *tipo de argumentos*, ambos os grupos estão correlacionados e, uma vez que sozinhos não foram selecionados ou mesmo eliminados pelo VARBRUL, passamos a analisá-los e concluímos, investigando os níveis das rodadas, que um grupo estava sobrepondo-se ao outro. Diante disso, fizemos o amálgama dos dois grupos e o resultado foi a escolha dessa nova formação

---

<sup>42</sup> Existem divergências entre os termos *tema* e *paciente*. O termo *tema* é usado aqui apenas como um rótulo, reproduzido a partir da lista sugerida por Radford (1988:373 *apud* Miotto et alii (1999)).

como o quinto grupo selecionado pelo programa, cujos resultados apresentamos na tabela (6) abaixo:

|                                | Frequência<br>Aplic./ Total | Percentagem | Peso Relativo |
|--------------------------------|-----------------------------|-------------|---------------|
| TRANSITIVO/EXTERNO             | 31/47                       | 66%         | 0,66          |
| TRANS <sub>in</sub> VO/INTERNO | 53/110                      | 48%         | 0,58          |
| CÓPULA/SMALL CLAUSE            | 31/64                       | 48%         | 0,53          |
| INTRANSITIVO/EXTERNO           | 11/28                       | 39%         | 0,36          |
| INACUSATIVO/INTERNO            | 13/46                       | 28%         | 0,22          |
| <b>TOTAL</b>                   |                             |             |               |

Tabela 6: Distribuição dos grupos de fatores *tipo de verbo* e *tipo de argumento* amalgamados sobre o uso da ordem [QU SN]

Na verdade, os resultados acima apresentam percentuais e pesos relativos acerca da aplicação da regra - [QU SN]. E, considerando-a, temos a dizer que o argumento interno dos transitivos e a *small-clause* dos cópulas foram os contextos mais propícios em termos de variação com os pesos relativos respectivos de 0,58 e 0,53. Inversamente, o resultado acerca dos inacusativos/internos atesta a hipótese de que esse contexto favorece as ordens marcadas. Tais resultados parecem confirmar as hipóteses levantadas anteriormente; contudo, o argumento interno dos inacusativos nesse ambiente mostra-se como contexto inibidor de aplicação da regra. Diante disso, faz-se necessário observar os outros ambientes (em termos percentuais): [SN QU] e [SN...QU], conforme a situação esquemática a seguir.

|   |   |                 |  |
|---|---|-----------------|--|
| Verbo transitivo/ argumento interno     | { | [SN QU] - 49%   |  |
|   |   | [SN...QU]= 3%   |  |
| Verbo <i>cópula</i> <i>small clause</i> | { | [SN QU] = 9%    |  |
|   |   | SN...QU] = 42%  |  |
| Verbo intransitivo/ argumento externo   | { | [SN QU] = 29%   |  |
|   |   | [SN...QU] = 32% |  |

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| Verbo transitivo/ argumento externo  | $\left\{ \begin{array}{l} [\text{SN QU}] = 21\% \\ [\text{SN...QU}] = 13\% \end{array} \right.$ |
| Verbo inacusativo/ argumento interno |   |
|                                      | $\left\{ \begin{array}{l} [\text{SNQU}] = 15\% \\ [\text{SN...QU}] = 57\% \end{array} \right.$  |

Os próximos exemplos ilustram os respectivos ambientes, esboçados no esquema anterior:

- (122) a. ...reformaram *as salas todas* ali embaixo, o auditório, tem o auditório agora, não tinha antes, era só um galpão. [FLPJ14L842]  
b. ... *as salas* reformaram *todas* ali embaixo, o auditório, tem o auditório agora, não tinha antes, era só um galpão.
- (123) a. /*Is famílias todas* eram conhecidas da gente. [FLP22L874]  
b. *As famílias* eram *todas* conhecidas da gente.
- (124) a. *As alunas todas* trabalhavam. [FLP24L606]  
b. /*As alunas* trabalhavam *todas*.
- (125) a. *As irmãs dela tudo* se junta...[FLP7L636]  
b. *As irmãs dela* se junta *tudo*...
- (126) a. ...*nós tudo* nascemos aqui mesmo em Florianópolis. [FLP11L1086]  
b. ...*nós* nascemos *tudo* aqui mesmo em Florianópolis.

O esquema acima com os exemplos permite-nos visualizar a comprovação mais apurada das hipóteses. O fato de obtermos o verbo do tipo bi-argumental, que dispõe de papel temático para o objeto, pode estar atuando fortemente como restrição à ordem [SN...QU], cujo percentual é de 3 %.

A restrição à ordem marcada [SN...QU], na verdade, faz com que resgatemos a questão da colisão temática já discutida. Estamos diante de uma construção complexa. O QU, na estrutura-S, realiza-se sozinho posposto ao verbo; mas, segundo Sportiche (1988), o QU sempre estará adjungido ao SN que modifica, projetando assim imia categoria vazia sob seu escopo, posicionado à direita do QU que pode ser caracterizada como um vestígio (*trace*) do



SN quantificado, movido a uma posição mais alta e a qual o vestígio está ligado. Sendo assim, essa categoria vazia somada ao QU ocupa a posição que seria destinada à posição temática de objeto do verbo bi-argvimental, colidindo assim com tal interpretação.

O esquema ainda mostra a ordem marcada [SN QU] com um percentual equiparável à ordem [SN...QU]. É possível que isso ocorra devido ao fato de estarmos diante da inversão interna ao SN sem exceder os limites de outros constituintes, e, aqui, cabe observar a proposta de Kato e Nascimento (1996), cuja base argumentativa prevê que no PB ocorre esse tipo de fenômeno. Tal conclusão é atestada também por Figueiredo Silva (1996:46) que observa: “tratar-se de uma possibilidade aberta ao PB que lhe permite a ordem NP quantificador dentro do sintagma nominal.” E, se de fato essa possibilidade se restringe ao SN, resta-nos dizer que essa variante não entra em competição com um possível objeto, visto que o SN e o QU estão dentro do SN, ambos antepostos ao verbo ou pospostos a ele, o que justifica o percentual de ocorrência.

## 2.4 *O traço semântico de animacidade dos SNs quantificados*

### 2.4.1 *Caracterização e hipótese*

O quadro delineado para este grupo de fatores possui estreita relação com os grupos de fatores discutidos anteriormente, *tipo de verbos* e *tipo de argumentos*. Em decorrência da hipótese levantada para esses grupos, esperamos encontrar jímto aos inacusativos e cópulas estruturas quantificadas em que o SN apresente, principalmente, traço [- animado] e nos intransitivos, espera-se SNs marcados com traços [+ animados]. Para os transitivos, a posição que os SNs quantificados representam influenciará no tipo de traço: se a posição for de sujeito, espera-se um SN [+ animado], se, por outro lado, for de objeto, espera-se um SN [- animado]. Nossa expectativa é de que os argumentos [+ animados] devam aparecer junto à aplicação da regra: [QU SN], ao passo que os argumentos [- animados] devam ocorrer junto às ordens marcadas: [SN QU] e [SN...QU]. Em fimção disso, investigamos a natureza do SN quantificado quanto a este traço, no sentido de verificar se pode vir a favorecer uma das formas variantes. A partir de então, os fatores controlados estão dispostos assim:

- a) [+ animados];
- b) [- animados];

c) conjunto inanimado com elementos humanos.

Os exemplos correspondentes aos fatores acima relacionados foram codificados como a seguir:

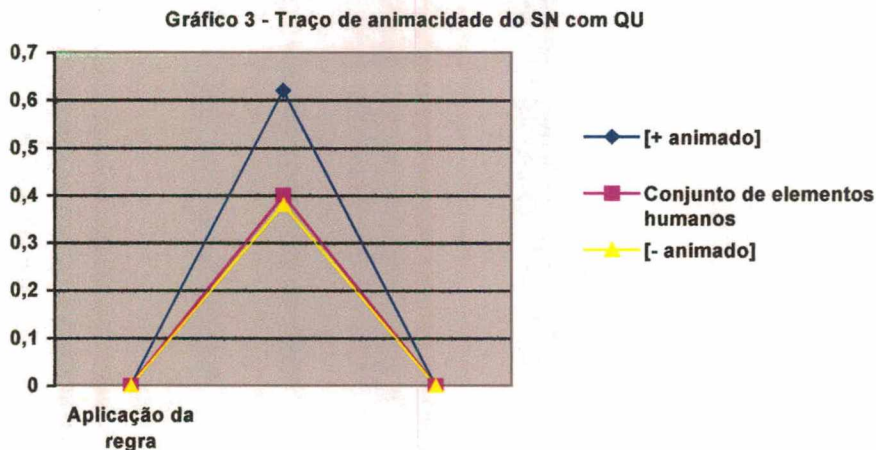
- (127) Nós comíamos *tudo* dentro do barco<sup>43</sup>. [FLP1L810]
- (128) Nós damos *todas* as garantias. [FLP13L298]
- (129) Polícia, Exército, e as Forças Armadas *todas* estavam ali concentradas. [FLP24L637]

#### 2.4.2. Resultados e discussão

A partir da junção dos grupos de fatores tipo de verbos e tipo de argumentos, esperávamos a seleção deste grupo como significativo pelos motivos já descritos na caracterização. Os resultados mostraram sua relevância, selecionando-o como o sexto grupo significativo. Passamos, então, à análise dos resultados, na tabela (7), que podem ser melhor visualizados no gráfico 3.

|                               | Frequência<br>Aplic./ Total | Percentagem | Peso Relativo |
|-------------------------------|-----------------------------|-------------|---------------|
| [+ animado]                   | 75/146                      | 51%         | 0,62          |
| Conjunto de elementos humanos | 14/38                       | 37%         | 0,40          |
| [- animado]                   | 50/111                      | 45%         | 0,38          |
| <b>Total</b>                  | 139/295                     | 47%         |               |

Tabela 7: Distribuição das variantes do grupo de fatores animacidade sobre o uso da ordem [QU SN]



43 As crianças estavam passeando de barco e elas, todas juntas, faziam as refeições no local.

A proximidade de pesos relativos entre *conjunto de elementos humanos* e [- animado], expressos no gráfico 2, sugere averiguarmos qual é a relação semântica existente entre esses dois fatores. Vejamos os exemplos que seguem, sendo o primeiro correspondente ao fator *conjunto com elementos humanos* e o segundo, ao fator [- animado],

- (130) a. Porque *todo governo* nunca oHiou pela classe baixa. [FLP2L275]  
 b. *Todo navio* dava prejuízo...[FLP6L698]

Os SNs quantificados em (130) permitem-nos uma reanálise, visto que o SN em (130a) está mais para o traço [- animado] do que para o traço [+ animado], sugerindo que o rótulo mais adequado ao fator codificado seria *conjunto inanimado com elementos humanos*, o que justifica a proximidade dos percentuais. Isso posto, permiti-nos, então, o amálgama, derivando a tabela 8.

|              | <b>Frequência<br/>Aplic./ Total</b> | <b>Percentagem</b> | <b>Peso Relativo</b> |
|--------------|-------------------------------------|--------------------|----------------------|
| [+ animado]  | <b>75/146</b>                       | <b>51%</b>         | <b>0,62</b>          |
| [- animado]  | <b>64/149</b>                       | <b>43%</b>         | <b>0,39</b>          |
| <b>Total</b> | 139/295                             | 47%                |                      |

Tabela 8: Reanálise da distribuição das variantes do grupo de fatores animacidade sobre o uso da ordem [QU SN]

Como se pode observar, os resultados mostram evidências favoráveis às hipóteses levantadas: os argumentos [+ animados] favorecem a aplicação da regra com peso relativo de 0,62; os argumentos [- animados] preferem o contexto das ordens marcadas, visto que o peso relativo desses argumentos mostrou-se como forte contexto inibidor, desfavorecendo a aplicação da regra, apresentando índice de ocorrência menor.

A conseqüência dos resultados acima obtidos demonstra a estreita ligação do grupo de fatores *traço semântico de animacidade* dos argumentos junto aos grupos: *tipo de verbos* e *tipo de argumento* (interno ou externo), já que a seleção daquele, mostrando a influência junto à ordem do QU no SN, só pode ser constatada a partir do amálgama deles. Para tanto, fizemos o cruzamento, que pode ser observado na tabela 9.

|                        | [+ animado] | %  | [- animado] | %  |
|------------------------|-------------|----|-------------|----|
| Transitivo/ interno    | 14/53       | 26 | 39/53       | 74 |
| Cópula / small clause  | 19/31       | 61 | 12/31       | 39 |
| Intransitivo / externo | 10/11       | 91 | 1/11        | 9  |
| Transitivo / extemo    | 22/31       | 71 | 9/31        | 29 |
| Inacusativo / interno  | 10/13       | 77 | 3/13        | 23 |
| TOTAL                  | 75/139      | 54 | 64/139      | 46 |

Tabela 9: Cruzamento entre o grupo de fatores animacidade com o grupo de fatores amalgamado tipo de verbo e tipo de argumento sobre o uso da ordem [QU SN]

De algum modo, os resultados referentes ao traço de animacidade, neste trabalho, atestam os estudos sobre os tipos de verbos quanto à seleção semântica argumental. Podemos analisar os transitivos que, preferencialmente, selecionam os argumentos [- animados], quando são internos e [+ animados], quando são externos; quanto aos intransitivos, o contexto favorável foi o traço [+ animado] como pressupõe nossa hipótese; e, finalmente, as cópulas e os inacusativos apresentaram percentuais menores em relação ao traço [+ animado], comparando-se aos outros verbos, de modo que, junto aos transitivos, se apresentou como contexto propício para a variação do QU no SN.

### 3 - OS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS

A exposição dos grupos de fatores que compõem as variáveis sociais seguirá a mesma organização dada às variáveis lingüísticas; primeiro abordaremos a caracterização do grupo de fatores e as hipóteses a ele relacionadas, para em seguida, tratarmos da discussão dos resultados

As variáveis externas e as internas não estão dissociadas e acreditamos que sua interação reflete direta ou indiretamente nos estudos dos fenômenos lingüísticos. Com o objetivo de averiguar até que ponto as variáveis externas estão influenciando a nossa pesquisa, observamos que a categorização constituiu-se das seguintes variáveis sociais: idade e escolaridade, as quais serão discutidas a seguir, conforme a ordem de seleção do VARBRUL.

### *3.1.1. Caracterização e hipótese*

A distribuição dos dados obtidos por faixa etária deu-se a partir de jovens, com idade entre quinze e vinte e quatro anos, adultos, entre vinte e cinco e quarenta e nove anos, e idosos, com mais de cinquenta anos.

Partimos da hipótese de que os jovens devem usar mais as ordens marcadas, [SN QU] e [SN...QU], uma vez que as inovações parecem ser mais recorrentes na fala desses informantes e, à medida que os informantes obtenham maior idade, passam a preservar a ordem não-marcada [QU SN]. Segundo Tavares (1999, p. 117), “as formas estigmatizadas geralmente são mais recorrentes na fala de pessoas mais jovens, menos influenciadas pela escola e/ou pelas exigências do mercado de trabalho.” Não podemos afirmar que as ordens marcadas são estigmatizadas, contudo, sabemos que elas estão fora do padrão de ensino abordado nas escolas pela gramática normativa.

A importância da variável idade, tem sido destacada por meio de diversos trabalhos que se utilizaram do Banco de Dados do VARSUL, como por exemplo o de Vazzata-Dias (1996); Loregian (1996); Coan (1997); Tavares (1999); e recentemente o trabalho de Gibbon (2000:113) no qual há a confirmação da hipótese, segundo a qual os falantes mais jovens favorecem o uso da forma inovadora (forma perifrástica) enquanto os mais velhos tendem à utilização do presente do indicativo.

### *3.1.2 Resultados e discussão*

O VARBRUL selecionou, por ordem de relevância, o grupo de fatores idade como o terceiro grupo, considerando os grupos de fatores lingüísticos e os sociais. Em todas as rodadas este grupo foi selecionado como relevante, mostrando sua influência na escolha da ordem do QU no SN no português falado em Florianópolis. Na tabela 10, apresentamos os resultados obtidos para a faixa etária:

|              | Frequência Percentagem |      | Peso Relativo |
|--------------|------------------------|------|---------------|
|              | Aplic./ Total          |      |               |
| + de 50 anos | 40/72                  | 56%  | 0,61          |
| 25-49 anos   | 34/74                  | 46%  | 0,58          |
| 15-24 anos   | 65/149                 | 44 % | 0,41          |
| <b>Total</b> | 139/295                | 47%  |               |

Tabela 10: Distribuição das variantes do grupo de fatores da idade sobre o uso da ordem [QU SN]

Os resultados parecem confirmar a hipótese levantada, visto que o peso relativo 0,41 dos informantes jovens, em relação à aplicação da regra, mostrou-se significativo. Percebemos que os jovens tendem a usar com maior frequência as ordens marcadas, ao passo que os mais velhos empregam, com maior frequência a ordem não-marcada, [QU SN]. Podemos, ainda, observar na tabela 10 que os jovens geralmente usam com maior frequência as estruturas quantificadas; cerca de 149 dados, de um total de (295), pertencem aos informantes jovens. É importante destacar que os que mais aplicam a ordem não-marcada são os mais velhos. Em termos hipotéticos, é possível pensarmos em mudança em tempo aparente, pois há um decréscimo gradual: 0,61 para os informantes com mais de 50 anos, 0,58 para aqueles entre 25-49 e 0,41 para os jovens, apresentam patamares equilibrados.

## 3.2 Escolaridade

### 3.2.1. Caracterização e hipótese

Os dados em análise estão distribuídos em três fatores; informantes com nível primário, ginásio e colegial, que correspondem, respectivamente, ao ensino fundamental (primário e ginásio) e médio (colegial).

A hipótese que cerca esta variável entende que os informantes devem apresentar comportamento diferenciado conforme o grau de escolaridade de cada um, de modo que esperamos encontrar o uso da ordem [QU SN] na fala de pessoas de nível colegial, pois esse uso reflete aquele tido como “correto”, segundo os parâmetros da gramática normativa abordados nas escolas.

A escolaridade foi o quarto grupo selecionado pelo programa VARBRUL como significativo para as ordens não-marcadas [QU-SN] e marcadas [SN QU] e [SN...QU].

### 3.2.2 Resultados e discussão

O fato deste grupo de fatores ter sido escolhido demonstra sua relevância na fala florianopolitana quanto à influência na escolha das variantes da ordem no uso do QU no SN. Vejamos os resultados na tabela 11:

|              | Frequência Percentagem Peso Relativo |            |      |
|--------------|--------------------------------------|------------|------|
|              | Aplic./ Total                        |            |      |
| Ginásio      | 60/116                               | 52%        | 0,61 |
| Primário     | 42/94                                | 45 %       | 0,44 |
| Colegial     | 37/85                                | 44 %       | 0,42 |
| <b>Total</b> | <b>139/295</b>                       | <b>47%</b> |      |

**Tabela 11: Distribuição das variantes do grupo de fatores escolaridade sobre o uso da ordem [QU SN]**

Conforme a tabela, os resultados mostram uma forte tendência ao uso da ordem [QU SN] (aplicação da regra), concentrada no nível ginásial. A leitura desses resultados atesta a não relevância da atuação da escola em relação ao fenômeno sob estudo. Paralelamente a essa leitura, podemos fazer uma análise comparativa fator a fator. Primeiro, os fatores ginásio e primário e, depois, os fatores colegial e ginásio.

A partir da observação dos fatores ginásio e primário, evidencia-se a atuação da escola, visto que o ginásio apresenta em favor à aplicação [QU SN], peso relativo correspondente a 0,61, em oposição ao primário, com peso relativo de 0,44.

Por outro lado, ao analisarmos o nível colegial em oposição ao nível ginásial, a situação apresenta-se invertida, em desfavorecimento ao emprego da aplicação da regra na fala das pessoas mais escolarizadas, do colegial. Isso pode ser uma indicação de que o menor uso dessa ordem não implica que sua variante seja estigmatizada.

Vejamos agora a tabela 12 com o cruzamento dos dois grupos de fatores sociais que foram significativos:

|              | Primário  |    |      | Ginásial  |    |      | Colegial |    |      |
|--------------|-----------|----|------|-----------|----|------|----------|----|------|
|              | ApL/total | %  | PR   | Apl/total | %  | PR   | ApUtotal | %  | PR   |
| 15-24 anos   | 120/47    | 43 | 0,31 | 26/58     | 45 | 0,44 | 119/44   | 43 | 0,45 |
| 25-49 anos   | mi        | 36 | 0,54 | 20/34     | 59 | 0,58 | 6/18     | 33 | 0,71 |
| + de 50 anos | 14/25     | 56 | 0,70 | 14/24     | 58 | 0,67 | > 12/23  | 52 | 0,44 |

Tabela 12 - Atuação da idade com escolaridade sobre o uso da ordem [QU SN]

Analisando os fatores sociais selecionados, idade e escolaridade, percebemos que no fator *idade* os mais jovens parecem estar usando, preferencialmente, as ordens marcadas; enquanto, os informantes mais velhos fazem uso das ordens não-marcadas. Contudo, a variação está presente nas três faixas etárias.

Em relação ao grupo de fatores *escolaridade*, se que de um lado, a comparação entre o ginásio e o primário parece apontar para a atuação da escola; por outro, o colegial e o ginásio indicam a não relevância da escolaridade, o que nos leva a pensar na possibilidade de que as variantes da ordem do QU no SN não se encontram estigmatizadas. Contudo, como já havíamos observado na tabela 11, traz situações polarizadas em que a escolaridade só não influencia a fala dos mais jovens, mas a faixa dos adultos sim: vemos que o nível colegial favorece [QU SN] com 0,71. Já para os mais velhos o PR mais alto associa-se ao primário.

Trabalhos como os de Vazzata-Dias (1996); Fernandes (1996); Loregian (1996); Naumann (1996) atestam a importância das variáveis escolaridade e idade como fatores de influência junto à investigação de fenômenos lingüísticos nos estudos de variação no português falado em Florianópolis. Sob esse ponto, o nosso trabalho insere-se no contexto dessas pesquisas realizadas com o Banco de Dados do VARSUL de Florianópolis.



#### 4 - CONCLUSÕES PARCIAIS

O fato de o programa estatístico selecionar seis grupos de fatores demonstra que a significância, associada aos fatores lingüísticos e sociais, atua aliando forças de natureza diferentes a fim de condicionar a escolha das ordens variantes em questão.

Retomemos os resultados mais relevantes das tabelas anteriores, agora em dois grandes blocos: o dos fatores lingüísticos e o dos sociais, opondo a ordem [QU SN] às ordens marcadas [SN QU] e [SN...QU]. A tabela 13 corresponde aos fatores lingüísticos e a tabela 14 aos sociais.

|                     |   | [QU SNI      |    | [SN QUJ / [SN...QU1 |    |
|---------------------|---|--------------|----|---------------------|----|
|                     |   | Apl. / Total | %  | Apl. / Total        | %  |
| Pers as<br>te, P, O | Todo (a)<br>(s)                           | 128/209      | 61 | 81/209              | 39 |
|                     | Tudo                                      | 11/86        | 13 | 75/86               | 87 |
| Q d e<br>O ns / S   | Indireta                                  | 24/31        | 77 | 7/31                | 23 |
|                     | Tópico                                    | 12/16        | 75 | 4/16                | 25 |
|                     | Direta                                    | 103/248      | 42 | 145                 | 58 |
| O de<br>H e         | Transitivo/<br>interno                    | 53/110       | 48 | 57                  | 52 |
|                     | Cópula /<br><i>small</i><br><i>clause</i> | 31/64        | 48 | 33                  | 52 |
|                     | Intransitivo<br>/ extemo                  | 11/28        | 39 | 17                  | 61 |
|                     | Transitivo /<br>extemo                    | 31/47        | 66 | 16                  | 34 |
|                     | Inacusativo<br>/ interno                  | 13/46        | 28 | 33                  | 72 |
| Ano<br>da<br>da     | [+<br>animado]                            | 75/146       | 51 | 71                  | 49 |
|                     | [- animado]                               | 64/149       | 43 | 85                  | 57 |

Tabela 13: Frequência geral da ordem do QU no SN segundo os grupos lingüísticos selecionados

Focalizando os fatores lingüísticos, podemos dizer que o grupo de fatores *a forma do QU* foi selecionado em todas as rodadas realizadas como o primeiro grupo. O que se mostrou interessante nesse grupo foi a clara preferência contextual. A ordem não-marcada [QU SN] tem como ambiente preferencial a forma *todo (a) (s)*, ao passo que as ordens marcadas, a forma *tudo*.

A correlação entre as ordens marcadas e a forma *tudo* merece menção especial, uma vez que a nossa principal hipótese pontuou o uso das variáveis, dando destaque à questão do ser ou não *marcado*, no sentido de uma das variantes estar entrando na língua inovando e incitando à variação, conforme descrito no capítulo I e, sob esse aspecto, a forma *tudo* também parece delinear a inovação. Daí a relação direta entre aquilo que é marcado ser também inovador. E talvez, com o passar do tempo, a freqüência das ordens aliada às formas mudem e, com isso, a metalinguagem “marcada” seja construída, novamente, a partir de uma nova freqüência. Em suma, o que hoje é “marcada” e “inovadora”, amanhã pode não o ser.

Outro grupo, insistentemente selecionado nas rodadas, foi *a ordem dos constituintes*. Nesse contexto, confirmou-se a hipótese de que, no PB, o ambiente mais propício à variação foi a ordem SVO, característica de nossa língua. Entretanto, atestamos uma forte relação entre as ordens marcadas e a ordem indireta. *A ordem dos constituintes* proporcionou-nos, ainda, outras reflexões, como a das construções topicalizadas quantificadas. Em suas realizações, houve o favorecimento ao uso da ordem [QU SN] em constituintes concebidos como objetos que estavam em posição de tópico.

Tínhamos expectativas acerca do grupo *tipos de verbos*, e, no entanto, ele não foi selecionado. A partir do amálgama feito entre esse grupo e o grupo *tipos de argumentos*, obtivemos resultados mais animadores. Além do grupo amalgamado ser selecionado, outro grupo com fortes correlações a ele também o foi; a animacidade. Os três grupos compartilham particularidades, que fazem com que eles se interrelacionem. Daí sua seleção. Em relação ao fator *animacidade* do SN, o traço [+ animado] tem como contexto favorável a ordem [QU SN], que também é privilegiada nas construções transitivas. Do contrário, a ordem [SN QU] (ou [SN...QU]) é favorecida em construções inacusativas; principalmente, quando o SN é marcado com traço [- animado].

A análise junto do grupo tipo de verbos possibilitou-nos atestar a restrição para a ordem [QU...SN] com verbos bi-argumentais, uma vez que seu uso incide, provavelmente, na colisão temática.

A tabela 14 está relacionada à tabela 12, na qual fizemos o amálgama dos grupos sociais selecionados com o intuito de verificar a possível interferência do grupo de fatores *idade* no grupo de fatores *escolaridade*.

|              |              | [QU SN]      |    | [SN QU] / [SN...QU] |    |
|--------------|--------------|--------------|----|---------------------|----|
|              |              | Apl. / Total | %  | Apl. / Total        | %  |
| Idade        | + de 50 anos | 40/72        | 56 | 32/72               | 44 |
|              | 25 - 49 anos | 34/74        | 46 | 40/74               | 54 |
|              | 15-24 anos   | 65/149       | 44 | 84/149              | 56 |
| Escolaridade | Ginásio      | 60/116       | 52 | 56/116              | 48 |
|              | Primário     | 42/94        | 45 | 52/94               | 55 |
|              | Colegial     | 37/85        | 44 | 48/85               | 56 |

Tabela 14: Frequência geral da ordem do QU no SN segundo os grupos sociais selecionados

A interferência não foi constatada, atestando apenas o desfavorecimento do emprego da ordem [QU SN] por parte das pessoas mais escolarizadas e indicando que a ordem variante não implica em sua estigmatização.

Os resultados mostram a atuação tanto dos fatores lingüísticos como dos fatores sociais como relevantes à variação, visto que, independentemente, do favorecimento de uma ou outra ordem, a variação está presente em todos os níveis.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Nestas considerações finais, resgatamos, de forma sintética, os pontos principais abordados em cada um dos capítulos anteriores e enumeramos algumas contribuições alcançadas por este trabalho. Propomos, ainda, desdobramentos futuros a partir de algumas constatações atestadas ao longo da dissertação e que necessitam de maior investigação.

Retomando o nosso objeto, observamos que o QU se posiciona em diversos pontos na estrutura sentencial, realizando-se sob as formas todo(a), todos(as) e tudo. Tal idiosincrasia desse quantificador, atestada nesse estudo, já foi observada também em línguas como o inglês e o francês, sendo chamado de quantificador flutuante como observa Pollock (1988).

A fim de investigar essa flutuação, descrevemos no primeiro capítulo o que entendemos do objeto investigado, considerando, em linhas gerais, o posicionamento de alguns autores a respeito do fenômeno da quantificação. Apresentamos, também, o trabalho que deu origem a este estudo, visto que tal trabalho tratava das formas de realização do QU e , ao final do capítulo, delimitamos a natureza do objeto, a ordem do QU, e direcionamos os encaminhamentos com o propósito de privilegiar a conciliação teórica, que fundamenta toda esta pesquisa.

No segundo capítulo, propusemos, então, a conciliação teórica entre a Teoria da Variação e a Teoria Gerativa, com o intuito de enriquecer o tratamento dado à interpretação do fenômeno, privilegiando uma linha de pesquisa dentro da paramétrica. O nosso objetivo foi o de tentar respaldar teoricamente os diversos fatores que condicionam uma ou outra ordem do QU no SN ao longo da estrutura sentencial. A seguir, apresentamos as possibilidades de interpretação semântica do QU. Para essa discussão, trouxemos à baila alguns teóricos, com o propósito de atestar a existência de dois grupos semânticos: específicos e genéricos.

Enç (1991) propõe um tratamento para o QU do ponto de vista apenas da especificidade. Para isso, a autora utilizou-se do turco, língua com morfologia rica, para

ilustrar que, a partir da atribuição de Caso acusativo aos SNs com QU, temos também a interpretação específica, ao passo que em línguas como o inglês que não dispõem de morfologia rica, a especificidade só se resgata a partir do discurso contextualmente relevante. Em Diesing (1992), a interpretação ocorre em tomo de ser ou não existencial; ela explicada os genéricos por meio de propriedades gerais atribuídas pelos predicados aos seus sujeitos. Em Vazzata-Dias (no prelo), encontramos o estudo semântico que concilia essas autoras, com o propósito de analisar as sentenças quantificadas do PB. Dentro da perspectiva existencial, a abordagem de Larson «fe Segai (1995) propõe ser a quantificação processo que se realiza sobre o ato de apontar, de modo que a falta do que está sendo apontado pode querer dizer que estamos diante de algo que não pode ser quantificado, estabelecendo-se a relação de que aquilo que é quantificado deve ter existência.

No quarto capítulo, foram apresentados os procedimentos metodológicos, nos quais nos detivemos a apresentar a variável dependente e delimitamos os contextos restritivos para proceder à coleta de dados. Realizamos, também, a caracterização dos informantes e comentamos a utilização do programa estatístico (VARBRUL) nesta pesquisa.

Depois, analisamos os resultados obtidos pelo programa estatístico, efetuando a caracterização e a discussão dos grupos de fatores selecionados. A análise realizada mostrou que o uso da ordem não-marcada [QU SN] está presente na fala fiorianopolitana, atestando a hipótese de que essa ordem é a mais recorrente; contudo, apresenta variação sistematicamente condicionada, visto que o programa estatístico selecionou seis grupos de fatores entre lingüísticos e sociais.

Evidentemente, as formas variantes apresentaram preferência contextual. Em relação ao grupo selecionado *forma do QU*, a ordem não-marcada [QU SN] realiza-se no contexto da forma *todo (a) (s)*; de maneira contrária, as ordens marcadas [SN QU] e [SN...QU] são os contextos preferenciais da forma *tudo*. Como esboçamos anteriormente, as ordens marcadas revelam possível inovação no sistema e, ao aceitar complementos nominais, segundo Figueiredo Silva (1996:81), a forma *tudo* também se insere como mais uma das inovações do sistema. Inovação gera inovação.

Quanto à ordem dos constituintes, confirmou-se a hipótese de que a ordem direta (SVO), característica do PB, é o ambiente mais propício à variação, existindo forte relação entre a ordem marcada e a ordem indireta.

Os grupos de fatores *tipos de verbos, tipos de argumentos e animacidade* estão interrelacionados. As hipóteses que abrangem esses grupos, foram atestadas a partir do amálgama feito entre os dois primeiros. As particularidades compartilhadas por esses grupos de fatores se evidenciaram como contexto favorável para a ordem [QU SN] com o traço [+animado], privilegiando também as construções transitivas; já o contexto favorável para as ordens [SN QU] e [SN...QU], favorece as construções inacusativas, quando o SN é marcado com o traço [-animado].

Com respeito à variação da ordem do QU no SN do ponto de vista dos fatores sociais, os resultados mostram o uso da ordem não-marcada como a mais recorrente nas três faixas etárias, apontando maior tendência desse uso pelos mais velhos, indicando que os jovens inovam mais. O grupo de fatores escolaridade não atestou a hipótese de que os mais escolarizados apresentariam o maior uso da ordem [QU SN] para a faixa etária dos jovens, uma vez que esse uso reflete aquele tido como “correto”, segundo a gramática normativa. Já para os adultos, os resultados *apontam* para a comprovação da hipótese quando comparados os fatores colegial e primário. Este resultado indica que o menor uso dessa ordem não implica estigma da sua variante.

Diante dos resultados apresentados nesta pesquisa, devemos considerar que existem motivações sintáticas, semânticas e sociais contribuindo para a flutuação do QU no português de Florianópolis, apontando para uma complementariedade, o que mostra a necessidade de outras pesquisas que possam averiguar, por meio de análises comparativas, se tais motivações também estão presentes em outras regiões do Brasil, bem como em línguas como o inglês e o francês, por exemplo.

A seguir, elencamos algumas contribuições obtidas, que julgamos importantes, a partir deste estudo:

- > Estudo variacionista da ordem do QU no SN na fala florianopolitana, no qual se constatam motivações várias atuando na flutuação do fenômeno.
- > A proposta de traços semânticos diferentes para quantificação distinta: quantificação existencial = específico; quantificação não-existencial = genérico.
- > A estreita relação entre as formas variantes da ordem marcadas [SN QU] e [SN...QU], tidas como inovadoras, e a forma de realização do QU no SN *tudo*.

No decorrer de nossa investigação, alguns desdobramentos surgiram para futuras investigações:

- > Verificar se o aparecimento acentuado do QU *in situ* pode estar relacionado ao mesmo fenômeno, observado por Lopes Rossi (1996), que ocasiona o aparecimento do WH *in situ*. A hipótese é a de que o movimento ou não do verbo para o núcleo flexional propicia a variação da ordem desses tipos de constituinte. Alguns trabalhos recentes apontam, além do desuso dos clíticos, o uso acentuado da próclise no PB e da ênclise no português de Portugal (cf. Kato e Nascimento, (1996)), ambos envolvendo a variação da ordem dos constituintes. Segundo esses autores, a zona central da estrutura sentencial no PB difere do português de Portugal, apresentando mudanças de parâmetro.
- > Utilizar dados a fim de investigar a discussão acerca dos verbos *ser* e *ter* de um lado e o verbo *estar* do outro. Os primeiros, semanticamente, parecem apresentar características mais permanentes, o que ocasionaria a interpretação genérica. Em contrapartida, o verbo *estar* possibilita-nos interpretação que se caracteriza por ser mais temporária ou transitória, favorecendo a interpretação existencial. Talvez a questão deva ser averiguada sob o ponto do aspecto verbal, ou seja, a interpretação desses tipos de predicados poderia ser discutida dentro do aspecto acabado V5 inacabado.
- > Testar com *corpus* mais amplo, preferencialmente, abrangendo cidades de outros estados, a questão da quantificação existencial e não-existencial, com a hipótese de que o que chamamos de quantificação universal seja algo que possamos apontar em um determinado contexto e o que chamamos de quantificador genérico seja algo que não possamos apontar.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALLWOOD, J. *et al. Logic in linguistics*. Cambridge: Cambridge Textbooks in linguistics, 1977.
- BACK, A. C. Di P. *As formas do quantificador universal no português florianopolitano*. Trabalho apresentado na disciplina de Sociolinguística. UFSC; Florianópolis, 1997. (mimeo)
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1987.
- BELLETTI, A. *The case of unaccusatives*. IN: Linguistic Inquiry, Vol. 19, no.1, inverno, 1988.
- BERLINCK, R de A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem*. IN: Tarallo, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, Pontes, 1989.
- BRAGA, M. L. *A concordância de números do sintagm nominal no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro. PUC, Departamento de Letras, 1977, 88 fl. Mimeo. Dissertação de mestrado em Linguística.
- BURZIO, L. *Italian Syntax, Reidel, Dordrecht. 1986*.
- CAMARA Jr., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CASTILHO, C. M. M. de. *Quantificadores indefinidos: observações para uma abordagem sintática*. IN: Castilho, A. T. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. III. Campinas, SP, editora da UNICAMP; São Paulo, FAPESP, 1996.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1979.
- CHOMSKY, Noan. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981
- \_\_\_\_\_. *Barries*. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1986
- COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que) perfeito*. Florianópolis: UFSC, 1997. Dissertação de Mestrado.



- COELHO, I. L. *Um estudo dos verbos mono-argumentais na fala de Florianopolitanos*. Trabalho apresentado no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul, Porto Alegre, 1996. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. *O caráter da posposição do SN em construções mono-argumentais no português falado em Florianópolis*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística. Aveiro, Portugal, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A posposição do SN em construções mono-argumentais*. Florianópolis: UFSC, 2000. Tese de Doutorado
- CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S. A., 1978.
- DIESING, M. *Bare plural subjects and the derivation of logical representations*. IN: *Linguistic Inquiry*. Vol. 23, No. 3, Summer 1992.
- \_\_\_\_\_. *Indefinites*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1992.
- DUARTE, M. E. L. *Variação e Sintaxe: Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*, PUC-SP, Dissertação de Mestrado, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. IN: TARALLO, F (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas; Pontes, 1989. P. 19-34.
- \_\_\_\_\_. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A sociolingüística paramétrica: perspectivas*". IN Hora, D. & Cristiano, E. (orgs. ). *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. Ed. Idéia Ltda, 1999.
- ENÇ, M. *The semantics of specificity*. IN: *Linguistic Inquiry*. Vol 22 (1); 1-25, 1991.
- FERNANDES, M. *Concordância nominal na região sul*. Florianópolis: UFSC, 1996 (Dissertação de Mestrado)
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro. Frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- GIBBON, A. de O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Florianópolis: UFSC, 2000. Dissertação de Mestrado.

- HAEGEMAN, L. *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford, Blackwell, 1994.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- KATO, M. A. *Teoria sintática: de um perspectiva de '-ismos' para uma perspectiva de 'programas'*. D.E.L.T.A.. Vol. 13, No. 2, p. 275-289, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os frutos de um projeto herético: Parâmetros na variação intra-lingüística*. IN: Hora, D. & Chiristiano, E. (org.). *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. Ed. Idéia Ltda. 1999.
- KATO, M. et alli. *Preenchimentos sintáticos nas fronteiras de constituintes*. IN: Castilho, A. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. III. Campinas, SP. Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993.
- KATO, M. & NASCIMENTO, M. *Preenchedores aspectuais e o fenômeno da flutuação dos quantificadores*. IN: Castilho & Basílio (org.). *Gramática do português falado*. Vol. IV, Campinas, SP. Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- KAYNE, R. *French Syntax: the Transformation Cycle*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1975.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- \_\_\_\_\_. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972b.
- \_\_\_\_\_. *On the use of the present to explain the past. Estratto de Linguistics at the crossroads*. Liviana Editrice-Jupiter Press, 1975.
- \_\_\_\_\_. *The overestimation of functionalism*. In: DIRVEN, R. & FRIED V. (L. Functionalism in Linguistics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987. P 331-332
- \_\_\_\_\_. *Where does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera*. In: Working Papers in Sociolinguistics, nº 44, 1978.
- \_\_\_\_\_. "Resolving the neogrammarian controversy". *Language*, 57, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change - internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

- LARSON, R. & SEGAL, G. *Knowledge of Meaning – Na Introduction to Semantics Theory*. Cambridge Press, 1995.
- LAVANDERA, B. *Where does the Sociolinguistics Variable Stop?* IN: Language Society, 7. Printed in Britain, 1977.
- LOPES ROSSI, M. A.G. *Estudos diacrônicos sobre as interrogativas do português do Brasil*. In. ROBERTS, I e KATO, M.<sup>a</sup> (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português*. Campinas: UNICAMP/IEL, 1996. Tese de Doutorado.
- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, UFSC, 1996 (Dissertação de Mestrado).
- LUFT, C. P. *Gramática Resumida*. Porto Alegre: Globo, 1985
- LYONS, J. *Semantic 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, Volume II
- \_\_\_\_\_. *Semântica 1*. Lisboa, Editorial Presença/ Martins Fontes, 1980.
- MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da língua portuguesa*. 4<sup>a</sup>. Edição, Coimbra, Editorial Caminho SA, 1989.
- MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- MENDES DE ALMEIDA, N. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1981.
- MIOTO, C. et alli. *Manual de sintaxe*. Florianópolis, Ed. Insular, 1999.
- MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. UFRJ: Cadernos Didáticos, 1991-1994.
- NARO, A. J. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. IN: Mollica, M. C. (org). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992.
- NAUMANN, I. M. L. *Construções bi-transitivas em português: forma e função*. Florianópolis, UFSC, 1996 (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, M. A. *Variável lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical*. D.E.L.T.A.. Vol. 3, no. 1, 1987.

- PAIVA, M. DA C. *Sexo*. IN: MOLLICA, M. C. (org.). Introdução à sociolinguística Variacionista. UFRJ: Cadernos Didáticos, 1994.
- PERINI, M. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1996.
- PERLMUTTER, D. *Impersonal passive and the unaccusative hypothesis*. IN: J. Jaeger et alli. (eds). Proceedings from the IV Annual Meeting of the BLS. Berkeley, California, 1978.
- PINTZUK, S. *O Pacote VARBRUL*. 1988.(mimeografado)
- POLLOCK, J. Y. *Verb movement, universal grammar, and the structure of Linguistic Inquiry*. Vol. 20, no. 3, p. 364-424, 1989.
- PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo, Ática, Brasília, INL, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, Pontes, 1987.
- POSSENTI, S. *Ordem e interpretação de alguns advérbios do português*. IN: Ilari, R. (org.) Gramática do português falado. Vol. II. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1993.
- RAMOS, J. *Sociolinguística paramétrica ou variação paramétrica?* IN: Hora, D. & Christiano, E. (org.). Estudos lingüísticos: realidade brasileira. Ed. Idéia Ltda. 1999.
- RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa, Editora Caminho, 1992.
- SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SCHERRE, M.M.P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ:1978.
- \_\_\_\_\_. *A regra de concordância de número entre os elementos dos SN*. IN: NARO, A. J. et al. Relatório final de pesquisa apresentado ao INEP. Rio de Janeiro. UFRJ, Faculdade de Letras, 1985. (mimeografado)
- \_\_\_\_\_. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988. (Tese Doutorado em Letras).

- \_\_\_\_\_. *Restrições Sintáticas e Semânticas no Controle da Concordância Verbal em Português*. IN: Fórum Lingüístico, vol. 1 – Pós-graduação de Lingüística da UFSC, PP. 45-47.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1993. (mimeo)
- SIMÕES, A. M. *Movimento de quantificadores em Português*. Campinas: UNICAMP, 1974. Dissertação de Mestrado.
- SPORTICHE, D. *A theory of floating and its corollaries for constituent structure* Linguistic Inquiry. Vol. 19, no. 3, 1988.
- TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos - itinerário histórico da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Por uma sociolingüística paramétrica: fonologia e sintaxe*. Ensaio de Lingüística. Vol. 13, Minas Gerais, Faculdade de Letras, UFMG, 1987.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes/Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística*. Organón. Vol. 5, no. 18, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Preenchimentos em fronteiras de constituintes II: uma questão de variação interna, externa, ou um caso de variação individual?* IN: Castilho. A. T. (org.) Gramática do português falado. Vol. III. Campinas, SP, editora da UNICAMP/FAPESP, 1993c.
- \_\_\_\_\_. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1997.
- TAVARES, M.A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado.
- VAZZATA-DIAS, J.F. *A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos na fala da região sul: um estudo variacionista*. Florianópolis, UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.
- \_\_\_\_\_. *Todos (as)/tudo/todo(a) no PB – um estudo semântico*. Florianópolis, UFSC, 1999 (mimeo).

\_\_\_\_\_. *A concordância de número nos predicativos/participios passivos na fala do sul do Brasil – motivações extralingüísticas*. Florianópolis, (inédito).

WEINER, J. & LABOV, W. *Constraints on the agentless passive*. *Journal of Linguistics*, 19(1), 1983 [1977], (29-58).

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. IN: Lehmann, W. P. & Malkiel, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.